



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARIA TERESA CALLEYA MANOEL ASSUNÇÃO

**Espiritualidade juvenil centrada em Jesus Cristo.
Uma reflexão à luz da Unidade dois do 6.ºAno: «Jesus, um
Homem para os outros»**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:**

Mestre Cristina Sá de Carvalho

Prof. Doutor Alexandre Palma

Lisboa

2021

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta etapa e o objetivo alcançado tardiamente obriga a um agradecimento profundo a todos e a todas quantos tornaram possível a sua concretização.

Em primeiro lugar, um obrigado aos professores da Universidade Católica Portuguesa, particularmente aos professores Cristina Sá Carvalho e Alexandre Palma pela orientação e disponibilidade. Ao diretor Frei José Silvestre Silva e professor orientador-cooperante, Hélder Silva, um agradecimento pelo acolhimento no Externato da Luz e pelo tempo despendido. Manifesto ainda o meu agradecimento ao SNEC, cujo apoio permitiu a realização deste Mestrado, com todos os condicionamentos os quais não teria tido a capacidade de me envolver nesta etapa. Aos colegas e amigos que sempre insistiram, para que o começado não acabasse. À família, naturalmente me reconheço agradecida por todo o apoio, a começar pelo meu avô materno que foi o meu inspirador e pilar de exemplo de vida cristã assim como o meu pai que estudou no seminário de Santarém. Por fim, ao João Clara, Joana e Margarida Clara, marido e filhas, porque sem eles nada teria sido possível. A todos e a todas um grande Obrigado.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	1
ABSTRACT	2
ABREVIATURAS E SIGLAS	3
INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO 1	6
ANÁLISE DA LECIONAÇÃO PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE LETIVA	
2: «JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS»	6
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA UNIDADE LETIVA	6
1.1. No Programa de EMRC	6
1.2. Caracterização da Escola: o Externato da Luz	7
1.3. Experiência em contexto escolar	9
1.4. Experiência em contexto de sala de aula	10
2. UNIDADE LETIVA 2 DO 6º ANO: «JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS»	12
2.1. Os diferentes momentos didáticos: Planificações de nível IV e Reflexão sobre as aulas	
.....	14
3. ANÁLISE E REFLEXÃO DO TRABALHO REALIZADO DURANTE A PRÁTICA DE ENSINO	
SUPERVISIONADA	44
CAPÍTULO 2	47
JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS	47
1. A SITUAÇÃO POLÍTICA E RELIGIOSA DA PALESTINA NO TEMPO DE JESUS CRISTO	47
1.1. A situação política	48
1.2. A situação social e religiosa.....	49
2. JESUS CRISTO E O SEU EVANGELHO	54
2.1. O nascimento de Jesus	54
2.2. A pregação de Jesus	55
2.2.1. O anúncio do Reino.....	57
2.2.2. As parábolas	59
2.2.3. Os gestos de Jesus	61
2.2.4. A morte de Jesus	64
2.2.5. A ressurreição de Jesus	66

CAPÍTULO 3	68
UMA REFLEXÃO À LUZ DA UNIDADE LETIVA DOIS: «JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS»	68
1. O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS	68
1.1. Ser Humano, Cultura, Religião e EMRC na sua dimensão relacional.....	69
1.2. O perfil do professor de EMRC	71
1.3. O contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento humano e espiritual das crianças e dos jovens.....	74
2. DESAFIOS E PROPOSTAS	75
2.1. Necessidade de uma proposta para um projeto de Espiritualidade Juvenil	76
2.1.1. Uma espiritualidade que celebre e transfigure a vida terrena	77
2.1.2. Uma espiritualidade que ajude os jovens a ser livres e criativos	77
2.1.3. Uma espiritualidade que eduque para o olhar contemplativo	78
2.2. Uma espiritualidade orientada para a ação e para o compromisso	79
2.2.1. A novidade do «acontecimento Cristo»	79
CONCLUSÃO	81
BIBLIOGRAFIA	85
ANEXOS	90
Anexo 1: Esquema do ano litúrgico	90
Anexo 2: Onde nasceu Jesus?	90
Anexo 3: Imagem de Jesus	91
Anexo 4: Jesus é a luz do mundo.....	91
Anexo 5: «O Príncipe do Egito»	92
Anexo 6: «O Príncipe do Egito»	92
Anexo 7: Exemplos de vida	93
Anexo 8: Oração de São Francisco de Assis	94
Anexo 9: O fariseu e o cobrador de impostos.....	94
Anexo 10: «Heal the world»	94
Anexo 11: Grupos religiosos no tempo de Jesus	95
Anexo 12: A oração de Jesus no Getsémani	95
Anexo 13: A condenação de Jesus pelo tribunal romano	96
Anexo 14: Anagrama	96
Anexo 15: O amor universal	97
Anexo 16: Ficha de consolidação de conteúdos	97

Anexo 17: Ficha de apoio sobre os símbolos da Páscoa.....	98
Anexo 18: Amar os outros	99
Anexo 19: A existência de Deus	99
Anexo 20: Ficha de Avaliação Sumativa.....	100
Anexo 21: Quaresma	105
Anexo 22: «Missão em serviço».....	105
Anexo 23: «Oração Comunitária da Quaresma»	106

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Planificação da Aula 1 da UL 2	16
Quadro 2 - Planificação da Aula 2 da UL 2	19
Quadro 3 - Planificação da Aula 3 da UL 2	23
Quadro 4 - Planificação da Aula 4 da UL 2	26
Quadro 5 - Planificação da Aula 5 da UL 2	29
Quadro 6 - Planificação da Aula 6 da UL 2	32
Quadro 7 - Planificação da Aula 7 da UL 2	35
Quadro 8 - Planificação da Aula 8 da UL 2	38
Quadro 9 - Planificação da Aula 9 da UL 2	40
Quadro 10 - Planificação da Aula 10 da UL 2	42
Quadro 11 - As parábolas de Jesus	60

RESUMO

O presente relatório é um itinerário que pretende transmitir a mensagem inerente e central da Pessoa de Jesus Cristo, assim como Jesus na Sua vida, na Sua história e as repercussões que trouxe ao mundo inteiro e que veio dar sentido ético ao nosso agir quotidiano. Num tempo em que a palavra é relativizada, depois de uma reflexão cuidada sobre a Prática de Ensino Supervisionada, é importante que a disciplina de EMRC-Educação Moral e Religiosa Católica, saiba ajudar os educandos a encontrarem-se com Jesus, Aquele que nos ensina a viver e a crescer interiormente, orientando-nos para uma vida autêntica e comprometida. É minha, a preocupação como professora de Educação Moral e Religiosa Católica estimular em cada aluno, crente e não crente, a partir da vivência de situações concretas do quotidiano, o significado da vida, a iluminá-lo, à luz de Jesus Cristo, como O paradigma supremo da educação. Ele é a Verdade, a Vida, o Caminho, a Luz, para a evangelização que se vive e se testemunha, a Palavra Encarnada do Amor Salvífico de Deus que se vive hoje e está presente há mais de dois mil anos em toda a História da Salvação.

PALAVRAS-CHAVE: Jesus Cristo; Espiritualidade, Encarnação; Interioridade; Itinerário; Educação Moral e Religiosa Católica.

ABSTRACT

This report is a journey that seeks to spread the inherent and central message of the Person of Jesus Christ, as well as Jesus in His life, in His history and the repercussions he has brought to the whole world and which has come to give ethical meaning to our daily action. At a time when the word is relativized, after careful reflection on the Practice of Supervised Teaching, it is important that the discipline EMRC-Catholic Moral and Religious Education, know how to help students meet Jesus, the One who teaches us to live and grow inwardly, guiding us to an authentic and committed life. It is mine concern, as a teacher of Catholic Moral and Religious Education stimulate in every student, believer and non-believer, from the experience of concrete situations of daily life, the meaning of life, to illuminate it, in the light of Jesus Christ, as The supreme paradigm of education. He is the Truth, the Life, the Way, the Light, for the evangelization that is lived and witnessed, the Incarnate Word of The Saving Love of God that is lived today and has been present for more than two thousand years throughout the history of salvation.

KEYWORDS: Jesus Christ, Incarnation; Spirituality; Interiority; Itinerary; School Religious Education.

ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Conferência Episcopal Portuguesa
EMRC	Educação Moral e Religiosa Católica
OFM	Ordem dos Frades Menores
PES	Prática de Ensino Supervisionada
SNEC	Secretariado Nacional da Educação Cristã
UL	Unidade Letiva

INTRODUÇÃO

O presente trabalho realizado no contexto do Mestrado em Ciências Religiosas, especialização em Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), tem como finalidade elaborar uma reflexão sobre a Unidade Letiva (UL) 2, do 6.º ano, do Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, norteadas pela temática: «Jesus, um Homem para os outros», em que se pretende transmitir a mensagem inerente e central da Pessoa de Jesus de Nazaré, na Sua vida, na Sua história, e as repercussões advenientes na Humanidade, dando sentido moral, religioso e ético ao nosso agir quotidiano.

No tempo vigente, em que a palavra é relativizada, é sumamente importante que a disciplina de EMRC, saiba dar respostas às grandes questões que muitos dos nossos educandos se colocam.

A lecionação da UL 2 do sexto ano – «Jesus, um Homem para os outros», constitui-se como contributo potencialmente relevante para o despertar da valorização da interioridade nos adolescentes e jovens, oferecendo racionalidade e razoabilidade à sua formação cultural, ética e social. Por sua vez, oferece uma formação integral, que os capacita a construir uma «chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história», a identificar o núcleo central do Cristianismo e do Catolicismo, a reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso, visando a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano.

A experiência de aplicação dos conteúdos da disciplina de EMRC, bem como as mudanças socioculturais que a sociedade comporta, questionam-nos sempre quanto à forma de se conseguir transmitir e mobilizar os valores humano cristãos, na orientação comportamental em situações do quotidiano, em que se deve dar uma atenção especial à comunicação, ao uso da linguagem nas salas de aula para que estas não se tornem catequéticas. Tendo em conta o mundo cultural instável em que vivemos, eu pergunto-me como educadora, quais os caminhos e estratégias que me possam permitir realizar ou que sejam mais ajustáveis para que consiga motivar em cada aluno a admiração, o amor, a abertura ao mistério da fé centrado em Jesus.

Trata-se de um tema complexo, no entanto tentei criar as condições essenciais para que cada educando pudesse experimentar o Cristo vivo da fé, mostrando que há duas formas de conhecer Jesus, uma vinculada à cultura religiosa - EMRC, e outra vinculada ao encontro pessoal com Jesus através de uma espiritualidade construída no Espírito e testemunhada no quotidiano através do amor, alegria, paz, sensibilidade para com os outros. Sendo assim, o primeiro capítulo deste relatório final é dedicado a uma transposição no essencial para dentro da sala de aula, da construção teórica da UL 2: «Jesus, um Homem para os outros», dando

relevância à noção de meta, fazendo uma descrição pormenorizada, detalhada de cada uma das aulas, em que aconteceu o processo ensino-aprendizagem dos alunos, encerrando com uma reflexão e avaliação de cada aula em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada (PES).

No segundo capítulo deste itinerário, fiz um estudo aprofundado sobre a vida e história de Jesus Cristo a partir de diversas fontes e leituras nacionais e estrangeiras, católicas e ecuménicas, do campo da teologia e no terceiro capítulo, procurei alargar a minha proposta pedagógica e caminho educativo cristão que deva acompanhar os educandos na descoberta do seu eu mais profundo enquanto ser amado e ser em relação.

CAPÍTULO 1

ANÁLISE DA LECIONAÇÃO PEDAGÓGICA E DIDÁTICA DA UNIDADE LETIVA

2: «JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS»

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA UNIDADE LETIVA

A contextualização da UL 2 do 6º ano, «Jesus, um Homem para os outros», inicia-se com uma apresentação da unidade no programa de EMRC, seguindo-se uma descrição da minha experiência pedagógica em contexto escolar e experiência em contexto de sala de aula, assim como uma avaliação e reflexão sobre a forma como decorreu o processo ensino-aprendizagem dos alunos em cada uma das aulas por mim lecionadas.

1.1. No Programa de EMRC

A disciplina de EMRC visa humanizar, através da mensagem cristã, os valores cristãos inerentes à educação integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens. O Programa de EMRC está organizado por níveis de ensino e cada nível de ensino por determinadas Unidades Letivas. Cada uma das Unidades Letivas desenvolve-se em objetivos que operacionalizam a aprendizagem dos conteúdos específicos do tema de cada Unidade.¹ A articulação entre objetivos e conteúdos deve estar na base da determinação de estratégias/atividades de aprendizagem, bem como facilitar o professor à seleção dos instrumentos de avaliação. O desenvolvimento curricular é orientado por Metas Curriculares que permitem determinar os conhecimentos e as capacidades essenciais que os alunos devem adquirir.² As capacidades apresentam-se de natureza intelectual (Domínios da Religião e Experiência Religiosa e da Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida) e centradas no desenvolvimento social e moral que permitem um agir moral maduro (Domínio da Ética e Moral). Para a planificação da UL 2, tive em consideração os objetivos citados no programa, que estão indicados para as metas B: Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; E: identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; K: Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso; M: Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano.³

¹ Cf. Cristina Sá Carvalho et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2014), 9.

² Cf. Carvalho, et al., 8.

³ Cf. Carvalho, et al., 66.

A centralidade da Pessoa de Jesus é o tema central dos conteúdos desta unidade temática que exige um grau de abstração por parte dos alunos desta faixa etária, os quais se encontram ainda numa fase de desenvolvimento tanto cognitivo quanto moral, existindo ainda uma forte relação com o concreto e com a realidade visível.

Os conteúdos desta unidade pretendem sintetizar toda a vida pública de Jesus, culminando na Sua paixão, morte e ressurreição.

Esta unidade tem como objetivo número 1: «Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro de identidade cristã», sendo esta centralidade complementada pelo objetivo 2: «Identificar o Deus Misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã», que traduz a qualidade desta relação libertadora: o Deus que Jesus anuncia é o Deus da Misericórdia.⁴ O itinerário para chegar a este núcleo é orientado pelas metas B e M, sendo que os objetivos da meta B compreendem o fator importante que os textos bíblicos revelam, através da sua interpretação, na descoberta deste núcleo central do Cristianismo. No centro do texto bíblico encontra-se uma chave de leitura cristã da pessoa, da vida e da história, dando a compreender ao aluno qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus, conduzindo-o ao encontro íntimo e espiritual com o Cristo da fé pascal e à relação pessoal com Jesus. Quanto à meta M, os seus objetivos permitem determinar o comportamento do aluno, desafiando-o, através do conhecimento da vida de Jesus, como agir no mundo para os outros. Esta meta é um pilar de reflexão em que a abordagem é o valor do Amor, como o sustentáculo de uma civilização que todos nós somos chamados a construir.

Analisando o programa de EMRC, constata-se que o tema desta Unidade, «Jesus, um Homem para os outros», é o tema central, sendo marcadamente transversal a todos os níveis e anos, desde o 1.º ano ao 12.º ano inclusive.

No contexto da PES, a UL 2 do 6ª ano foi planificada para ser lecionada na turma C no Externato da Luz, em Lisboa.

1.2. Caraterização da Escola: o Externato da Luz

O Externato da Luz foi fundado no ano 1958.

Situa-se no Largo da Luz n.º 11, na cidade de Lisboa, paredes meias com o Seminário dos Franciscanos e com uma escola pública. O Externato da Luz tem uma localização privilegiada no centro de Lisboa, apresenta condições de segurança, ótimas instalações, diversidade de equipamento e muito espaço verde exterior, o que contribuiu para ganhar o prémio da Bandeira Verde 2019/2020, galardão do Programa Eco-Escolas!

⁴Cf. Carvalho, et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 66.

O Externato da Luz identifica-se como uma Escola Particular Católica, a par da espiritualidade franciscana, em que desenvolve a sua missão formativa e evangelizadora nos diversos contextos sociais e culturais envolventes, como consta no seu Projeto Educativo.

O Externato da Luz desenvolve a sua tarefa educativa desde o Pré-Escolar até ao 3ºciclo, tendo aproximadamente 740 alunos, 84 docentes e 52 assistentes operacionais.

Carateriza-se por ter um corpo docente estável, que desempenha as suas funções com profissionalismo e rigor, o que se tem revelado nos bons resultados das provas externas. Tem uma comunidade educativa empenhada, participativa e cooperante, sendo de destacar o papel dos pais e Encarregados de Educação. Este empenhamento e colaboração entre famílias e colégio dá a esta Instituição um cariz familiar. O Externato acolhe alunos oriundos da grande Lisboa. Salienta-se que a escola é frequentada por um elevado número de alunos com necessidades educativas. Como escola católica é frequentada maioritariamente por alunos cujos Encarregados de Educação valorizam uma educação humanista e em valores, bem como uma formação académica de qualidade. A educação à luz do Evangelho e do ideário franciscano poderá ser valorizada e até constituir uma prioridade na escolha da escola por uma percentagem das famílias, mas não parece ser determinante para todas.

É oferta desta instituição a possibilidade de frequência de catequese para toda a comunidade escolar. Ao 2º e 3º ciclos é oferecida a disciplina «Formação Humana». O Externato apresenta ainda uma oferta diversificada de clubes, em especial a nível de desporto escolar e música, bem como outras atividades.

A autonomia do Externato concretiza-se sobretudo no Projeto Curricular, no Projeto Pastoral e no Projeto Educativo, documentos que têm em conta os princípios educativos franciscanos expostos no Documento «Ide e Ensinai».⁵

O Diretor do Externato, Frei José Silvestre Silva, é uma presença constante que marca o dia a dia do colégio. É de salientar o facto de conhecer todos os alunos pelo seu nome e prestar-lhes atenção, bem como todas as famílias que integram a comunidade educativa. O Diretor é uma presença assídua, por exemplo, no refeitório à hora da refeição faz questão de almoçar com os alunos. Percebe-se como é reconhecido como uma figura de autoridade e simultaneamente de proximidade, tanto com os alunos como com o pessoal docente e não docente.

É chamativo que o gabinete partilhado pelo Frei Silvestre e pelo Subdiretor Pedagógico e Coordenador do 2º Ciclo, Professor Hélder Silva (nosso Professor cooperante), esteja sempre aberto, estejam eles presentes ou não. Professores e alunos dirigem-se ao gabinete sem agendamento prévio, sempre que necessitam. Considero esta prática indício de um ambiente

⁵ OFM, *Ide e Ensinai, Diretrizes Gerais para a Educação Franciscana* (Roma: OFM, 2009).

positivo, burocraticamente organizado, contudo, marcado por uma certa informalidade que contribui para resolver os pequenos problemas do dia a dia escolar com rapidez e eficiência.

Acrescento ainda que o Diretor ou o Subdiretor permanecem no Externato durante todo o tempo que este se encontra aberto, sendo um dos dois o primeiro a chegar e o último a sair. A minha perceção é de que esta presença infunde confiança, mas não significa que tudo neles esteja centralizado, pois o Colégio funciona com líderes intermédios. De facto, apercebo-me de que há uma organização bem articulada e os líderes intermédios (Coordenadores de Ciclo, Coordenadores de Departamento e Diretores de Turma) desempenham um papel importante, interagindo e coordenando-se entre si.

Esta dinâmica é certamente facilitada por se tratar de um Colégio de média dimensão e com um corpo docente estável, mas não podemos deixar de reconhecer o papel imprescindível de uma boa liderança, capaz de dinamizar e favorecer o empenho e o trabalho conjunto de toda a comunidade educativa, que redundará sobretudo no bem dos alunos e na sua educação e formação integral de qualidade.

1.3. Experiência em contexto escolar

A experiência de lecionação no Externato da Luz foi enriquecedora e positiva. Nos primeiros dias de estágio circulámos pelo espaço do Externato acompanhados pelo Professor Cooperante Hélder Silva, o qual nos apresentou ao pessoal docente e não docente, facilitando a nossa presença e proporcionando-nos um ambiente familiar. Exemplo desta familiaridade foi a oferta do almoço no refeitório do Externato, o que nos ajudou a contactar com outros docentes e alunos fora do contexto de sala de aula. Este facto proporcionou o desenvolvimento de um bom relacionamento com o pessoal não docente.

No final do primeiro período promovi uma atividade de enriquecimento curricular, a atividade de Natal, e no final do segundo período, a atividade da Quaresma, estando ambas integradas na aprendizagem cooperativa, assim como na pedagogia do serviço.

A realização da atividade de Natal foi iniciada na aula e continuada em casa com a ajuda dos encarregados de educação dos alunos sobre o tema: «A minha árvore de Natal».

A árvore foi elaborada, preferencialmente, com materiais reciclados e enfeitada com símbolos de Natal, nomeadamente a estrela simbolizando o valor da fé, e as bolas de Natal, contendo palavras relacionadas com símbolos e valores natalícios, significando o amor, a paz, a família e a alegria.

O trabalho iniciou-se na sala de aula no dia 27 de novembro de 2018, devendo ser terminado em casa e entregue a 4 de dezembro de 2018, tendo sido exposto na sala de aula de cada turma, no dia 11 do corrente mês.

No final do primeiro período, os alunos puderam levar o trabalho para casa, a fim de o colocarem junto dos seus presépios e o relembrem com a família, descobrindo na sua história pessoal algo da história Santa de Jesus.

Este trabalho foi realizado com sucesso, tendo os alunos construído, com a ajuda da família, árvores de Natal com material reciclado, tendo sido apresentadas com muita criatividade e empenho. «A escola católica continua a ser essencial como espaço de evangelização dos jovens».⁶ No final do 2.º período, realizou-se outra atividade com a comunidade educativa, intitulada «Oração Quaresmal» em que envolveu os alunos das turmas B e C do 6º ano e as professoras estagiárias. Do dia 1 de abril a 5 de abril de 2019 inclusive, no início de cada manhã, os alunos juntamente com as professoras estagiárias refletiram e meditaram durante a oração da manhã sobre temas relacionados com o tempo litúrgico da Quaresma e da Páscoa, onde experienciaram uma interioridade própria deste tempo, sendo minha intenção apelar para a espiritualidade dos alunos assim como dar um sentido existencial e mais profundo para que eles possam sair transformados, e dar-lhes oportunidade para se encontrarem com Jesus.

Em conclusão, as experiências e as atividades em contexto escolar, revelaram-se muito enriquecedoras quer para os membros do grupo de estágio quer para a comunidade educativa em geral. «No espírito de São Francisco de Assis, são experiências que podem significar um caminho de iniciação na escola da fraternidade universal e na oração contemplativa».⁷

1.4. Experiência em contexto de sala de aula

A sala de aula é o micro espaço onde a escola concretiza a sua missão e onde a educação se efetiva com sucesso ou sem sucesso. Em primeiro lugar, é fundamental o conhecimento de cada um dos alunos que constituem a turma, com os quais vamos iniciar o processo ensino-aprendizagem na PES. A PES desenvolveu-se na turma C do 6º ano de escolaridade, constituída por 26 alunos, 16 rapazes e 10 raparigas, com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos.

Como se trata de uma escola católica, a disciplina de EMRC é de frequência obrigatória. A maioria dos alunos frequenta o Externato desde o início do primeiro ciclo, havendo inclusivamente alunos que o frequentam desde o Jardim de Infância.

⁶ Papa Francisco, *Cristo Vive: Exortação Apostólica Pós-Sinodal* (Lisboa: Paulus Editora, 2019), 103.

⁷ Papa Francisco, *Cristo Vive*, 107.

De acordo com o Plano Curricular de Turma, esta revela um desempenho satisfatório, no entanto, alguns alunos têm dificuldades a nível de aprendizagem, bem como falta de hábitos e métodos de estudo. Alguns alunos apresentam atitudes que prejudicam o normal funcionamento do processo ensino-aprendizagem, evidenciando um aluno que revela um comportamento bastante variável e que ficou retido. A turma apresenta uma aluna que é abrangida por um Programa Individual e que não está inscrita em EMRC, e um aluno que o Conselho de Turma propôs elaborar um relatório técnico pedagógico. As disciplinas em que os alunos revelam maiores dificuldades são: Português, Matemática e Inglês, para as quais o Externato assegura o apoio pedagógico personalizado correspondente.

A maioria dos alunos provém da cidade de Lisboa, de um meio socioeconómico médio-alto, deslocando-se para a escola de automóvel. Uma elevada percentagem de Encarregados de Educação é licenciada, apresentando uma situação laboral estável. A maioria dos pais demonstra interesse e acompanha a vida escolar dos seus filhos. Os pais mostram-se exigentes em relação à qualidade do ensino, verificando-se um elevado intercâmbio e colaboração entre o Externato e as famílias dos alunos.

A turma é participativa quando solicitada, o que exige do professor uma atenção constante e estratégias adequadas, de modo a promover a aprendizagem de todos os alunos. Encontram-se alguns alunos muito reflexivos, outros mais extrovertidos e participativos, uns mais despertos para aprender e outros com maior necessidade de serem motivados, estimulados no processo ensino-aprendizagem.

Alguns alunos revelam bons conhecimentos a nível de cultura geral e religiosa, o que contribui para o enriquecimento das aulas, permitindo aprofundar de forma reflexiva e crítica os conteúdos da disciplina. Na generalidade o grupo/turma apresentou um comportamento adequado, com interesse pela escola e pela aquisição de conhecimentos, revelando-se bastante participativos e entusiasmados, com uma grande capacidade de escuta e diálogo, sabendo respeitar a intervenção dos colegas, bem como capacidade de refletir e aprofundar os temas, tendo havido a possibilidade de desenvolver todo o processo de ensino-aprendizagem e de estimular a reflexão e expressão da mesma.

Tendo em conta os resultados obtidos na avaliação do conselho de turma, em que estive presente no final do primeiro período, é de destacar que esta turma foi melhorando os seus resultados académicos ao longo do ano letivo, o que favoreceu muito a utilização de métodos de ensino-aprendizagem centrados nos alunos, tornando-se eles mesmos protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. «Na realidade, uma das maiores alegrias de um educador

ocorre quando ele pode ver um estudante constituindo-se como uma pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de dar».⁸

Considero que, apesar de se tratar de alunos desta faixa etária, é importante desenvolver não só os conteúdos, mas também a capacidade de ter em conta este fator. Recorri a estratégias como exploração de pequenos vídeos, imagens multimédia e diálogo sobre o tempo litúrgico vivido pelos cristãos, reconhecendo que esta pedagogia foi possibilitada pela maturidade e capacidade reflexiva apresentada por esta turma, o que me surpreendeu, uma vez que se tratou de uma turma do 6º ano, o que me ajudou também a obter uma boa fonte de instrumentos de avaliação acerca dos alunos.

Reconheço que tive o especial cuidado em gerir o tempo, de modo a não prejudicar o processo ensino-aprendizagem, uma vez que o horário da lecionação era no último tempo da manhã, isto é, das 11h45 às 12h30. Considero que no tema apresentado tentei utilizar uma linguagem cuidada e apropriada, sendo um desafio constante sobretudo no que concerne à explicação de conceitos teológicos tais como a Ressurreição e também porque havia um aluno não crente na turma. Como diz o Papa Francisco: «Ao mesmo tempo, ainda temos de procurar com maior sensibilidade como encarnar o Kerygma na linguagem falada pelos jovens de hoje».⁹

Ao longo do percurso procurei melhorar a minha prática letiva, tendo em conta a avaliação por parte do professor cooperante e dos colegas do núcleo de estágio, assim como dos professores da faculdade.

2. UNIDADE LETIVA 2 DO 6º ANO: «JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS»

No final da UL 2 – «Jesus, um Homem para os outros» - os alunos deverão ter alcançado conhecimentos inerentes aos domínios da «religião e experiência religiosa», da «cultura cristã e da visão cristã da vida», de natureza intelectual. No domínio da «religião e experiência religiosa» pretende-se a aquisição da meta B: «Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história»¹⁰. Quanto ao domínio da «cultura cristã e visão cristã da vida» o objetivo é alcançar a meta E: «Identificar o núcleo central do catolicismo»¹¹.

A avaliação de partida e as metas curriculares constituem um claro facilitador, porque foi a partir delas que se definiram os conhecimentos e as capacidades a adquirir e a desenvolver pelos alunos da turma C do 6º ano. Para a planificação desta UL 2, tive em consideração os

⁸ Papa Francisco, *Cristo Vive*, 103.

⁹ Papa Francisco, 97.

¹⁰ Carvalho, et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 66.

¹¹ Carvalho, et al., 66.

objetivos que estão indicados para as metas B: Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; E: Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; K: Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso; M: Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano.¹²

Ao analisar as metas, constata-se que esta unidade procura abranger três grandes domínios de aprendizagem: 1) a religião e a experiência religiosa, reconhecendo em Jesus como o Messias, o Filho de Deus morto e Ressuscitado; 2) uma cultura e uma visão da vida cristãs, identificando as transformações no património; 3) a dimensão ética e moral cristã, que deve seguir o exemplo de Jesus, exercendo a misericórdia para com o próximo. Todo este percurso aponta para o horizonte que a fé cristã desenvolve e potencia, que é o Amor ao próximo. Na meta E: «Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo».¹³

Menciono o Papa Bento XVI, na Audiência Geral em 2012, que sublinhava o quanto é importante ajudar «a compreender que a fé não é um peso mas uma fonte de júbilo profundo, é entender a obra de Deus, reconhecer a presença do bem, que não faz ruído; e oferece orientações preciosas para viver bem a própria existência».¹⁴

A planificação de Nível IV, isto é, aula a aula, ia sendo organizada semanalmente, de modo a acompanhar o ritmo de reflexão proposto para que os alunos apreendessem o essencial que a UL pretende transmitir. Se lecionarmos EMRC como uma narrativa vamos ajustando semanalmente, pois continuamos a história a partir de onde foi interrompida. Tendo em conta a faixa etária dos alunos, tentei que as aulas fossem dinâmicas, com estratégias diferenciadas, em que eles colaborassem e se envolvessem na aquisição dos conhecimentos e valores humanocristãos, uma vez que o tema em si não é fácil, dado que requer uma linguagem precisa, objetiva e não catequética. Na realidade, a especificidade da disciplina de EMRC distingue-a da catequese, exigindo métodos e caminhos diversos, pois «situada na escola, a EMRC insere-se nas suas finalidades, utiliza os seus métodos e tem uma especificidade própria: “o que confere ao ensino religioso escolar a sua característica peculiar é o facto de ser chamado a penetrar no âmbito da cultura e de se relacionar com os outros saberes”».¹⁵ É esta especificidade que a distingue da catequese.

Penso que é importante salientar que me propus na elaboração de uma linguagem própria, tendo como base a Sagrada Escritura, e textos que são instrumentos de informação sobre a

¹² Cf. Carvalho, et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 66.

¹³ Carvalho, et al., 66.

¹⁴ Papa Bento XVI, «Audiência Geral: 28 de novembro de 2012», acessido a 16 de setembro de 2019, http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121128.html.

¹⁵ CEP, «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade», acessido a 25 de setembro de 2019, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

Tradição da Igreja, considerando que a aula de EMRC é o «lugar» privilegiado onde se cruzam os elementos da cultura contemporânea e os que são específicos à Tradição Cristã, de modo a dar um novo sentido à experiência do aluno. «O educador cristão [...] alguém que transmite o que recebeu, por isso, é chamado a ser mistagogo, um pedagogo que introduz a vida dos seus alunos ao Mistério».¹⁶ Na qualidade de docente de EMRC, tentei desafiar, incentivar nos alunos «o saber ver» com profundidade o que os acontecimentos da vida, as experiências e a exterioridade nos dão.

As planificações que se seguem dão testemunho do trabalho e caminho que fui desenvolvendo na PES que procurei humildemente fazer, sobre a história, vida e mensagem de Jesus, assim como uma reflexão crítica das mesmas.

2.1. Os diferentes momentos didáticos: Planificações de nível IV e Reflexão sobre as aulas

O processo de planificação pretende dar aos professores e alunos uma orientação, e auxiliar os discentes na tomada de consciência dos objetivos que terão de desenvolver para alcançarem os conhecimentos planificados. «Os objetivos da aprendizagem produzem um efeito de concentração nos alunos, o que leva à recomendação de que os professores tornem os alunos conscientes dos objetivos que têm para as aulas».¹⁷

A planificação deve ter em conta o tempo e o espaço. A gestão do tempo é uma das tarefas mais difíceis. Esta, deve ser distribuída pelas estratégias apresentadas conforme a complexidade das mesmas, tendo em atenção também o ritmo da turma. O importante é que o professor saiba gerir. «Uma utilização eficaz do tempo é tão importante como a quantidade de tempo utilizado num tópico».¹⁸

Relativamente à gestão do espaço, é importante acrescentar que a forma como este é usado influencia o relacionamento entre os alunos e o professor, e por isso, este tem, às vezes, de adequar as suas estratégias. «A disposição dos alunos, das carteiras, e das cadeiras não só ajuda a determinar os padrões de comunicação e relações interpessoais na sala de aula, como também influencia uma variedade de decisões diárias que os professores têm de tomar».¹⁹

É de salientar que durante as aulas, os alunos demonstraram bastante interesse e empenho nos conteúdos e nas tarefas propostas. Os alunos revelaram ter um bom espírito de solidariedade

¹⁶ João Manuel Duque, «O Ensino da Religião como resposta à laicização», *Theologica* 51, n. 2 (2016): 16-17, <https://doi.org/10.34632/theologica.2016.51>.

¹⁷ Richard Arends, *Aprender a Ensinar* (Lisboa: McGraw Hill, 2008), 95.

¹⁸ Arends, 125.

¹⁹ Arends, 127.

entre eles. No geral, são alunos bem-comportados, que não perturbam a aula, mesmo sendo considerada uma turma grande (vinte e seis alunos). Em contexto de sala de aula, houve a preocupação da gestão do tempo entre cada estratégia e de reformular sempre que necessário, em função do tempo limite.

Avaliei qualitativamente os alunos pela realização das tarefas solicitadas em sala de aula, atividade que se foi desenvolvendo ao longo de toda a unidade, efetuando os registos numa grelha de observação. No final da unidade, realizei uma ficha de avaliação sumativa para consolidação de conteúdos, em que os resultados foram bastante satisfatórios, os quais forneceram-me de forma sistematizada os progressos evidenciados pelos discentes.

Nas seguintes páginas, é possível encontrar os planos de aula relativos às dez aulas da unidade de referência em contexto da PES.

Depois de apresentado o plano de aula, segue-se uma reflexão onde se explica como decorreu a preparação de cada aula. Apresento de forma detalhada cada aula lecionada, apresentando os conteúdos da UL 2, do 6º ano, a forma como estes foram propostos e desenvolvidos, tendo por base as metas e os objetivos já referidos, assim como uma reflexão crítica sobre a sua leção na prática letiva.

Aula n.º 1

UL2 – «Jesus, um Homem para os outros»

Lição n.º 15

Data: 8-01-2019

Ano Letivo: 2018/2019

Sumário: Conclusão do tema sobre o Natal.

Início da Unidade Temática 2: «Jesus, um Homem para os outros».

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Recursos / Materiais	🕒	Avaliação
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	2. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.	Quem é Jesus de Nazaré?	Acolhimento. Registo do sumário.	Caderno do aluno.	5 m	Registo na grelha de observação:
		• O nascimento de Jesus marcou a história:	Conversa sobre a interrupção letiva do Natal e registo no caderno das ideias partilhadas.	Caderno do aluno.	15 m	- Atenção - Participação
		- A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus;	Distribuição de imagens de apoio à lição.	Imagens alusivas ao início da unidade 2 (Anexos 1 e 2).	15 m	- Atenção - Participação - Compreensão dos temas abordados
		- O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus.	Início da UL2: «Jesus, um Homem para os outros». Leitura sequencial dos textos do manual.	Textos do manual (pág. 50-51).	10 m	- Atenção - Responsabilidade - Colaboração
			<u>Síntese da aula:</u> Jesus marcou a nossa história.			

Quadro 1- Planificação da Aula 1 da UL 2

Reflexão sobre a aula de referência, n.º 1

Apresentei-me aos alunos pela segunda vez, uma vez que no final do 1.º período nas últimas aulas, já me tinha apresentado para lhes propor uma atividade no Advento, para que os alunos percebessem e interiorizassem bem este tempo, tempo de preparar o nosso coração para receber Jesus, e que foi um meio de aproximação mais pessoal e afetiva. Após o acolhimento ao grupo/turma C do 6.º ano, desejei um bom ano para a turma e felicitei-os pelos trabalhos lindos que realizaram no Natal com a família, aproveitando como estratégia, por fazer a ponte entre a UL 1: «Ser Pessoa» e ligá-la à UL 2: «Jesus, um Homem para os outros», explicando que Jesus fez-se Pessoa e tornou-Se um de nós para realizar o seu projeto salvífico. Apresentei os conteúdos que os alunos iriam aprender nas aulas seguintes, considerando que o facto de ter estabelecido a ponte entre as duas unidades foi essencial para os alunos entenderem a interligação entre os temas e os conteúdos do programa. Seguidamente, escrevi o sumário da aula, pedindo aos alunos que o copiassem para os seus cadernos diários. De salientar que todos tinham consigo o material da disciplina, à exceção de três alunos que não levaram o livro, imediatamente convidando-os a juntarem-se a três colegas que tinham o manual, podendo assim seguir o tema dois, que iria ser iniciado nesta primeira aula.

Introduzi o tema, perguntando aos discentes quais os momentos e vivências mais importantes vividos nas férias de Natal, pedindo-lhes que narrassem por escrito e registassem no caderno diário, pois é através dos acontecimentos narrados e experienciados, que eles preparam o seu coração para os valores da paz e fraternidade universal. Os discentes realizaram a atividade com interesse, verificando-se uma boa cooperação entre todos e uma boa capacidade de a realizar sem desordem na sala, e apercebi-me de que o mais importante é receber e interpretar o feedback dos alunos. Em EMRC, o recurso ao diálogo com os alunos é um instrumento mediador entre as experiências humanas dos alunos e os conteúdos da aula. Seguiu-se a recolha oral da atividade, dando oportunidade para que todos os alunos participassem e sentissem que o período das férias de Natal foi marcado pelo grande acontecimento do nascimento de Jesus Cristo; ao mesmo tempo, distribuí imagens de apoio à lição (anexos 1 e 2): uma sobre o tempo litúrgico do Natal, explicando que a liturgia é o conjunto das celebrações e festas religiosas dos cristãos; e outra imagem sobre o nascimento de Jesus, indicando o mapa da Palestina, explicando-lhes onde se situava Belém. Acrescentei que Belém fica situada na Palestina e que uma parte considerável da Palestina do tempo de Jesus corresponde atualmente ao estado de Israel. Como educadora pensei que seria importante transmitir aos alunos, através de imagens, que o nascimento de Jesus marcou a História, e que este acontecimento vai muito mais além do que um simples nascimento.

Em seguida, pedi aos discentes que abrissem os manuais nas páginas 50 e 51, lembrando-lhes que as personagens do manual, o Miguel e a Maria, são alunos das mesmas idades e, também como eles, querem aprender tudo acerca de Jesus. Senti-me com relativa serenidade tendo, contudo, a preocupação de controlar o tempo.

Tive o cuidado de lembrar alguns dos «procedimentos que tornam o discurso na sala de aula mais satisfatório e produtivo».²⁰

Realço o ambiente de concentração e de silêncio que se gerou durante a aula. A preocupação das estratégias e o cumprimento das regras de sala de aula pareceu-me ter sido a razão para este bom ambiente, assim como o cumprimento do tempo previsto.

Destaco que os momentos em que eu ia ao encontro de cada aluno, no processo ensino-aprendizagem, foi de grande importância, nunca esquecendo nenhum aluno e intervindo sempre que possível a favor de todos. Estes alunos encontram-se numa fase de transição no desenvolvimento cognitivo como moral, em que existe ainda uma forte relação com o concreto, isto é, as operações constroem-se entre a relação da ação sobre os objetos, sendo por isso necessário criar um ambiente que potencie o seu desenvolvimento, por isso, recorri à utilização de diferentes recursos pedagógicos: quadro, computador, fotografias com imagens, exposição oral, e penso ter utilizado o vocabulário acessível a todos. Avaliei positivamente as estratégias utilizadas para auxiliar os alunos na organização mental dos conceitos abordados, apelando tanto à memória auditiva como à visual. Relembrei que o nascimento de Jesus é-nos relatado pelos evangelistas Lucas e Mateus e que, segundo o evangelista Mateus, Jesus é Aquele que cumpre a profecia do Antigo Testamento, referida no livro de Miqueias, que anuncia o nascimento de um Messias, um Salvador que haveria de nascer em Belém.

Transmiti à turma qual o núcleo central do Cristianismo, de modo que reconheçam que a relação com Jesus de Nazaré, é o centro da identidade cristã.

Ao realizar esta planificação procurei um itinerário pedagógico partindo do nascimento de Jesus Cristo, o próprio Deus encarnado, que tanto amou o mundo e quis vir ter com a humanidade para Se relacionar com ela e fazê-la experimentar a Salvação. Esta proposta de planificação promove o estabelecimento de relações entre o mundo quotidiano no qual vivem os adolescentes em todo o seu ser, corpo e espírito, onde eles se podem encontrar com os sinais da presença de Deus.

²⁰ Arends, *Aprender a Ensinar*, 192.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação
<p>E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p> <p>K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.</p>	<p>1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.</p> <p>2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O nascimento de Jesus marcou a história: <ul style="list-style-type: none"> – A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus; – O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus. • Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: <ul style="list-style-type: none"> – A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa, que está sempre presente em quem confia n'Ele. 	<p>Acolhimento e registo do sumário.</p> <p>É feita uma síntese oral da aula anterior, solicitando o contributo dos alunos. Registo de ideias no quadro, que devem ser escritas no caderno diário e visualização de uma imagem sobre Jesus em que até na arte Jesus é lembrado.</p> <p>Leitura sequencial / exploração de textos: «Jesus, um marco na história» (Manual 52-53).</p> <p>Solicita-se a alguns alunos a leitura em voz alta dos textos. Leitura do texto: «O SUAVE MILAGRE» em que o professor vai fazendo algumas interrupções, de modo a questionar os alunos sobre as ideias a ser trabalhadas, bem como para verificar se existem dúvidas e, caso haja, clarificá-las.</p> <p>Questionário para consolidação de conteúdos (Manual 56).</p> <p>Individualmente e em silêncio, os alunos respondem ao questionário. Posteriormente, é pedido a alguns alunos que oralmente deem as respostas e que as registem no quadro.</p> <p>Os alunos vão visualizar um filme sobre Jesus.</p> <p>A professora explora a mensagem do filme para os alunos aprenderem o cerne da mensagem.</p> <p><u>Síntese da aula:</u> A confiança no Deus de Jesus.</p>	<p>Caderno do aluno</p> <p>Caderno do aluno. Computador / Vídeo (anexo 3).</p> <p>Manual do aluno (p. 52-53)</p> <p>Manual do aluno (p.54-55)</p> <p>Manual do aluno. (p. 56)</p> <p>Quadro</p> <p>Computador / Vídeo (anexo 4)</p>	<p>5 m</p> <p>5 m</p> <p>10 m</p> <p>10 m</p> <p>5 m</p> <p>5 m</p> <p>5 m</p>	<p>- A professora observa se os alunos escrevem o sumário.</p> <p>- Preenchimento da grelha de observação.</p> <p>- Participação.</p> <p>- Atenção e empenho.</p> <p>- Partilha e respeito pelas regras.</p> <p>- Atenção</p> <p>- Participação</p> <p>- Interesse</p> <p>- Atenção</p>

Quadro 2 - Planificação da Aula 2 da UL 2

Reflexão sobre a aula n.º 2

Comecei por acolher os alunos, à medida que eles iam entrando na sala de aula, o que criou em mim grande afetividade como meio facilitador do processo ensino-aprendizagem. Escrevi o sumário no quadro, convidando os alunos a copiá-lo para os seus cadernos. Em seguida, fiz uma síntese oral da aula anterior, sintetizando as ideias no quadro e pedi que o fizessem também nos cadernos diários, para estes se situarem e relembrem o tema dado na última aula e não perderem o fio condutor da mensagem, tornando a matéria significativa.

Posteriormente, pedi a alguns discentes a leitura sequencial/exploração dos textos do manual na página 52, enquanto projetei uma pintura com a imagem de Jesus (anexo 3), sublinhando que na arte Jesus é lembrado e retratado. Com base nesta imagem, explorei e provoqueei curiosidade nos alunos para descobrirem o que viam no fundo da imagem, para além do rosto de Jesus, o que poderiam encontrar e descobrir, toda a história da salvação vivida por Jesus desde o seu nascimento (vendo-se o presépio) até à Sua paixão e morte, uma vez que na imagem havia a representação de uma coroa de espinhos. Neste sentido, iniciei a unidade tentando transmitir na imagem quais as metas e finalidades do programa que iria percorrer, explicando que toda a unidade temática iria ser tratada desde o nascimento de Jesus até à Sua morte e ressurreição. Senti um enorme apelo de preparar os alunos a viverem a sua espiritualidade e interioridade centrada em Cristo. Relembrei os discentes que o nascimento de Jesus e o acontecimento Jesus Cristo teve tal importância para a história universal que o calendário mais usado no mundo é aquele que tem este acontecimento como referência. Também teve grande influência na arte e na literatura, cujos artistas e escritores dos séculos passados, retratavam nas suas obras, e que as celebrações litúrgicas inspiraram grandes compositores de todo o mundo como Beethoven e Mozart. Acrescentei, mencionando e explicando que o conto: «O Suave Milagre» de Eça de Queirós, um texto de literatura portuguesa, fala-nos da vida e personalidade de Jesus.²¹ Simultaneamente, expliquei os sinónimos de alguns adjetivos (por exemplo: desgarrado, sumido) não correntemente usados, assim como o nível gramatical e o sentido metafórico, pois tive a constante preocupação de explicar o sentido dos mesmos.

No início da leitura deste conto, convidei todos os discentes a lê-lo, dividindo-o em parágrafos, de modo a permitir que não ficasse nenhum aluno excluído da leitura. Fiz uma recapitulação e uma breve conclusão, solicitando os alunos a responderem em silêncio ao questionário referente ao conto, que se situava no manual na página 56. Individualmente, os alunos responderam ao questionário e, em seguida, convidei-os a responderem e registarem no

²¹ Cf. Eça de Queiroz, *O Suave Milagre* (Lisboa: Publicações Europa-América, 1999).

quadro as suas respostas. Como educadora crente senti que era positivo propor aos alunos «olhar» com profundidade, de maneira a suscitar em cada um a admiração, o amor, a abertura ao mistério através deste conto tão bonito de Eça de Queirós, um dos mais importantes escritores portugueses. Os adolescentes partilham melhor relatos do que verdades abstratas e desta maneira, contar, narrar, é iluminar a verdade. A minha preocupação era transmitir aos alunos que a presença de representações e alusões à vida de Jesus, em todo o mundo e em todas as épocas, desde o seu nascimento, revela a importância da sua vida na história da humanidade e, simultaneamente, pretendi criar condições e espaços de diálogo, recorrendo a uma procura de discernimento e de encontro com Deus encarnado.

Terminei o tema, projetando um filme em dois minutos sobre o tema: «Jesus é a luz do mundo» (anexo 4), explicando aos alunos o que Jesus fez pela humanidade e que também nós, como Jesus, podemos aprender a ser «luz» e como levar a «luz» com amor, às outras pessoas.

Ao realizar a avaliação considerei que a aula decorreu conforme o planificado. A exploração da pintura de Jesus foi uma atividade que gerou imensa participação e interesse por parte dos alunos. Foi gratificante verificar o seu entusiasmo. Surpreendentemente, muitos alunos gostaram da pintura e quiseram uma cópia a cores da mesma. A importância que Jesus teve na história da Humanidade foi claramente compreendida. Tentei apelar os discentes para a espiritualidade, uma vez que a imagem tem uma força poderosa nas emoções dos educandos.

Valorizo as explicações que fui fornecendo aos educandos durante a leitura do conto, assim como a sua interpelação para a leitura, preocupando-me para que todos compreendessem a mensagem. O ambiente de atenção e de silêncio durante a leitura, assim como a explicação de certos conceitos e sinónimos por mim esclarecidos durante o diálogo com os mesmos, foram essenciais para que eles compreendessem o conto, apesar de se apresentar de difícil compreensão para adolescentes desta faixa etária, como referi. Também penso que o meu gosto de ensinar e o amor que sinto por eles foi visível em certos sinais de comunicação, assim como a empatia gerada entre todos foi um dos pontos fortes que promoveram o processo ensino-aprendizagem. «Postura descontraída, tom de voz firme, contacto visual com todos os alunos e bom humor».²²

A escolha do vídeo revelou-se acertada, despertando a atenção e o envolvimento dos alunos. Foi uma estratégia que os incitou a uma participação ativa e que os levou a compreender que Jesus Cristo começou por ser conhecido na terra pelo bem que fazia e pela forma como ensinava. Penso que o facto de ter resumido a aula anterior foi produtivo, a boa forma como

²² António Estanqueiro, *Boas práticas na educação: o papel dos professores* (Lisboa: Editorial Presença, 2010), 32.

trabalhei os textos, a forma simples e assertiva, assim como a orientação das regras na sala de aula.

Este tema é fonte de muitos elementos culturais, tendo os alunos entendido a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã. Como professora de EMRC, é importante ser presença de uma espiritualidade construída e testemunhada no cotidiano através do amor, alegria, empatia e paciência que tentei transmitir aos meus alunos.

Fiz uma boa gestão do tempo, a fim de terminar a aula atempadamente para que os alunos pudessem almoçar sem atrasos e para lhes mostrar simultaneamente que sinto muita consideração por eles, pois o professor de EMRC deverá ser pleno de amor incondicional, revelando interesse pelos seus educandos, compreendendo-os e respeitando-os.

Aula 3 UL – «Jesus, um Homem para os outros» Lição n.º 17 Data: 22-01-2019 Ano Letivo: 2018/2019

Sumário: O Deus de Jesus. A confiança no Deus Bom. Deus, o Pai misericordioso.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo. K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã. 2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.	●Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: –A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa: Lc 12, 22-32 A CONFIANÇA NO DEUS DE JESUS.	Acolhimento e registo do sumário. É feita uma síntese oral da aula anterior, solicitando o contributo dos alunos. Registo de ideias no quadro, que devem ser escritas no caderno diário, e entrega da Imagem a cores de Jesus, que a professora prometeu na última aula que iria entregar na próxima lição.	Caderno do aluno Caderno do aluno Imagem a cores em formato de papel (anexo 3)	5m 5 m	- A professora observa e preenche a grelha de observação. -Participação. - Atenção e empenho. - Partilha e respeito pelas regras.
			Leitura sequencial / exploração de textos: (Manual p.57). A professora leva o Novo Testamento para a aula e ensina os alunos a consultarem o N.T., perguntando na sala de aula quem é que tem vontade de aprender a consultar o N.T. em Lc12, 22-32 chamando o 1.º que colocar o dedo no ar para este ler os versículos em voz alta. Depois de concluída a leitura e interpretação do texto do Novo Testamento, solicita-se os alunos visualizarem um pequeno vídeo, cantado e legendado em português sobre a confiança em acreditar no Deus Bom: «O príncipe do Egipto». A professora e os alunos conjuntamente exploram a mensagem do filme para que os alunos aprendam o cerne da mensagem que é a confiança em Deus de Jesus. Leitura sequencial/exploração de textos (manual p.58 e 59) Consolidação dos conteúdos <u>Síntese da aula:</u> O cristão deposita a sua confiança em Deus. O cristão deposita a sua confiança no Pai misericordioso.	Manual do aluno (p. 57) Novo Testamento Vídeo (anexo 5) Quadro Manual do aluno (p. 58 e 59)	10 m 5 m 5 m 10 m 5 m	- Atenção - Participação -Interesse - Atenção - Respeito pelas regras

Quadro 3 - Planificação da Aula 3 da UL 2

Reflexão sobre a aula n.º 3

Foi a terceira aula por mim lecionada, pelo que comecei por acolher o grupo/turma C do 6.º ano, explicando aos alunos que seria importante fazer uma síntese da última aula para estabelecer a ligação com o tema seguinte. Registei as ideias no quadro e solicitei-lhes que também o fizessem no caderno diário.

Em seguida, distribuí as fotocópias a cores sobre a imagem de Jesus que lhes tinha prometido trazer nesta terceira aula, de modo que eles interiorizassem e descobrissem que naquela fotografia, estava traçada toda a história e todo o itinerário da vida de Jesus na história da Salvação, de modo a reconhecerem a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã. «O educador cristão pode ajudar os alunos a desenvolverem uma narrativa hermenêutica de sentido»,²³ assim como ensinar-lhes a olharem para dentro de si mesmos e saberem observar com profundidade e ajudá-los a encontrarem-se com Jesus.

Após esta atividade propus aos alunos a leitura de uma passagem bíblica no Evangelho de Lucas (Lc 12, 22-32), ensinando-os ao mesmo tempo, a saber consultar a Bíblia: «Porque a Bíblia deu forma e conteúdo à cultura do Ocidente até aos nossos dias, deveria continuar a integrar a formação básica e avançada dos nossos jovens na escola pública e privada».²⁴

Perguntei quem é que tinha vontade de aprender a consultar a Sagrada Escritura, ao que obtive algumas respostas da parte de alguns alunos que logo se disponibilizaram a fazê-lo. Convidei um aluno que se ofereceu. Pegou no Livro Sagrado, no Novo Testamento, ensinando-lhe eu quais os passos a ter em conta relativamente à consulta, no Evangelho de Lucas (Lc 12, 22-32) e leu a passagem bíblica sobre a mensagem de Jesus que ensina aos seus discípulos porque devemos confiar no Deus Bom e Misericordioso. Expliquei aos discentes que Jesus falamos dos pássaros e das flores como exemplos de sabedoria: vivem felizes, confiando naquilo que a natureza lhes oferece. Também nós, se confiarmos, seremos mais felizes, porque estaremos mais disponíveis para amar a vida e conseguiremos assim viver de forma mais pacífica, apesar das dificuldades. Para consolidar esta mensagem, propus aos alunos a visualização de um pequeno vídeo como pano de fundo: «O Príncipe do Egito» (anexo 5), cantado e legendado em português e que traduz muito bem o que a letra da canção revela, o tentarmos entregar-nos com confiança, nas mãos de Deus Pai. Conjuntamente, ensinei, que para os crentes, Deus é tão bom que não se esquece de nos dar tudo o que é essencial pois tudo o que existe é dom de Deus. Neste contexto, dei o mote sobre o tema anual do Externato: «Deus tem mais do que um nome», permitindo ampliar o entendimento por parte dos alunos sobre Deus

²³ Duque, «O Ensino da Religião como resposta à laicização», 16-17.

²⁴ Armindo dos Santos Vaz, «A Bíblia, património cultural e formativo», *Communio* 23, n. 4 (2006): 443.

Pai e Deus Pai Misericordioso. Penso ser importante, que os alunos entendam que Jesus transmitiu uma mensagem plena de autoridade e amor vindos do Pai, e que esta mensagem faz parte de um conjunto de textos que contêm os ensinamentos de Jesus aos seus discípulos. Evidenciei que não pode haver dúvidas de que Deus é tão bom que não se esquece de nos dar tudo aquilo que precisamos.

Como educadora de EMRC, tentei motivar os alunos a adquirirem um olhar atento, de maneira a captarem os pormenores significativos da história da salvação, e tive a preocupação de transmitir aos discentes que o Deus Misericordioso anunciado por Jesus é o núcleo central da mensagem cristã e o fundamento religioso do agir crente. Penso que o tema e o conteúdo desta aula - «a confiança no Deus de Jesus», é um pouco difícil de explicar a alunos desta faixa etária, sendo, portanto, necessário utilizar várias estratégias como um pequeno vídeo escolhido por mim, de modo a eles entenderem. Concluindo a lição, lembrei que a certeza que distingue os cristãos é: Deus está presente, embora nem sempre nos apercebamos da sua presença. Jesus anunciava que Deus ama e se interessa por todas as pessoas. Para Deus não existem pessoas mais importantes que outras, mas que todos têm o mesmo valor e são amados por Deus.

Valorizo a empatia que revelei com os alunos, tendo o cuidado de me aproximar particularmente de cada um, a fim de me certificar se entenderam o tema e compreenderam a mensagem do Evangelho. «O professor de EMRC, dentro e fora da aula, está marcado pelo amor cristão, pela serenidade, pela verdade, pela fidelidade, pela mansidão, pela solidariedade e pela alegria».²⁵

²⁵ Fernando Moita, «A missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual», *Pastoral Catequética* 9, n. 26 (2013): 68.

Sumário: O Deus de Jesus. Uma religião que nasce de uma relação íntima e humilde com Deus.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.	<p>● Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura:</p> <p>– Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes</p> <p>- A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo</p> <p>- Uma religião que se manifesta na fraternidade e não numa religião de culto.</p>	<p>Acolhimento e registo do sumário.</p> <p>A professora convida os alunos a verem o vídeo: «O príncipe do Egito» com o intuito de ficarem a saber que perante os obstáculos e contrariedades da vida, devemos ter confiança em Deus e que a religião que Jesus ensinou nasce desta relação íntima e confiante em Deus Pai.</p> <p>De seguida retomamos a leitura do manual, pág. 59 para explicar que o amor de Deus se fez visível na pessoa de Jesus de Nazaré, Ele é o amor visível de Deus. Jesus veio dizer que a vontade de Deus não se pode reduzir a um código de leis e que o amor ao próximo, seja ele quem for, vale mais do que qualquer norma.</p> <p>Alguns alunos são convidados a lerem a parábola do bom samaritano em Lc 10, 25-37 sendo a seguir interpelados a responder à questão: «Podes descrever um facto da tua vida em que te sentiste solidário?» Realizado o trabalho, a professora pede a alguns alunos que contem as suas experiências chamando a atenção que também nós podemos viver centrados no amor ao próximo e que a realização de cada um deve estar sempre ao serviço dos outros, distribuindo fichas que dão exemplos de testemunhos de pessoas que levaram a sua vida a fazer o bem, como S. Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá, Luther King, Raoul Follereau. De seguida a professora dá a oração de S. Francisco de Assis a ler aos alunos, de forma a sublinharem com cores diferentes as palavras que contêm aspetos positivos e as palavras que contêm aspetos negativos.</p> <p><u>Síntese da aula:</u> Devo tratar os outros como meus irmãos.</p>	<p>Caderno do aluno</p> <p>Vídeo (anexo 6)</p> <p>Manual do aluno (p. 59)</p> <p>Manual do aluno (p. 60)</p> <p>Caderno</p> <p>Ficha de apoio (anexo 7)</p> <p>Oração (anexo 8)</p>	<p>5m</p> <p>5m</p> <p>10 m</p> <p>5 m</p> <p>5 m</p> <p>5 m</p> <p>10 m</p>	<p>- A professora observa e preenche a grelha de observação direta:</p> <p>- Atenção</p> <p>- Cooperação</p> <p>- Partilha</p> <p>- Respeito pelas regras</p> <p>- Oralidade</p> <p>- Respeito pelas regras</p>

Quadro 4 - Planificação da Aula 4 da UL 2

Reflexão sobre a aula n.º 4

Esta aula foi das mais trabalhosas de preparar, porque os conteúdos, e a meta a chegar -«identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo», tendo como objetivo «identificar o Deus Misericordioso anunciado por Jesus, como sendo o núcleo central da mensagem cristã», são um pouco complexos de explicar para alunos destas idades, mas também pelo facto de ter sido assistida pela coordenadora da Universidade Católica de Lisboa, pelo Coordenador Cooperante e por três colegas estagiárias, o que me causou um certo nervosismo.

Foi a quarta aula que lecionei. Acolhi o grupo/turma C do 6.º ano dizendo aos alunos que seria importante fazer a síntese da última aula, de modo a lembrarmos o tema apresentado. E assim, tive o cuidado de apresentar o filme sobre a história, o «Príncipe do Egito», noutra versão (anexo 6), lembrando a mensagem que Jesus ensinou, que todos nós devemos ter confiança em Deus e que os Seus ensinamentos nascem desta relação íntima e confiante em Deus Pai, Misericórdia. Registei as ideias no quadro, solicitando aos alunos que também as anotassem no caderno diário. Estes mostraram-se capazes de recordar a matéria, participando com interesse. Em seguida, retomámos a leitura do texto da página 59 do manual para explicar que o amor de Deus se fez visível na Pessoa de Jesus de Nazaré, Ele é o amor visível de Deus. Jesus veio ensinar que a vontade de Deus não se pode reduzir a um código de leis e que o amor ao próximo, vale mais do que qualquer norma. Para ajudar os alunos a perceber esta mensagem, recorri a um texto do Evangelho de Lucas (Lc 10, 25-37), que por sua vez, se encontra no manual da disciplina. Expliquei que o essencial é o amor a Deus e ao próximo e que a mensagem que Jesus anunciava é que Deus ama e se interessa por todas as pessoas. Como estratégia, recorri à leitura e reflexão da Parábola do Bom Samaritano, que ainda hoje nos interpela e nos ensina, que todos devemos viver centrados no amor a Deus e ao próximo. Esta vivência de amor ao próximo é um sinal de autenticidade, de que o cristianismo é uma religião e uma vivência que se traduz na fraternidade universal. Em seguida, continuámos a explorar o mesmo tema, em que adotei a estratégia de formular a seguinte questão: «Podes descrever um facto da tua vida em que te sentiste solidário ou fizeste o papel de bom samaritano?» Em EMRC, o recurso ao diálogo com os alunos é um instrumento mediador entre as experiências humanas dos alunos e os conteúdos da aula para que o processo ensino-aprendizagem se realize com sucesso. Seguiu-se a recolha oral,

convidando-os que contassem as experiências de solidariedade que já viveram, chamando a atenção que a realização de cada um deve estar sempre ao serviço dos outros.

Seguidamente, e mantendo o diálogo com os alunos, distribuí umas fichas de apoio à lição (anexo 7) que salientam precisamente os testemunhos de pessoas que levaram a sua vida a praticar o bem pelo próximo como: S. Francisco de Assis, Madre Teresa de Calcutá, Luther King, Raoul Follereau. Estes testemunhos ajudam-nos a perceber que também todos somos protagonistas em situações concretas do nosso quotidiano e que, «só através de uma tal abertura à vida, será possível a transformação do mundo em que cada pessoa se sinta gente».²⁶

No final da aula fiz uma síntese com a seguinte mensagem: «Devo tratar os outros como meus irmãos».

Tentei transmitir e ensinar os alunos a viver uma atitude de gratuidade sublinhando que o amor ao próximo também é um sinal de autenticidade de louvor e amor a Deus.

Na avaliação considerei que a ação pedagógica na aula poderia ter decorrido de forma mais descontraída. Um ponto fraco a sublimar, reconhecendo, contudo, os aspetos positivos.

²⁶ Moita, «A missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual», 59.

Sumário: Uma religião que nasce de uma relação íntima e humilde com Deus e se manifesta na fraternidade para com todas as pessoas.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.	<p>● Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura:</p> <p>Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade e não uma religião de culto exterior: Lc 18, 9-14</p>	Registo do sumário e síntese da aula anterior.	Caderno do aluno	5 m	- A professora observa e preenche a grelha de observação direta:
			Os alunos são convidados a refletirem e a fazerem uma atividade projetada no computador sobre: O que deverei fazer para me tornar próximo do outro? De que forma me relaciono com os outros? (A começar na família e a continuar na escola, na catequese, nos escuteiros, nos grupos ou nas atividades extracurriculares...)	Caderno do aluno	15 m	- Partilha - Cooperação - Respeito pelas regras.
			<u>Síntese intermédia:</u> Devo tratar os outros como irmãos.		5 m	
			Leitura sequencial dos textos do manual onde alguns alunos vão ler as parábolas em Lc 7, 36-50 e Lc 18,9-14 e também ler os diálogos da Maria e do Miguel.	Manual (p. 62-63)	5m	- Oralidade - Participação - Interesse
			Após lerem as parábolas, a professora convida os alunos a visualizar um pequeno vídeo sobre a parábola do fariseu e cobrador de impostos.	Vídeo (anexo 9)	5m	Responsabilidade
			Leitura sequencial dos textos do manual.	Manual (p. 64 e 64)	5 m	
A professora convida os alunos a visualizar um vídeo cantado por Michael Jackson - Heal the World – «Cure o nosso mundo».	Vídeo (anexo 10)	5m				
		<u>Síntese da aula:</u> Jesus ensinou por parábolas.				

Quadro 5 - Planificação da Aula 5 da UL 2

Reflexão sobre a aula n.º 5

Foi a quinta aula que lecionei. Acolhi o grupo/turma C do 6.º ano, dizendo-lhes que seria importante fazer a síntese da última aula. Assim, dando continuidade ao tema da lição passada, solicitei que refletissem sobre uma atividade projetada em multimídia, no computador sobre a questão: «O que deverei fazer para me tornar próximo do outro?» e «De que forma me relaciono com os outros?» A começar na família e a continuar na escola, na catequese, nos escuteiros, nos grupos ou nas atividades extracurriculares. Em seguida, convidei os alunos solicitando que escrevessem as suas respostas nos cadernos diários. A disposição dos conteúdos foi pensada de forma a realizar uma exposição eficaz, o que «[...] implica, entre outras condições, organização dos conteúdos, clareza de linguagem e recursos multimídia adequados».²⁷ A minha intenção pedagógica era revelar aos discentes que a religião do catolicismo brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade e não numa religião de culto, pois a regra de ouro é o amor ao próximo, sem lesar ou causar dano a outra pessoa. Aqui, Jesus inscreve novos mandamentos no coração das pessoas; é a revolução do coração.

Os alunos aderiram à atividade, chegando alguns deles à conclusão de que estes estão mais próximos da família e dos amigos e menos próximos dos funcionários da escola, desvalorizando o trabalho dos assistentes e auxiliares do externato, ao que eu aproveitei para afirmar que os funcionários de ação auxiliar educativa também são importantes na nossa vida e necessitam da nossa maior atenção e respeito, concluindo que devemos estar próximos de todos. Acrescentei lembrando-lhes, que no tempo de Jesus, acreditava-se que a vontade de Deus estava expressa nas leis escritas que Moisés tinha recebido de Deus e Jesus veio dizer que a vontade de Deus não se pode reduzir a um código de leis, porque o essencial é o amor a Deus e ao próximo. Para Jesus, o próximo não é só aquele de quem gosto, que é do meu grupo, meu amigo, do meu país, mas todo o ser humano que precisa de mim, seja ele quem for. Com este itinerário pedagógico tentei orientá-los para a ação e compromisso social, em que a partir da vivência de situações concretas, procurei ensinar o sentido profundo da vida, o amor *Ágape* (1Jo 4,8).

Posteriormente, retomámos a leitura dos textos das páginas 62 e 63 do manual para estudarmos as parábolas de Jesus (Lc 7, 36-50 e Lc 18, 9-14) em que, após a explicação das mesmas, convidei a turma, a visualizar um vídeo sobre a parábola do fariseu e cobrador de impostos (anexo 9), expondo a mensagem principal à qual os alunos se mostraram capazes de entender. Concluiu-se que o cobrador de impostos, estando numa atitude de humildade, se abre mais facilmente ao perdão e amor de Deus do que o fariseu, que se preocupa somente com a religião de culto exterior. O perdão e a misericórdia do coração Bondoso de Jesus, manifestados

²⁷ Estanqueiro, *Boas práticas na educação: o papel dos professores*, 35.

no Seu gesto, são a Lei. Tentei transmitir, através desta parábola, que Jesus acolhia todos, mesmo aqueles que tinham feito comportamentos incorretos, aconselhando o arrependimento, que consiste em reconhecer que se agiu mal e não querer voltar a fazer o mesmo. Acrescentei que Jesus mostrava a todos que Deus acolhe os pecadores e oferece-lhes sempre o perdão.

De seguida, demos continuidade à leitura das páginas 64 e 65 do manual. Concluí a aula, dizendo que Jesus apresenta-nos uma nova ordem de valores: os valores espirituais e morais, com a projeção de um vídeo cantado por Michael Jackson sobre a paz no mundo: «Heal the World» = «Cure o mundo» (anexo 10), cuja estratégia foi provocar nos alunos a vontade de serem instrumentos de paz, pois a minha intenção pedagógica foi propor-lhes o dinamismo da partilha e da reciprocidade e relembrar a proposta de Jesus acerca do mandamento mais importante, que é amarmo-nos uns aos outros.

Assinalo que os vídeos escolhidos e visualizados nesta lição foram enriquecedores. Terminei a aula no tempo exato.

Em conclusão, penso que cumpri os objetivos, tendo os alunos aprendido o dinamismo da partilha e da reciprocidade, bem como também, tentei ajudá-los a se situarem em relação aos outros e a viverem a exigência cristã do amor *Ágape*.

Aula 6 UL – «Jesus, um Homem para os outros»
Sumário: A missão de Jesus. A contestação dos poderosos.

Lição n.º 20

Data: 12-02-2019 Ano Letivo: 2018/2019

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	🕒	Avaliação
B. Construir uma Chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	3. Compreender pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o filho de Deus.	- A interpelação aos poderosos.	Acolhimento e registo do sumário.	Caderno do aluno	5m	- A professora observa e preenche a grelha de observação direta.
			A professora convida alguns alunos a lerem o manual, página 66 e explica o significado dos grupos religiosos no tempo de Jesus mandando fazer de seguida uma atividade em que eles são convidados a descobrir através de uma sopa de letras os grupos religiosos que contestaram contra Jesus, assim como as suas funções.	Manual do aluno (p.66)	5m	- Atenção
				Ficha de apoio (anexo 11)	5m	- Cooperação - Partilha - Respeito pelas regras
			Leitura sequencial/exploração de textos (p.67) e leitura dramatizada (diálogos do Miguel e da Maria) em que a professora vai fazendo algumas interrupções de modo a questionar os alunos sobre as ideias, bem como para verificar se existem dúvidas e, caso haja, clarificá-las.	Manual do aluno (p. 67)	10m	- Oralidade - Respeito pelas regras
		Exploração dos textos bíblicos em Mc 14,32-50 e Mc 14, 53-65, seguindo-se a visualização de um vídeo sobre estas passagens bíblicas.	Manual do aluno (p.68-69)	10 m		
			Vídeo (anexo 12)	10 m		

Quadro 6 - Planificação da Aula 6 da UL 2

Reflexão sobre a aula n.º 6

Foi a sexta aula por mim lecionada, tendo começado por acolher o grupo/turma C do 6.º ano. Procedi à projeção multimédia do sumário e, em seguida, convidei os alunos a lerem os textos da página 66 do manual, cuja estratégia foi, descobrirem quais os grupos religiosos do povo judeu que contestaram contra Jesus. Posteriormente, solicitei que a turma fizesse uma atividade, convidando-a a descobrir, através de um crucigrama (anexo 11), quem foram os três grupos religiosos: os saduceus, os fariseus e os sacerdotes, que se opuseram a Jesus. Não era do agrado destes grupos verificar que muitas pessoas seguiam Jesus, adoravam-no e aclamavam-no. Jesus falava do Reino de Deus e eles não compreendiam que esse Reino era, afinal, a presença de Deus no coração de cada pessoa e que é infinitamente superior ao governo político. Era muito importante que os alunos entendessem que Jesus não queria exercer poder político, ser o rei dos judeus, porque o seu poder era outro: ajudar as pessoas a voltar os seus corações para Deus. Jesus era, também, muito crítico em relação à forma como os grupos religiosos viviam a religião. Eles reduziam a religião a um culto exterior. Para Jesus, o culto a Deus deve ser verdadeiro, traduzir-se no interior do ser humano e revelar uma relação de amor com Deus e para com o próximo. Em seguida, e após alguma reflexão sobre o tema, convidei alguns alunos a efetuarem a leitura dramatizada (diálogos do Miguel e da Maria) dos textos da página 67 do manual, fazendo algumas interrupções de modo a questioná-los sobre as ideias e mensagens, assim como averiguar se existiam dúvidas. Após saber que todos os discentes entenderam o conteúdo da lição, lemos as passagens bíblicas do Evangelho de Marcos (Mc 14, 32-50 e Mc 14, 53-65), nas páginas 68 e 69 do livro, seguindo-se uma visualização de um vídeo (anexo 12) sobre a Oração de Jesus no Getsémani e condenação de Jesus no tribunal judaico.

Seguidamente, questionei os alunos sobre o vídeo visualizado na aula, perguntando o que mais os impressionou, solicitando-lhes a realizarem um trabalho de reflexão em que cada um iria escrever no caderno diário o que mais o tinha impressionado, podendo os discentes terminar em casa, caso não conseguissem terminar na aula, uma vez que o tempo da mesma estava a terminar, e tenho atenção para terminar a aula atempadamente. Estávamos próximo da hora do almoço e para que a intenção pedagógica não se perdesse, continuaríamos na seguinte aula.

Assinalo que a aula decorreu num ambiente de serenidade, o que proporcionou a concentração e aprendizagem dos alunos. Quanto à atividade do crucigrama, acrescento que foi uma atividade interessante, uma vez que os alunos entenderam que os grupos religiosos que contestaram contra Jesus, foram o fator determinante e que conduziu à sua morte. Valorizo também o vídeo escolhido, como estratégia, dado que despertou muita atenção da parte dos alunos no sentido de perceberem que Jesus foi contestado pelo tribunal judaico, acontecimento

este, que os alunos desconheciam. Acrescentei, informando-os, que através da interpretação dos textos bíblicos, Jesus foi julgado pelo tribunal judaico, o sinédrio, porque Jesus foi acusado de afirmar ser o Messias-rei e que queria enganar o povo e, portanto, tinha cometido o pior crime equivalente a traição.

A dinâmica e o ritmo do ensino-aprendizagem adotados foram bons, assim como a preocupação que revelo ter para com todos igualmente, sem exclusão, tal como nos recorda Richard Arends: «[...] tudo isto também exige uma determinada postura da nossa parte».²⁸

Em conclusão, penso que cumpri os objetivos, tendo os alunos aprendido os conteúdos dos temas propostos e planificados atempadamente.

²⁸ Arends, *Aprender a Ensinar*, 54.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	🕒	Avaliação
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	<p>3. Compreender pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus.</p> <p>4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Paixão e morte de Jesus: <ul style="list-style-type: none"> - Mc 15,1-15: Jesus é condenado à morte por Pilatos; - Mc 15,24-37: Crucificação e morte de Jesus na cruz. • A Ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus: Jo 20,19-23: Aparição aos discípulos. 	<p>Registo do sumário e síntese da aula anterior.</p> <p>Leitura sequencial e exploração dos textos do manual (p.70) Após lerem o texto, a professora convida os alunos a visualizar um pequeno vídeo sobre a condenação de Jesus pelo tribunal romano, pois a Palestina estava dominada pelos romanos e só o chefe do Império Romano podia tomar tal decisão. Após a visualização do vídeo a professora solicita os alunos a preencherem um anagrama com palavras relacionadas com o julgamento de Jesus.</p>	<p>Caderno do aluno</p> <p>Manual (p. 70)</p> <p>Vídeo (anexo 13)</p> <p>Anagrama (anexo 14)</p>	<p>5 m</p> <p>5 m</p> <p>5m</p> <p>10 m</p>	<p>- A professora observa e preenche a grelha de observação direta:</p> <p>- Partilha</p> <p>- Cooperação pelas regras.</p> <p>- Oralidade</p> <p>- Participação</p> <p>- Interesse</p> <p>- Responsabilidade</p>
			<p>Leitura sequencial dos textos do manual (manual p. 71-73). A professora vai questionando os alunos sobre o julgamento de Jesus colocando a questão «se vivessem no tempo de Jesus, a quem é que eles pediam para soltar, Jesus ou Barrabás?»</p>	<p>Manual (p. 71-73)</p>	<p>10 m</p>	
			<p>Leitura dos textos do manual (p. 73) em que a professora vai fazendo interrupções para explicar aos alunos o que diz a Sagrada Escritura que afirma que Jesus é o Filho de Deus, viveu a fazer o bem, morreu e ressuscitou por ter defendido a dignidade de todas as pessoas e o amor universal e infinito de Deus, explicando também o significado da origem da palavra DOMINGO - 1.ª feira.</p>	<p>Manual (p. 73)</p>	<p>5m</p>	
			<p>Pequeno vídeo: «Amor universal».</p> <p><u>Síntese final:</u> A mensagem da Ressurreição é o amor de Deus pela vida e não pela morte- T.P.C.- consultar o Novo Testamento com a ajuda dos pais em Act.10,39-40 e Jo 20,25.</p>	<p>Vídeo (anexo15)</p>	<p>5 m</p>	

Quadro 7 - Planificação da Aula 7 da UL 2

Reflexão sobre a aula n.º 7

Após o registo do sumário, efetuei a síntese da aula anterior para estabelecer a ponte com a última lição. Em seguida, interpelei os alunos que puseram o dedo no ar para contarem o que de mais importante aprenderam na última aula, tendo concluído que os discentes compreenderam a mensagem sobre a condenação de Jesus, levada a cabo pelo tribunal judaico, ter sido muito injusta e chocante. De seguida, expliquei aos mesmos que os chefes religiosos não podiam condenar ninguém à morte porque a Palestina estava dominada pelo Império Romano e só o prefeito romano é que podia tomar tal decisão. Expliquei que Jesus não quis exercer o seu direito de defesa e fora levado ao prefeito romano, chamado Pôncio Pilatos.

Seguiu-se a leitura sequencial e exploração dos textos sobre a condenação do tribunal romano, tendo, posteriormente, convidado os alunos a visionar um vídeo (anexo 13) em que se vê que os chefes religiosos conseguiram convencer Pilatos de que Jesus era uma ameaça à paz e, por isso, Jesus foi condenado à morte, através da crucifixão. A seguir, como estratégia, distribuí umas fichas em formato de papel com um anagrama (anexo 14), isto é, uma atividade para os alunos serem capazes de descobrir nas sílabas corretas, tendo em conta que as letras se encontravam intencionalmente desordenadas, de forma que estes identificassem ou reconhecessem nas palavras, os acontecimentos relacionados com a história da paixão e morte de Jesus. Deste modo, esta atividade foi um bom suporte, o que permitiu fluir o processo ensino-aprendizagem dos alunos e facilitou-me também a disponibilidade para, em observação direta, preencher a grelha de observação sobre o comportamento dos alunos, que me pareceram bastante atentos.

Na última parte da aula, expliquei aos discentes que Jesus, no seu imenso Amor, submeteu-se à humilhação, à paixão e à crucificação, para que todas as pessoas reconhecessem n'Ele o Salvador. Expliquei, através da compreensão dos textos bíblicos, que todos os cristãos acreditam que Jesus é o Filho de Deus, viveu fazendo e ensinando o bem, morreu e Ressuscitou por ter defendido a dignidade de todas as pessoas e o amor universal de Deus. Por isso, a festa cristã mais importante é a Páscoa, que celebra a Ressurreição de Jesus. Expliquei, preparando os alunos, como surgiu historicamente o Domingo, o que causou grande admiração e espanto, não sabendo a importância que este dia tinha para todos os cristãos, pois desconheciam. Foi explicado que, segundo as escrituras, Jesus Ressuscitou no 1º dia da semana, isto é, na 1ª feira e, portanto, esse dia passou a chamar-se o dia do Senhor Ressuscitado, *Dies Domini*, palavra latina, que deu origem à palavra portuguesa «DOMINGO».

De um modo geral, a turma revelou-se bastante participativa e atenta. Para facilitar a explicação da mensagem cristã sobre a Ressurreição de Jesus, fiz um paralelo com a mensagem

do livro *O Príncipezinho*, de Saint Exupéry, que sabia que todos eles conhecem, de modo a entenderem, que «o essencial é invisível aos olhos»²⁹ tentando ensinar os alunos a verem mais além, com o coração, pois assim se chega ao verdadeiro conhecimento.

Nos últimos minutos foi efetuada a visualização de um pequeno vídeo (anexo 15), que colmatou com o interesse e entendimento dos discentes sobre a mensagem cristã desenvolvida por mim durante toda a aula. Posteriormente, adotei como estratégia propositada um trabalho de casa, convidando os alunos a consultarem, com a ajuda dos pais, o Novo Testamento, nomeadamente as seguintes leituras (At 10, 39; Jo 20, 25 e At 10, 40), realçando a importância de pôr os alunos, não só em contacto com a Palavra de Deus, ajudando-os a dar valor à leitura dos textos bíblicos «[...] contactar com a polissemia da verdade bíblica»,³⁰ bem como a estarem em contacto com relatos, memórias, para revelar-lhes que a mensagem cristã sobre a Ressurreição não é invenção humana mas sim, fruto de testemunhos da Sagrada Escritura. É à luz do mistério pascal que o conhecimento acerca de Jesus histórico pode conduzir os alunos ao encontro profundo com o Cristo da Fé e à relação pessoal com Jesus.

Os alunos revelaram muito interesse e empenho relativamente aos conteúdos propostos, tendo concluído que perceberam a mensagem. Selecionei e desenvolvi as atividades que motivam a atenção e aprendizagem dos educandos, sublinhando ainda, a forma simples como abordei a questão da Ressurreição de Jesus, sendo curioso constatar pela intervenção de um aluno que disse que «Jesus está vivo no nosso coração». Com esta experiência pretendi contribuir para que todos os alunos se abrissem à dimensão espiritual e interior do próprio ser.

Concluí que os objetivos desta aula foram cumpridos, dado que os alunos compreenderam, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, Filho de Deus; e que a Ressurreição de Jesus é a vitória da Vida sobre a morte.

²⁹ Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho* (Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1999), 83.

³⁰ Armindo dos Santos Vaz, *Palavra Viva, Escritura poderosa* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013), 73.

Sumário: Julgamento de Jesus. A Ressurreição, vitória da vida sobre a morte.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	⌚	Avaliação
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da vida sobre a morte.	<ul style="list-style-type: none"> ● A Ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus é o Filho de Deus. ● Deus quer a vida e não a morte. ● Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros? ● <p>Devo ser capaz de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar; - Cuidar; - Ajudar; - Compreender; -Partilhar; - Amar. 	<p>Registo do sumário e síntese da aula anterior.</p> <p>A professora convida os alunos a refletirem sobre o trabalho de casa e faz a síntese da última aula e, de seguida, distribui umas fichas de apoio à lição para consolidação dos conteúdos.</p> <p>Leitura do manual (pág. 74 e 75) e distribuição de umas fichas de apoio com os símbolos da Páscoa e com as explicações dos mesmos.</p> <p>Leitura e exploração do texto do manual (pág.76) em que a professora explica aos alunos que Jesus ensinou, que uma vida feliz é aquela que se vive a amar os outros. Segue-se a visualização de um pequeno vídeo sobre este tema.</p> <p>Continuação da leitura sequencial dos textos do manual em que a professora projeta no quadro a conclusão da Unidade Letiva 2, terminando com a projeção de outro pequeno vídeo acerca da existência de Deus.</p> <p><u>Síntese da aula:</u> Dar a vida pelos outros.</p>	<p>Caderno do aluno</p> <p>Ficha de apoio (anexo 16)</p> <p>Manual (p. 74 e 75) Ficha de Apoio (anexo 17)</p> <p>Manual (p. 76)</p> <p>Vídeo (anexo18)</p> <p>Manual do aluno (p. 77-79) Vídeo (anexo19)</p>	<p>5 m</p> <p>5 m</p> <p>10 m 5m</p> <p>5 m</p> <p>5m</p> <p>10 m</p>	<p>- A professora observa e preenche a grelha de observação direta:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atenção - Cooperação - Partilha - Respeito pelas regras - Oralidade - Respeito pelas regras

Quadro 8 - Planificação da Aula 8 da UL 2

Reflexão sobre a aula n.º 8

Após o registo do sumário, realizei a síntese da lição anterior e questionei os alunos sobre o trabalho de casa, mandado fazer na última aula, sobre a consulta e análise de alguns textos da Bíblia sobre a Ressurreição de Jesus. Dialogando com a turma, e, a partir da análise e interpretação que fizeram dos textos bíblicos, eles aprenderam a reconhecer que o amor de Deus se concretizou na Ressurreição de Jesus e que os discípulos puderam vê-Lo Ressuscitado. Após a explicação sobre o acontecimento, Ressurreição de Jesus, distribuí pelos alunos umas fichas de apoio à lição, em que os alunos são convidados a ler em voz alta, procedendo-se a um breve diálogo em que esclareci com mais pormenor os significados dos símbolos pascais: o Círio Pascal, o Pão e o Vinho, o ovo e a corrente partida, bem como o significado da Missa ou Eucaristia que é, por excelência o memorial da paixão, morte e ressurreição de Jesus, o memorial da Páscoa. Pensei que esta mensagem seria importante, não só porque corresponde ao tempo litúrgico da Quaresma e da Páscoa, mas também para que os alunos o saibam identificar e saibam qual o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.

Seguiu-se a leitura sequencial, a exploração dos textos e a visualização de um pequeno vídeo (anexo 18), em que foi explicado e recordado aos discentes o mandamento novo de Jesus, que se traduz numa vida fraterna, com mais qualidade de vida. Acrescentei e salientei que Jesus é o Filho de Deus, que veio ao mundo ensinar o bem, que morreu e Ressuscitou para defender a dignidade de todas as pessoas e dar a conhecer o amor universal e infinito de Deus. De seguida, nos últimos minutos e para motivar os alunos a descobrirem o conteúdo da mensagem, foi efetuada a visualização de um pequeno vídeo (anexo 19) acerca da existência de Deus, que colmatou com o interesse e entendimento dos alunos sobre a mensagem desenvolvida por mim durante toda a aula.

Destaco a forma positiva como foram utilizados os recursos e as estratégias.

Saliento a comunicação e a explanação acerca de determinados conceitos e definições sobre o acontecimento da Páscoa e Ressurreição. Ao propor este caminho, estou também a propor os alunos à abertura ao mistério de Deus, com base no paradigma antropológico cristão que se centra na relação e doação recíproca, imagem da vida trinitária.

Os objetivos desta aula foram cumpridos pois, dialogando com a turma, ensinei que os cristãos celebram a grande festa da Ressurreição de Jesus como vitória da vida sobre a morte e que o projeto de Deus para a humanidade torna possível a união de todas as pessoas no seu amor.

Aula 9 UL – «Jesus, um Homem para os outros» **Lição n.º 23**
Sumário: Realização da ficha de avaliação sumativa de consolidação de conteúdos.

Data: 12-03-2019 **Ano Letivo:** 2018/2019

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação
Todas as definidas para esta Unidade Letiva.	Todos os definidos para esta Unidade Letiva.	Todos os definidos para esta Unidade Letiva.	Registo do sumário. Ficha Sumativa de consolidação de conteúdos.	Caderno do aluno Ficha de Avaliação Sumativa (anexo 20)	5 m 40m	Preenchimento da grelha de registo de trabalho individual.

Quadro 9 - Planificação da Aula 9 da UL 2

Reflexão da aula n.º 9

Comecei por acolher os alunos, distribuindo as fichas de avaliação (anexo 20), indicando que teriam 40 minutos para a sua realização.

À hora prevista, informei que deveriam terminar e, sem necessidade de prolongar o tempo previsto, recolhi as fichas de avaliação e avisei os alunos que escrevessem o sumário no caderno diário. Optei por escrever o sumário no final da aula, para que os alunos iniciassem a ficha de avaliação com serenidade e dando-lhes mais tempo de reflexão para a tarefa a realizar.

Considero que a aula decorreu dentro da normalidade, tendo a turma realizado a ficha com concentração e seriedade.

Durante a realização da ficha de avaliação, sempre que os alunos solicitavam, desloquei-me junto dos mesmos, a fim de esclarecer ou clarificar alguma dúvida.

Os resultados das fichas de avaliação dos alunos, em baixo citados, revelaram que os alunos compreenderam bem a mensagem desta unidade temática, tendo havido apenas um aluno com avaliação de Suficiente, dez alunos com a menção de Bom e os treze restantes com a menção de Muito Bom.

Resultados Finais da Ficha Avaliação Sumativa:

- Insuficiente = 0
- Suficiente = 1
- Bom = 10
- Muito Bom = 13

Os resultados indicam que todo o processo de ensino-aprendizagem se concretizou de forma bastante satisfatória, o qual pode fornecer-me, de forma sistematizada, os progressos evidenciados pelos alunos.

Sumário: Proposta de atividade para o tempo litúrgico da Quaresma. Entrega e correção das fichas de avaliação sumativa.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	🕒	Avaliação
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano.	<ul style="list-style-type: none"> ● Deus quer a vida e não a morte. ● Que posso fazer para viver cada vez com mais qualidade e dar a vida aos outros? ● Devo ser capaz de: <ul style="list-style-type: none"> - Respeitar; - Cuidar; - Ajudar; - Compreender; - Partilhar; - Amar. 	Registo do sumário.	Caderno do aluno	5m	- A professora observa e preenche a grelha de observação direta: - Atenção - Cooperação - Partilha - Respeito pelas regras - Oralidade - Respeito pelas regras
			Introdução: os alunos são convidados a refletir sobre uma atividade a realizar no tempo da Quaresma através da projeção de um pequeno vídeo.	Vídeo (anexo 21)	5 m	
			Atividade: Distribuição de uma ficha de apoio para realização da atividade intitulada: «Missão em serviço».	Ficha (anexo 22)	10 m	
			Conclusão: Síntese.	Caderno do aluno	5 m	
			Entrega e correção das fichas de avaliação.	Fichas dos alunos	20 m	

Quadro 10 - Planificação da Aula 10 da UL 2

Reflexão da aula n.º 10

Comecei por fazer o acolhimento à turma, seguindo-se o registo do sumário. Iniciei a aula perguntando aos alunos pelo documento que lhes tinha sido entregue no dia da primeira aula da UL 2, para lhes lembrar que os cristãos iriam participar do tempo litúrgico da Quaresma. Continuei a explicação lembrando aos alunos o que já tinha ensinado numa aula sobre a história dos judeus e sobre as atitudes de Moisés, face aos obstáculos vividos por ele. Desta forma, fui sintetizando e explicando a importância da celebração da Páscoa, tanto para os judeus como para os cristãos. Sendo que, através da Páscoa judaica, celebra-se a confiança em Deus, como meio de superação; e a Páscoa cristã festeja a passagem da morte para a vida, através da Ressurreição de Jesus Cristo, que experimentou as maiores adversidades e conseguiu superá-las por amor e fidelidade a Deus Pai.

Expliquei, portanto, atentamente o significado da Páscoa judaica e o significado da Páscoa cristã, pois os relatos fazem pensar e convidam os alunos a ver e a ir mais longe, lembrando a memória de um povo, o povo judeu. Acrescentei que, para os cristãos, este tempo, é um tempo de preparação interior, ou seja, um tempo em que devemos refletir no que fazemos de errado e como poderemos modificar esses erros para sermos pessoas autênticas. Como estratégia utilizei um pequeno vídeo em banda desenhada intitulado «Quaresma e Metanoia» (anexo 21), de modo a melhor revelar aos alunos que este tempo litúrgico é um tempo de conversão, de interioridade e consciência, com a finalidade de os ajudar a serem cada vez melhores, a procederem com boas atitudes, não só para com eles próprios, mas também para com o próximo.

Em seguida, propus uma atividade que os discentes deveriam realizar nos dias seguintes e a ser continuada nas férias da Páscoa (uma vez que o final do 2.º Período estava a terminar), atividade essa, sobre as atitudes que cada um poderia experimentar e vivenciar, não só consigo mesmo, cultura da interioridade, mas também com os outros, experiência do serviço. Deveriam começar em casa com a família e depois na escola, mobilizando o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano. Para tal, distribuí uma ficha de apoio intitulada: «Missão em serviço» (anexo 22), com o calendário quaresmal dos dias da semana correspondentes ao tempo litúrgico da Quaresma. Para que os alunos o entendessem melhor, expliquei que poderiam fazer um pequeno diário com os dias da semana, em que cada um iria escrever todas as atitudes boas que vivenciaram nos dias da quaresma. Este procedimento permitia-lhes, não só tomar consciência dos seus atos, mas também elucidá-los sobre as experiências e as vivências comportamentais em situações do quotidiano. O bem agir de cada um valoriza-o e repercute-se nas pessoas que lhe estão próximas. Foi deste modo que preconizei desenvolver com os alunos a dimensão espiritual, ética e cristã, que cada educador de EMRC é

chamado a fazer e a ensinar, propondo também uma pedagogia do serviço, incentivando os alunos a caminhos novos, que toquem todas as suas dimensões: física, afetiva, intelectual, moral e espiritual. Este itinerário pedagógico pretende levar os educandos a viver uma espiritualidade autêntica, contribuindo para que eles se tornem capazes de se opor frente aos grandes desafios do momento presente e de criar um projeto de vida autêntico e verdadeiro.

Após a conclusão deste tema e desta unidade temática realizada com os alunos, dado que era a minha última aula da unidade de referência, procedi à distribuição das fichas de avaliação sumativa. Os alunos ficaram muito contentes e entusiasmados pelos resultados alcançados, sendo que as aprendizagens previstas para esta UL 2: «Jesus, um Homem para os outros», foram atingidas com sucesso, reforçando que todo o docente deve ter a capacidade de reorganizar um itinerário pedagógico de modo a cativar e a transformar nos alunos toda a sabedoria e pedagogia ensinada pelo Mestre Jesus.

Gostaria de referir que foi desenvolvida uma atividade para toda a comunidade educativa do Externato da Luz, que teve como objetivo a preparação do tempo litúrgico da Páscoa (anexo 23). Esta consistiu na realização de uma «Oração comunitária da Quaresma». Realizou-se entre os dias 1 e 5 de abril de 2019.

3. ANÁLISE E REFLEXÃO DO TRABALHO REALIZADO DURANTE A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

As atividades desenvolvidas nas aulas, possibilitaram aos alunos a construção de um saber reflexivo no que concerne à reformulação de conceitos, e favoreceram a participação crítica de todos. Os alunos cooperaram e as aulas decorreram num clima de diálogo e de grande interação entre os participantes. Os discentes partilharam conhecimentos e a todos foi-lhes dada oportunidade de expor as suas experiências, compreensões, concordâncias e discordâncias em relação aos conteúdos abordados. Mesmo os momentos mais teóricos, com exposição e diálogo, revelaram-se da maior importância.

Estas aulas incentivaram-me também a refletir acerca do papel que um professor de EMRC deve ter como bom comunicador, observador, reflexivo, humilde, bom ouvinte, paciente e inovador, tendo em conta o uso da linguagem de modo que as aulas não se tornassem doutrinárias e catequéticas. A minha grande preocupação foi motivar, criar nos alunos o interesse por este tema sobre Jesus, suscitando-lhes o espírito crítico sobre a Sua mensagem, incitando-os a compreender uma correta articulação dos conteúdos abordados, com a acumulação de novos conhecimentos, através da leitura e da interpretação de textos bíblicos, de forma a desenvolver

com eles a dimensão espiritual, abrindo-os à presença do Mistério e valorizando a relação com o Transcendente.

Os alunos cooperaram e as aulas decorreram num clima de diálogo entre os participantes. A boa gestão do tempo previsto para a abordagem de cada conteúdo foi uma mais valia para gerar um clima de serenidade e respeito e controlar qualquer possível imprevisto na sala de aula, uma vez que a lecionação se realizava no último tempo do turno da manhã.

Para a planificação desta UL, tive em consideração os objetivos que estão indicados nas metas: B – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história; E – Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo; K – Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com fundamento religioso; M – Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano.³¹

Considero que esta UL, com o tema «Jesus, um Homem para os outros», é ampla e rica em conteúdos, mas também um pouco complexa de os transmitir. Deste modo, tentei criar as condições para que cada aluno pudesse experimentar na dimensão religiosa, a dimensão espiritual, ou seja, o Cristo vivo da fé, mostrando que há duas formas de conhecer Jesus: uma vinculada à cultura religiosa e outra vinculada ao encontro pessoal com Jesus. É importante que os alunos percebam esta dimensão como constituinte do ser humano.

O facto de Jesus ser apresentado nesta UL como um Homem para os outros, penso e sinto que teve um grande impacto no crescimento dos alunos que se encontram em fase de mudança para o 3.º Ciclo, considerando que a turma alcançou as aprendizagens previstas para esta unidade, bem como o alcance das metas. Através da observação direta, com base numa grelha específica de observação que utilizava nas dez aulas consecutivas, bem como as atividades realizadas no Natal e Páscoa, assim como o projeto que os alunos fizeram nas férias do segundo período no tempo da quaresma, foram experiências e propostas por mim incentivadas. Todas as estratégias utilizadas, os trabalhos individuais e realizados em grupo, o projeto: «Missão em Serviço», como sendo uma reciclagem de atitudes, a preparação para a ficha de avaliação sumativa, que tive o cuidado de preparar, realizar e avaliar, constato por todos os resultados obtidos na avaliação contínua, sistemática e sumativa, que os alunos apresentaram resultados bastante satisfatórios. Na escola somos chamados a evangelizar todos, crentes e não crentes, devendo ser uma marca na vida dos alunos e da comunidade escolar com o objetivo de lhes possibilitar um encontro pessoal com Jesus Cristo.

Após a preparação e lecionação das aulas da PES, faço uma reflexão deste percurso em que é visível uma grande ponderação de muitas das minhas intenções e estratégias de intervenção.

³¹ Cf. Carvalho, et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 66.

Permitiu-me desvendar caminhos que podem ser contornados com maior segurança, objetivando um crescimento pessoal e profissional.

O professor é capaz de construir a sua profissionalização ao interpretar e avaliar diferentes aspectos da prática pedagógica, tais como: a compreensão dos conteúdos pelos alunos; o tipo de relações interpessoais que se estabelecem, bem como transparecer o seu testemunho de uma vida verdadeiramente cristã ao serviço da disciplina de EMRC.

Reconheço, apesar dos anos de experiência como docente de EMRC, 38 anos de serviço nas escolas públicas, que a PES, que se realizou num colégio particular católico, valorizou-me na construção pessoal do conhecimento científico, possibilitou-me novas formas de compreender, agir e resolver problemas, permitindo-me a aquisição de uma maior consciência e controlo de ação. E, por sua vez, proporcionou-me mobilizar nos alunos a motivação e as atitudes para o seu crescimento integral, dado que podem relacionar as suas próprias vivências com a questão de Deus, quer no contexto religioso quer no contexto moral, cultural e social.

Ao propor este trabalho aos adolescentes, através de muitas estratégias encontradas por mim, foi minha intenção proporcionar-lhes, o encontro com Deus, que não vem apenas ao encontro da humanidade, como também se faz Ele mesmo, Homem, para mostrar ao mundo a essência do seu projeto de vida. A fim de melhorar e aprofundar ainda mais o meu conhecimento, considero imprescindível realizar um estudo científico sobre a história e vida de Jesus Cristo, que irei trabalhar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS

O estudo do presente tema da segunda unidade do sexto ano: «Jesus, um Homem para os Outros», é relevante no processo educativo, habilitando-nos a melhor estimular nos alunos a motivação, a solidariedade, a valorização individual e do grupo, procedimentos que possibilitam integrar a dimensão moral e religiosa, sabendo-se corpo e espírito, um ser espiritual no desenvolvimento das suas vivências existenciais.

O Cristianismo constitui um berço da Europa tal como a conhecemos hoje. Assim sendo, é simplesmente impossível dissociar a fé em Deus, centrada na Pessoa de Jesus Cristo, do contexto histórico, científico e cultural europeu. Como afirma Régis Debray «Deus não pode ser apenas objeto de estudo da teologia, mas é também uma chave hermenêutica da própria cultura europeia, caso contrário, corre-se o risco de formar uma sociedade “incultura religiosa”».³²

Jesus, um Homem para os outros, constitui um marco incontornável na formação religiosa, cultural, ética e social dos alunos de Educação Moral e Religiosa Católica. E, é ainda «um ponto de referência que estimula e ajuda a levar por diante, no diálogo profícuo e com empenho e interesse renovados, a missão de contribuir para a formação da personalidade dos nossos educandos».³³

Desde a tua infância conheces as Sagradas Escrituras; Elas têm o poder de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para ensinar, refutar, corrigir e educar na justiça, a fim de que o homem de Deus seja realizado, qualificado para toda a obra boa (2Tm 3, 15-16).

1. A SITUAÇÃO POLÍTICA E RELIGIOSA DA PALESTINA NO TEMPO DE JESUS CRISTO

Quando se fala de Jesus, sobretudo quanto se busca uma melhor compreensão da Sua vida e do Seu percurso, não podemos deixar de referenciar e fundamentar tais considerações na história do povo judaico, dado que o Filho de Deus se fez homem no contexto geográfico, sociopolítico e religioso vigentes do seu País, a Palestina.

³² Régis Debray, *L'Enseignement du fait religieux dans l'école laïque, Rapport au ministre de l'Éducation nationale* (Paris: Éditions EHESS, 2002), 4-5.

³³ CEP, «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade».

A Palestina, situada numa pequena faixa litoral entre o Grande Mar (Mar Mediterrâneo) e o Rio Jordão (que desagua no Mar Morto), interliga o Norte de África e a Mesopotâmia, no interior do Crescente Fértil. Trata-se, portanto, de um território geograficamente estratégico. Etimologicamente, é considerada Terra dos Filisteus (Filastīn)³⁴ e, na ótica religiosa do povo hebreu, País de Canaã,³⁵ a Terra Prometida por Iahweh e conquistada. No Antigo Testamento, que desvenda a revelação que Iahweh faz de Si mesmo ao homem e do seu plano divino, temos referências a Canaã (cf. Gn 10, 15-19),³⁶ em que a fronteira dos Cananeus e a de Sidónia, em direção de Gerara, até Gaza, depois em direção de Sodoma, Gomorra, Adama e Seboim, até Lesa. Iahweh disse a Abraão: «sai da tua terra [...] para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti uma grande nação [...] partiram para a terra de Canaã, e lá chegaram» (Gn 12,1-5).³⁷ Por conseguinte, fenícios e cananeus têm a mesma origem. De acordo com Samuel Schultz, com a chegada do Patriarca a Canaã, «esta terra chegou a ser o ponto focal do interesse no desenvolvimento histórico e geográfico dos tempos da Bíblia».³⁸

1.1. A situação política

Pela sua situação geográfica, a terra de Canaã ou Palestina era alvo de grandes conflitos civilizacionais. A Palestina tentava subsistir a invasões e infiltrações de nómadas vindos do deserto arábico, a ataques marítimos de povos ambiciosos e a campanhas de exércitos dos impérios dominantes que ansiavam dilatar as suas fronteiras, como os hititas, os assírios, os babilonenses e os persas.

No ano 63 a.C., após a anexação da Síria por Pompeu, a Palestina não resistiu à invasão deste general e chefe do exército do Império Romano. A partir deste momento, a sua história apresenta-se estreitamente ligada a Roma. Torna-se, por isso, necessário abordar a situação sociopolítica e religiosa da época, dado que a dominação romana perdura no tempo de Jesus, exercendo influência na Sua vivência.

A Palestina passou a fazer parte de Roma, a maior potência política de então, como uma Província semiautónoma, que mantinha a autoridade política local. Pompeu conquista Jerusalém,³⁹ neste mesmo ano⁴⁰ e, segundo Horsley, o procedimento de Roma em se estabelecer

³⁴ Cf. Reuberson Ferreira, «Aspectos físicos e econômicos da Palestina no tempo de Jesus», acessado a 24 de julho de 2019, <https://www.abiblia.org/ver.php?id=1195>.

³⁵ Cf. Daniel Rops, *A vida quotidiana na palestina no tempo de Jesus* (Lisboa: Livros do Brasil, 1963), 10-11.

³⁶ Assim, Canaã é o território que existe entre Gaza ao sul; Hamã ao norte, ao longo da costa oriental do Mediterrâneo. Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, *Ancien Testament* (Paris: Editions du Cerf, 1984), 59.

³⁷ Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, *Ancien Testament*, 62.

³⁸ Samuel Schultz, *A história de Israel no Antigo Testamento* (São Paulo: Vida Nova, 2009), 18.

³⁹ Cf. Emil Schurer, *A História do Povo Judeu* (Edimburgo: T. & T. Clark Ltd., 1987), 329.

⁴⁰ Cf. Edmond Stapfer, *A Palestina no tempo de Jesus Cristo* (Paris, Théo TEX, 1885), 34.

e assumir o poder é exercido de forma violenta.⁴¹ O período de domínio sob Pompeu é um período de grandes conflitos e instabilidade política. Os romanos nas suas conquistas oprimiam e aterrorizavam o povo judeu. O exército por onde passava incendiava, destruía cidades, povoações, massacrando e crucificando as suas populações. As cidades da Judeia, Galileia, Pereia, e Idumeia foram submetidas a impostos extraordinários, o que causou insatisfação popular. Para a mentalidade judaica, a terra pertence a Deus que, por sua vez, a dá ao seu povo. Este é um pressuposto essencial da Lei e fé judaicas. Saulnier menciona que «as lutas provocaram novas mudanças na Palestina, contribuindo para a derrota e desaparecimento da monarquia asmonéia (descendentes dos macabeus), para a ascensão política de Herodes e a supremacia romana».⁴² Herodes o Grande (37 a.C. - 4 a.C.) faz, estrategicamente aliança com o Império Romano e obtém de Roma o título de Rei dos Judeus. Segundo Emil Schurer, Herodes foi ao ponto de se reunir com o Imperador Augusto (31 a.C - 14 d.C.), em Samos.⁴³ Segundo Joachim Gnilka, Herodes é designado pelo Império Romano como «rei aliado e amigo do povo romano: *rex socius et amicus populi Romani*».⁴⁴ Na Palestina, Herodes mandou construir fortalezas e palácios; na Samaria, foram feitas construções em honra do Imperador Romano Augusto; em Jerusalém, desenvolveram-se projetos colossais com os quais procurava obter a simpatia do Povo e, por sua vez, o fazem ganhar a confiança dos Romanos. Contudo, Herodes foi sempre considerado pelo povo judeu «como intruso e usurpador estrangeiro»⁴⁵. A política que Herodes exerceu, centrada em conspirações e intrigas, regida pela crueldade e presunção provocou um descontentamento geral no povo. Todo este contexto e modo de agir o distanciaram paulatinamente das questões sociais e religiosas dos judeus do seu tempo.

1.2. A situação social e religiosa

A sociedade judaica do tempo tinha as suas hierarquias: a classe alta, composta por detentores do poder, como sejam o rei Herodes, o Sumo-Sacerdote, os membros do Sinédrio ou altos funcionários da Corte. Um segundo estrato era constituído pelos proprietários de terras, latifundiários, comerciantes e artesãos. Nos Evangelhos aparecem muitas vezes referências a estes grupos sociais. A classe inferior era composta sobretudo por escravos e trabalhadores

⁴¹ Cf. Richard Horsley e John Hanson, *Bandidos, Profetas e Messias Movimentos populares no tempo de Jesus* (São Paulo: Paulus Editora, 1995), 43.

⁴² Cf. Christiane Saulnier e Bernard Rolland, *A Palestina no Tempo de Jesus* (São Paulo: Paulus Editora, 1983), 20.

⁴³ Cf. Schurer, *A História do Povo Judeu*, 428.

⁴⁴ Joachim Gnilka, *Jesús de Nazareth: mensaje e história* (Barcelona: Editorial Herder, 1999), 47.

⁴⁵ Gnilka, *Jesús de Nazareth: mensaje e história*, 46.

rurais, os quais trabalhavam para os detentores da terra.⁴⁶ Socialmente, as roupas eram usadas de acordo com o status social e cultural. Os homens vestiam uma túnica apertada com um cinto, um manto enrolado no corpo e andavam descalços ou com sandálias. As mulheres, por sua vez, vestiam roupa larga, longa e cobriam a cabeça.

As línguas faladas eram o aramaico, o hebraico (o idioma litúrgico), e o grego (nomeadamente, para documentos e contratos legais). A escola localizava-se na Sinagoga, e destinava-se apenas para os meninos. Ali aprendiam a ler, a escrever, a fazer contas, a manusear a Torah e a interpretar os textos sagrados. Os jovens que sobressaíam passavam pela bênção da virilidade, que significava a sua apresentação perante a comunidade. O estudo permitia que os meninos aos treze anos lessem e interpretassem uma passagem da Escritura diante da comunidade. As meninas não tinham aulas, pois não necessitavam. Aprendiam a Lei apenas ouvindo a palavra do rabino no Shabbad. Num lar judeu, recitava-se de manhã e à noite a oração a Deus seu único Senhor: «Escuta (Shema), ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh! Amarás a Iahweh, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força» (Dt 6, 4-5).⁴⁷

A economia baseava-se essencialmente em duas grandes atividades: a criação de animais; e a produção agrícola, plantio e cultivo de grãos, cereais (Mc 2, 23) linho, mostarda (Mc 4, 31-32) e legumes, por parte das famílias que habitavam nos povoados. Mais especificamente, em Nazaré, segundo Pagola: «Nas colinas mais expostas ao sol [...] havia socalcos escavados onde se plantavam videiras de uva preta. Na parte mais rochosa, cresciam as oliveiras que forneciam a azeitona».⁴⁸ O azeite fabricado era para usos domésticos, cosméticos e no âmbito religioso era utilizado nas unções e nas oferendas ao Templo.⁴⁹ Nas aldeias situadas junto ao Mar da Galileia desenvolvia-se a atividade piscatória. Nas cidades expandiam-se os ofícios manuais, tais como: tecelagem, cerâmica, metalúrgica e trabalhos de arquitetura por parte dos artesãos.⁵⁰ A economia, setor terciário, era fundamental, pois o comércio impulsionado pelos latifundiários permitia assegurar padrões de sustentabilidade. Mas a situação económico-social era de descontentamento geral, dado o empobrecimento do povo. A par disso, o endividamento era considerável devido à alta carga tributária exercida pelos romanos e pelo Templo, com a agravante da circulação da moeda ser controlada pelas elites urbanas, o que favorecia os mais

⁴⁶ Cf. Ivan Esperança Rocha, «Dominadores e dominados na Palestina do I século», *História*, São Paulo 23, n. 1-2 (2004): 245.

⁴⁷ Cf. José António Pagola, *Jesus: uma abordagem histórica* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2008), 48.

⁴⁸ Pagola, *Jesus: uma abordagem histórica*, 40.

⁴⁹ Cf. Joaquín González Echegaray, *Jesús en Galilea: Aproximación desde la arqueología*, (Navarra: Verbo Divino, 1994), 72-79.

⁵⁰ Cf. Saulnier e Rolland, *A Palestina no tempo de Jesus*, 28.

ricos.⁵¹ O exército romano, com cerca de 400.000 homens, exercia uma política opressora que impossibilitava a mínima revolta por parte do povo. A *pax romana* promulgada por Augusto para todos os territórios conquistados, inclusive a Palestina, parecia trazer consigo este alto preço social e económico.

Jerusalém era a principal cidade da Judeia, a «cidade santa» para os judeus, por nela se situar o Templo, construção colossal edificada pelo Rei Salomão (cf. 1 Reis, 6-2) e ampliada por Herodes. O Templo, construído em mármore nevado e ouro, era arquitetonicamente magnífico e superava o Templo de Salomão pela sua grandiosidade. Ao Templo, dirigiam-se peregrinações com oferendas e, ali se realizavam os sacrifícios e as práticas cultuais. Na altura das Festas judaicas acorriam multidões, mas na véspera da Páscoa judeus vindos de toda a parte vinham a Jerusalém e dirigiam-se ao Templo com cânticos de louvor.⁵² O Templo era o centro do Judaísmo e polarizava toda a vida religiosa no tempo de Jesus.

Desde o retorno do Exílio de Babilónia em 538 a.C.,⁵³ o Sumo-Sacerdote desempenhava o mais alto cargo da sociedade judaica e, «era detentor de um poder político em estreita colaboração com o prefeito romano, que era quem o designava ou demitia».⁵⁴ É, contudo, por volta do ano 152 a.C., que surgem as principais correntes religiosas, grupos ideologicamente muito distintos, que perduraram no tempo de Jesus. Estes são conhecidos como Saduceus, Fariseus, Zelotas, Essénios e Samaritanos.

Os Saduceus, que pertenciam à aristocracia sacerdotal, centravam-se na Torah, ou seja, nos cinco livros do Pentateuco (Génese, Êxodo, Levítico, Números e Deuterónimo), os únicos que consideravam legítimos.⁵⁵ Ligados às altas classes sacerdotais eram os dirigentes do Templo. Como tal, atuavam na política e apoiavam-se em retribuições materiais, dízimos, taxas e doações.⁵⁶ Subestimavam os profetas e os escritos sapienciais, não aceitando a tradição oral.⁵⁷ Rejeitavam a crença na ressurreição: «Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não existir ressurreição» (cf. Mt 22,23).

Os Fariseus, eram um grupo muito influente nas distintas correntes do Judaísmo. Este grupo era constituído por letrados, doutores da Lei, ligados à tradição e aos costumes de Israel. Muitos exerciam tarefas administrativas e burocráticas.⁵⁸ Defendiam a crença de que o povo

⁵¹ Cf. Pagola, *Jesus: uma abordagem histórica*, 29.

⁵² Cf. Alfred Edersheim, *El Templo. Su ministerio y servicios en tiempos de Cristo* (Barcelona: Editorial Clie, 2013), 21-45.

⁵³ Cf. Francolino Gonçalves, «Exílio Babilónico de Israel. Realidade histórica e propaganda», *Cadmo: actas do colóquio internacional: sociedade, religião e literatura no próximo Oriente Antigo*, n. 10 (2000): 180, https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/24202/1/Cadmo10_artigo9.pdf.

⁵⁴ Pagola, *Jesus: uma abordagem histórica*, 353.

⁵⁵ Cf. Armand Puig, *Uma biografia* (São Paulo: Paulus Editora, 2006), 105.

⁵⁶ Cf. Charles Perrot, *Jésus et l' Histoire*, (Paris: Editions Nouvelle, 1995), 14.

⁵⁷ Cf. Echegaray, *Jesús en Galilea: Aproximación desde la arqueología*, 50.

⁵⁸ Cf. Echegaray, 348.

judeu alcançaria a salvação por meio da vivência rigorosa da Lei escrita e oral, e esta, sendo aprofundada, proporcionar-lhes-ia maior piedade.⁵⁹ Evitavam contacto com tudo o que a Lei judaica considerava impuro, como por exemplo: «não comiam sem lavar as mãos muitas vezes; e, ao voltar do mercado, se não se lavassem, não comiam sem ter feito abluções; e muitas outras coisas havia que receberam para observar, como lavar os copos, e os jarros, e os vasos de metal» (cf. Mc 7,3-4).⁶⁰ Nos Evangelhos encontramos-os descritos com nomes diversos: doutores da Lei (*passin*), mestres da Lei (Lc 5, 17)⁶¹ e *nomikoi* (Lc 7, 30).⁶² Contudo, Joachim Gnilka diz que: «grammateis é a denominação mais frequente para referenciar os peritos da Lei».⁶³

Os Zelotas, «como partido independente procediam dos fariseus, concretamente da ala esquerda dos fariseus».⁶⁴ Estes eram conhecidos pela ortodoxia e conservadorismo e, como defensores da Lei, consideravam o Templo como Instituição Divina e esperavam a vinda do Messias. Os Zelotas dispunham-se a combater militarmente. O uso da violência e da força justificava, caso fosse necessário, para garantir a independência da dominação romana. A morte em combate, com o intuito de acelerar o advento desse tempo messiânico, era considerada como martírio em nome de Deus. «A sua maneira de pensar e atuar, compreende-se se se tiver em conta que Deus e o povo, Iahveh e a liberdade do povo são considerados inseparáveis. Por isso, a humilhação do povo supõe ao mesmo tempo a humilhação de Iahveh».⁶⁵

Em Qumran, junto do Mar Morto, vivia uma significativa comunidade constituída pelos Essénios. Os Essénios (palavra que significa santos, «hosioi» em grego), respeitavam as regras e a pureza ritual. Por sua vez, esta «Comunidade da Nova Aliança», de tipo monástico, isolava-se sem compromisso com o clero de Jerusalém.⁶⁶ Este grupo da sociedade de então, caracterizava-se por viver no autêntico espírito religioso de ascese rigorosa, segundo estritas regras de pureza e dedicação inteiramente a Iahweh, cujo propósito de vida era a santidade. Diz-nos Puig, que o historiador Flávio Josefo escreveu que «todos os admiram pelo seu comportamento justo, que não tem comparação nem entre os gregos nem entre os bárbaros».⁶⁷ O estudo a que se propunham, a interpretação e o cumprimento muito rigoroso da Lei eram levados ao extremo. Os Essénios consideravam-se a si próprios «os filhos da luz», o resto do

⁵⁹ Cf. São os Fariseus que pedem a Pompeu para que não haja rei. A Tradição é que só se obedeça aos Sacerdotes.

⁶⁰ Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, *Ancien Testament*, 151.

⁶¹ Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, 208.

⁶² Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, 217.

⁶³ Gnilka, *Jesús de Nazareth: mensaje e história*, 98.

⁶⁴ Gnilka, 79.

⁶⁵ Gnilka, 80.

⁶⁶ Cf. Perrot, *Jésus et l' Histoire*, 14.

⁶⁷ Cf. Puig, *Uma biografia*, 302.

verdadeiro Israel, os eleitos entre os eleitos, para quem Deus tinha suscitado um Mestre de Justiça «que os guiasse no caminho do seu coração».⁶⁸

Os Samaritanos, fazendo parte da Palestina romana, eram uma facção diferenciada das anteriormente citadas pelo seu caráter heterodoxo. Os Samaritanos eram conhecedores das agitações político-religiosas, contudo, permaneciam afastados destas conturbações assim como se mantinham à margem do Judaísmo do tempo. Os Samaritanos observavam a Lei de Moisés codificada no Pentateuco, sem ligação à expectativa de um Messias. Celebravam o Shabbat e a festa da Páscoa no Monte Garizim, em Siquém, onde edificaram um novo Templo a Iahweh, pois não reconheciam Jerusalém como capital nem o seu Templo como local central da vivência religiosa.⁶⁹ «A decisão dos samaritanos chocava com a legitimidade outorgada apenas a Jerusalém e ao seu Templo como lugar onde Deus deve ser adorado».⁷⁰ O Evangelho de João testemunha particularmente relações de tensão entre Judeus e Samaritanos (Jo 4, 9). Segundo Puig, sendo até mesmo considerados «estrangeiros» pelos Judeus.⁷¹

A análise à realidade socio-religiosa do tempo permite concluir que, em termos gerais e não isentos de tensões internas, a identidade judaica achava-se fortemente definida pelas normas da Torah, e por outro lado, as normas eram interpretadas de diferentes modos pelos variados grupos de então, como sejam Fariseus, Saduceus e Essênios.

A vivência religiosa do povo judaico manifestava-se nas festas religiosas, momentos de oração e reunião em que eram ritualizadas e solenizadas as grandes intervenções de Iahweh na história do povo. Estas estavam, por sua vez, associadas aos ritmos da natureza, ou seja, ao ciclo natural das Estações. A Festa da Páscoa ou Libertação *Pesah*, festa também com contornos agrários, comemorava a libertação do povo aquando do cativeiro no Egito: «celebrem os filhos de Israel a Páscoa no tempo determinado» (Ex 12, 21-28); (Nm 9, 2); (Dt 16, 2-6). A Festa dos Tabernáculos ou Festa das Tendras (*Sukkot*),⁷² festejada durante sete dias em cabanas, celebrava o agradecimento das vindimas e da colheita dos frutos (cf. Lv 23, 33-44); (Dt 16, 16).⁷³ A Festa das Semanas (*Shavuot*), vinculada à Aliança de Iahweh com Israel, celebrava a promulgação da Lei entregue a Moisés no Monte Sinai (Ex 34, 22)⁷⁴. Esta festa também se associava às primícias da colheita do trigo e da passagem do ano, conforme a indicação: «Cada um fará uma oferta das suas mãos segundo a bênção que te deu o SENHOR teu Deus» (Dt 16, 16-17).

⁶⁸ Puig, *Uma biografia*, 109.

⁶⁹ Cf. Pierre Grelot, *L'Espérance Juive à l'Heure de Jesus* (Bruges: Desclée De Brouwer, 1978), 138-140.

⁷⁰ Puig, *Uma biografia*, 145.

⁷¹ Cf. Puig, 146.

⁷² Cf. Celebrada 50 dias depois da Páscoa, chamada posteriormente de Pentecostes.

⁷³ Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, *Ancien Testament*, 367.

⁷⁴ Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, 189.

Para os judeus, a Lei civil é a Torah, a Lei religiosa, que tem em si a exigência de transformação da situação sociopolítica. A religião não é força ideológica, mas vivência estrutural de fé fundamentada no Deus monoteísta, sendo um povo que integra o sentido supremo de se saber criado à imagem de Deus.

2. JESUS CRISTO E O SEU EVANGELHO

2.1. O nascimento de Jesus

O dia do nascimento de Jesus, filho de José e Maria não consta nos textos bíblicos. Contudo, decorridos VI séculos, por parte da Igreja Apostólica Romana, o dia 25 de dezembro foi o escolhido, para coincidir com o *die natalis Solis invicti*, celebrado em Roma como o dia do nascimento do Sol invicto. Efetivamente, estabelece-se uma analogia entre o nascimento de Jesus Cristo e as citações bíblicas referentes «nascerá o sol de justiça» (Ml 4, 2); «ele está na luz» (Jo 1, 7). «No entanto, o seu valor é considerável do ponto de vista do Cristianismo, uma vez que a instauração da comemoração do nascimento de Jesus, coincidindo com o solstício de Inverno e a festa do Sol Invicto, representa o início do declive da religião greco-romana e a ascensão, em todo o Império, da religião cristã».⁷⁵ Com o nascimento de Jesus cumprem-se as Escrituras, como foi anunciado pelo Profeta Isaías da parte do Senhor no Antigo Testamento. «Assim também o Senhor vos dará um sinal: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho que lhe dará o nome de Emanuel» (Is 7, 14).⁷⁶ Para o Novo Testamento, a profecia da virgem cumpre-se em Maria, a mãe de Jesus. As Escrituras relatam que: «Tudo isto aconteceu para que se cumpra o que o Senhor tinha dito pelo profeta» (Mt 1, 22). Não só nos tempos bíblicos, mas também atualmente em Israel o ato de escolha do nome reveste-se de suma importância, expressando o caráter de quem o recebe, ou seja, o nome está intimamente ligado à ação ministerial na sua vida «Deus conosco».⁷⁷

Jesus nasceu em Belém,⁷⁸ cidade da Judeia (Mt 2, 1 e Lc 2, 4-15). As principais fontes de informação sobre o nascimento de Jesus são os Evangelhos canônicos do Novo Testamento, escritos originalmente em grego, em diferentes épocas, pelos Evangelistas Mateus e Lucas que situam o acontecimento no reinado de Herodes I, o Grande.

⁷⁵ Cf. Puig, *Uma biografia*, 162.

⁷⁶ Traduction Oecumenique de la Bible, *Ancien Testament*, 759.

⁷⁷ Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, *Nouveau Testament*, 45.

⁷⁸ Bethlehem, que significa em aramaico e hebraico «Casa do Pão».

O relato de Mateus sobre o nascimento de Jesus (cf. Mt 2, 1-23) comporta três partes distintas: a visita dos Magos; a visão de José; e a fuga para o Egito. Jesus, nasce em Belém⁷⁹ no tempo do rei Herodes, e os reis magos (integrantes de uma casta de sábios da Pérsia) seguiram uma estrela que os conduziu a Belém, levando presentes: ouro, incenso e mirra. José é avisado em sonhos que Herodes vai mandar os soldados procurar o menino para o matar,⁸⁰ e que a família se deve dirigir para o Egito para que se cumpra o que dissera o Senhor por meio do profeta: «Do Egito chamei o meu filho» (Os 11, 1). Quando Herodes morreu, José, Maria e Jesus regressaram à região da Galileia e foram morar numa cidade chamada Nazaré, «para que se cumpra o que foi dito pelos profetas: Ele será chamado Nazareno» (Mt 2, 23).

Segundo o Evangelista Lucas (Lc 2, 20), Jesus nasceu em Belém, porque, na época, o Imperador César Augusto ordenou o recenseamento e todos deveriam alistar-se na sua cidade de origem. Como José era de Belém da Judeia, e descendente do rei David, partiram de Nazaré, na Galileia, para se inscrever com Maria, sua mulher, que estava grávida. Enquanto lá estavam chegou o tempo de Maria dar à luz. O Evangelista Lucas relata que os pastores, que estavam nos seus campos com os rebanhos e guiados por um Anjo do Senhor, vieram adorar o Menino: «Glória a Deus no mais alto dos céus e sobre a terra paz para os homens, que ele ama» (Lc 2, 14).

Os relatos bíblicos sobre o nascimento de Jesus, profetizados no Antigo Testamento e narrados no Novo Testamento, comprovam a Sua ascendência judaica, revelam a fidelidade do Senhor para com o Seu povo, a Sua intervenção na história da Salvação mediante a Encarnação de Seu Filho Jesus.

Por meio do Evangelista Lucas, temos conhecimento de que Jesus na idade de 12 ou 13 anos, passou pelo ritual da cerimónia *Bar Mizvah*, ou seja, a apresentação no Templo de Jerusalém (Lc 2, 22). Deste modo, Jesus adquiriu os direitos e a responsabilidade de seguir a Torah.⁸¹

2.2. A pregação de Jesus

Os Evangelhos Sinóticos situam o início da pregação de Jesus ou ministério da Sua vida pública, após o Batismo por João Batista⁸² no rio Jordão, na zona da Judeia Romana (cf. Mt 3,

⁷⁹ No Antigo Testamento (Mi 5, 1-7), o Profeta fala de Belém como a cidade do Messias descendente de David: «Tu Belém, Éfrata, embora o menor dos clãs de Judá, de ti sairá para mim aquele que deve reinar sobre Israel».

⁸⁰ Segundo Mateus, essa fuga para o Egito, foi para o «Filho de Deus» escapar de uma sentença de morte anunciada por Herodes, que, ao saber do Seu nascimento, manda matar todas as crianças de até 2 anos, nascidos em Belém.

⁸¹ Cf. Rudolf Schnackenburg, *La persona de Jesús reflejada en los cuatro Evangelios* (Barcelona: Herder Editorial, 1998), 29-30.

⁸² João tem sido chamado por historiadores, o elo, a ponte entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento.

16-17). A novidade do Batismo de Jesus radica na transformação que realizará o Espírito Santo nos que se fazem batizar, pois doravante será o Batismo do Espírito e do fogo. João é o último profeta da Antiga Aliança que precede o Messias, a Nova Aliança, a Aliança da Vida. O profeta que prepara a era messiânica. Após este acontecimento, Jesus ora e jejua durante quarenta dias no deserto da Galileia e regressa a Nazaré (cf. Lc 4, 14-15).

Jesus começa a Sua missão na Sinagoga, num Shabbat, em Nazaré onde Lhe é entregue o livro do Profeta Isaías para fazer a leitura. Jesus abriu-o e leu: «O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor. Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir». Perante a admiração das Suas palavras, Jesus profere: «Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido na sua pátria» (cf. Lc 4, 16-24). Esta situação concreta de Jesus situa-se no âmbito da comunicação interativa, em que as Suas palavras proferidas são a chave que revela a Sua missão de vida, o poder e a autoridade que Deus Lhe confere. Mas a indignação, a suspeição perante as palavras da mensagem de Jesus, faz antever apreensão face aos Seus ensinamentos ou pregação por parte de muitos entre o povo.

Jesus deixa Nazaré e vai viver em Cafarnaum, pequena cidade de pescadores⁸³ nas margens do Mar da Galileia: «Territórios de Zabulon e Neftali, onde se cumpre o que foi dito pelo Profeta Isaías [...] o povo que se encontrava nas trevas viu uma grande luz» (cf. Mt 4, 12-16). Cafarnaum, um dos locais mais importantes do Seu ministério público, é símbolo do Seu projeto evangelizador e da «chegada do Evangelho aos gentios» (cf. Mc 1, 21; Lc 4, 31; Mt 4, 13).

Jesus começa a Sua pregação da seguinte forma: «Convertei-vos: o Reino dos Céus está próximo» (Mt 4, 12-17). Toda a mensagem de Jesus está contida nestas Suas palavras. Primeiramente, Jesus chama e faz um convite a uma metanóia. Propõe como resposta um seguimento: «Vinde e segui-me» (Mt 4, 19). Os discípulos iniciam a sua missão como resposta à mensagem de Jesus sobre o Reino. Unem-se a Jesus em comunhão de vida e em caminho.

A pregação de Jesus é o âmago da Sua missão, uma prática de comunicação, comunhão interativa que não deixa ninguém indiferente. A Sua pregação é kerigma (κήρυγμα), ou seja, Jesus proclama ou anuncia aos homens a verdade divina, instruindo-os na retidão. O Sermão da Montanha é a carta magna do Evangelho, o cerne da Revelação que dialoga com o Decálogo. O Evangelista Mateus apresenta aí Jesus como o novo Moisés: «Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas: Não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição» (Mt 5, 17). No Sermão, Jesus serve-se de uma linguagem simples, acessível a todos os ouvintes. A insistência na

⁸³ O Evangelista Mateus refere Cafarnaum, até como se esta fosse a cidade de Jesus: «Entrando num barco, ele atravessou e foi para a sua cidade» (Mt 9,1).

fórmula «Bem-aventurados» estabelece o sentido, a coesão e a incidência da felicidade ou da bênção daquele povo marcado pelo sofrimento do poder romano. Neste Sermão, Jesus profere princípios que orientam a vida cristã, lições de ética, felicidade, misericórdia, libertação e justiça. Princípios estes, que normalizam, orientam a verdadeira vida cristã e, conduzem ao Reino de Deus. Jesus, ao longo de todos os acontecimentos da Sua vida, utiliza palavras manifestamente intencionais. É um pregador itinerante, ensina nas Sinagogas, à beira-mar, em embarcações, na montanha arrastando a Si multidões. A Sua comunicação é assertiva, direcionada quer a factos ou sentimentos quer a assuntos como dinheiro, adultério, divórcio, sempre proferida numa linguagem concreta, viva, plena de amor e autoridade que lhe vem do Pai. É doutrinação seletiva através do uso de imagens, metáforas simples, profundas e plenas de sabedoria: «Os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos» (Mt 20, 16), através do uso de determinadas formas simbólicas, como nas parábolas em que Jesus emprega termos da vida diária do povo judeu, como sejam: sal; fermento; ou grão de mostarda.

A Sua pregação desperta a fé nos homens. Esta, por sua vez, confronta e leva à transformação radical do presente. Leva à interiorização, à renovação de vida. A Sua palavra torna-se valor de Amor. Jesus fala ao coração do homem, mostrando como o Amor é mais profundo do que a Lei. Não há legalismo, há Amor, que é o fundamento da vida do ser humano. A Sua pregação, o que Jesus quer transmitir parece nem caber em palavras. Como diz Kirst, o conteúdo da pregação não é outro senão Jesus Cristo. Ele «é tudo o que Deus tem a dizer, e tudo o que Deus tem a dizer se articula em Jesus Cristo».⁸⁴ É pela pregação que se estabelece o elo entre Deus e as pessoas: «Sem a pregação não há elo entre a Palavra, que é Cristo, e a fé».⁸⁵

Jesus é o paradigma supremo da pregação que leva ao Pai. Ele é a verdade, a vida, o caminho, a Luz para a evangelização que se vive e se testemunha, a Palavra encarnada do Amor Salvífico.

2.2.1. O anúncio do Reino

Jesus anuncia a Boa Nova do Reino de Deus, tema central da Sua atividade, essência da Sua pregação e que evoca a tradição de uma experiência viva na história do seu povo. O Reino de Deus «era a chave para se captar o sentido que Jesus dava à sua vida, e para se entender o projeto que queria ver realizado na Galileia, no povo de Israel e, em todas as nações».⁸⁶

Primeiramente, a expressão Reino remete-nos para o sentido dinâmico de um exercício de poder por parte de um rei, sendo fundamental refletirmos em termos bíblicos. No Antigo

⁸⁴ Nelson Kirst, *Rudimentos de Homilética* (São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996), 11.

⁸⁵ Kirst, *Rudimentos de Homilética*, 13.

⁸⁶ Pagola, *Jesus: uma abordagem histórica*, 88.

Testamento, há relação entre a soberania de Deus e a soberania de um rei: «O Senhor, vosso Deus, é o vosso rei» (1 Sam 12,12). Este sentido também está presente em Isaías (Is 6, 5); Jeremias (Jr 10, 7) («Quem não te temerá rei das nações?») e no Salmo 24 («Do Senhor, a terra e as suas riquezas, o mundo e os seus habitantes!»). Nos Evangelhos sinóticos, Reino dos Céus ou Reino de Deus são usados indistintamente. Mateus, menciona Reino dos Céus e apresenta Jesus como o Rei dos Judeus (cf. Mt 27, 37). Marcos e Lucas falam do Reino de Deus no sentido espiritual, tendo em vista os ensinamentos aos romanos e aos gregos, apresentando que o Reino de Deus é infinitamente superior ao governo dos homens.

No Evangelho de Mateus (cf. Mt 4, 17), Jesus diz: «Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus». E, caminhando junto ao Mar da Galileia, Jesus chama Simão, André, Tiago e João. Aos seus discípulos indica: «Proclamai que o Reino de Deus está próximo» (cf. Mt 10, 7); (cf. Lc 10, 8). No ministério de Jesus, o Reino manifesta-se na Sua própria pessoa: «O Reino de Deus já chegou a vós» (Mt 12, 28). A chegada do Reino é a chegada de Jesus, que através da Sua palavra, das Suas ações, reina no mundo como Aquele que dá a vida no Amor, num dinamismo de Salvação. Contudo, Jesus é também fonte de mal-entendidos e contrastes, sendo por uns recebido e por outros rejeitado. Aos seus discípulos, Jesus ensina a invocar a vinda do Reino de Seu Pai (cf. Lc 11, 2). O Reino manifesta que Jesus é um com o Pai. Este Reino realmente presente no mistério da Sua morte e da Sua Ressurreição é pregado pelos Apóstolos (At 8,12; 19,8; 20,25; 28,23; 28,31) e tema das Cartas Paulinas (Rm 14,17; 1Co 4,20; Gl 5,21). Diz-nos Ladd, que «se há um tipo de consenso entre a maioria dos estudiosos, o Reino é em sentido verdadeiro, tanto presente quanto futuro».⁸⁷ Para fazer parte desse Reino, no presente ou no futuro, na esperança escatológica, é necessário a união com Jesus. Como menciona Ridderbos, «O Reino de Deus é um tema em que os conceitos soteriológicos e escatológicos estão intimamente unidos. O novo povo de Deus não se menciona somente em termos escatológicos futuros, mas também num sentido histórico futuro».⁸⁸ O Reino torna-se realidade como os Profetas anunciaram, numa nova forma de relacionamento com Deus através de Jesus, quando o homem acolhe no coração a vivência de um dinamismo interior por Ele ensinado, fazendo a vontade do Pai, vivendo os dois grandes mandamentos: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a tua força e de todo o teu entendimento; e ao teu próximo como a ti mesmo» (Lc 10, 27).

No modo do homem acolher e pôr em prática os ensinamentos de Jesus, vivendo-os como filho de Deus e irmão de todos os homens, transparece o Reino de Deus como plenitude de vida.

⁸⁷ George Eldon Ladd, *Teologia do Novo Testamento*, (São Paulo: Hagnos, 2003), 85.

⁸⁸ Herman Ridderbos, *La venida del reino* (Buenos Aires: La Aurora, 1988), 65.

2.2.2. As parábolas

Jesus, verdadeiro Mestre, ministra a grande maioria dos Seus ensinamentos por parábolas, no cumprimento da Sua missão em favor da humanidade «A fim de que se cumpra o que foi dito pelo profeta: “Abrirei a boca para dizer em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo”» (Mt 13, 35). A natureza, os campos, os vales, as margens do Lago da Galileia ou o Rio Jordão são templos de pregação plena de originalidade em que Jesus recorre a linguagem pictórica, figuras ou símbolos apropriados para a transmissão de conselhos, revelações do Reino de Deus, salvação, amor de Deus que lhe é devido, amor ao próximo, verdades espirituais profundas apresentadas de modo breve, com grande simplicidade, que surpreendem e interpelam quem o ouve. Jesus desperta atenção, curiosidade, admiração, confronto, questionamento, motivadores de reação e decisão de atitude ou fé.

Jesus atrai multidões que O seguem, adaptando as mensagens evangélicas às diferentes classes de ouvintes e servindo-Se de tudo o que está ao Seu redor, factos da vida familiar, do trabalho, viagens, situações concretas e determinadas, experiências quotidianas ligadas à verdade essencial do meio ambiente ou até mesmo a objetos familiares, tudo o que permitia aos habitantes da Palestina aumentar a capacidade de fazer o bem e conhecer a vontade de Deus. «Todo o povo vinha a ele e, sentando-se, os ensinava» (Jo 8, 2). Os pecadores e os homens simples de coração entendiam uma voz que lhes falava com simpatia, acolhimento e doçura, que os fazia pensar. Por entre as multidões dos que escutam a riqueza das Suas lições, tanto os Seus discípulos como os ouvintes, encontram-se Rabinos, Escribas, Anciãos, Magistrados, Herodianos, cuja única finalidade é descobrir algum motivo que possa incriminar Jesus para ser acusado diante do Sinédrio. Mas Jesus sabia as suas intenções e apresentava a verdade de modo que não O podiam acusar.

A maioria do povo judeu que o escuta, comenta: «Verdadeiramente eis o Profeta! O Cristo, é Ele!» (Jo 7, 41); «Jamais um homem falou como este homem» (Jo 7, 46). Jesus anunciava a Palavra por meio de parábolas, que aos Seus discípulos explicava em particular (cf. Mc 4, 33). Eis o conjunto das Parábolas de Jesus nos Evangelhos Sinóticos:

Parábolas	Mateus	Marcos	Lucas
O semeador	13, 4-9	4, 3-9	8, 5-8
Do joio	13, 24-30; 36-43	3, 12	
O grão de mostarda	13, 31-32	4, 30-32	13, 18-19
Do fermento	13, 33		13, 20-21
Do tesouro e da pérola	13, 44-46		
Da rede	13, 47-51	4, 13	
Do devedor implacável	18, 23-35		23, 34
Dos trabalhadores da vinha	20, 1-16		
Dos vinhateiros revoltados	21, 33-34	12, 1-12	20, 9-19
Do banquete nupcial	22, 1-14	8, 11	14, 16-24
Da figueira	24, 32-33	13, 28-29	21, 29-33
A semente que germina por si só			4, 26-29
O servo fiel	24, 45-51		
As dez virgens	25, 1-13	13, 33	13, 25
Dos talentos	25, 14-30	13, 34	19, 12-27
O bom samaritano			10, 30-37
Da figueira estéril			13, 6-9
A ovelha perdida			15, 4-7
A dracma perdida			15, 8-10
O filho pródigo			15, 11-32
O administrador infiel			16, 1-9
O mau rico e o pobre Lázaro			16, 19-31
O juiz iníquo			18, 1-8
O fariseu e o publicano			18, 9-14
Das dez minas			19, 11-27

Quadro 11 - As parábolas de Jesus

Para que uma parábola seja compreendida no seu sentido original, devemos, primeiramente, saber a quem se dirige, ter em consideração o contexto em que foi proferida, os pressupostos epocais e culturais, qual o motivo por que Jesus conta a Parábola, qual é o cerne desta, a mensagem que Jesus quer passar naquele momento e que nos interpela atualmente.

No ensinamento por parábolas, o Salvador revela aos homens uma força de Amor, verdades profundas da existência a serem vividas na comunhão com Ele, numa realização interior na graça da manifestação do Amor em Deus e com os outros, na realização de desígnio salvífico.

2.2.3. Os gestos de Jesus

Os gestos de Jesus, prática que sustenta, ilustra e completa a Sua mensagem, manifestam que Ele é o Reino de Deus no cumprimento da Sua missão, que está n'Ele uma perfeita harmonia entre a Sua palavra e a Sua revelação, para que todo o homem possa encontrar o verdadeiro sentido da vida, aceder na sua essência a uma nova vida com Ele em comunhão com Deus.

Jesus, por todos os lugares que percorria, expressava gestos de piedade, compaixão, amor, benevolência, perdão, misericórdia e cura nos relatos de milagres, consoante as situações que se Lhe apresentavam. Estes são, efetivamente, testemunhos cristológicos, ou seja, revelação da Sua Pessoa como o Cristo. Os Evangelhos relatam-nos numerosos gestos de Jesus plenos de significado: a transformação da água em vinho em Canaã da Galileia; a cura do filho do centurião em Cafarnaum; a multiplicação dos pães e dos peixes nas margens do mar da Galileia; Jesus caminha sobre a água, no mar da Galileia; a Transfiguração de Jesus; a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém montando num jumento.

De modo a não sermos extensivos na nossa exposição, abordaremos alguns dos gestos de Jesus particularmente significativos. Um dia, Jesus veio da Galileia até ao Jordão para se fazer batizar por João Batista (Mt 3, 13). Jesus, no seu gesto de humildade de imersão e saída da água, manifesta o primeiro passo a dar a quem se converte, quem quer ser filho de Deus, recebido pelo Pai, no dom do Espírito Santo, início de uma nova vida. E no batismo, o Espírito Santo desce sobre Jesus: «Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo» (Mt 3,17).

Jesus «ensinava diariamente no Templo» (Lc 19, 47), sentava-se e o povo vinha a Ele. Naquele dia, antes do sol nascer foi para o Templo e, eis que alguns Escribas e Fariseus surpreenderam uma mulher em adultério e trouxeram-na a Jesus: «Na Lei, Moisés ordena apedrejar tais mulheres. Tu, pois que dizes? Jesus inclinando-se, começou a escrever na terra com o dedo. Como persistiam, Jesus disse-lhes: “Quem dentre vós estiver sem pecado, seja o primeiro a atirar-lhe uma pedra!”. Inclinando-se de novo, escrevia no chão». (Jo 8, 5-6) Quando ouviram estas palavras, saíram um após outro, pois tinham compreendido o gesto de Jesus. Erguendo-se Jesus, disse então à mulher: «“Onde estão eles? Ninguém te condenou?” “Ninguém, Senhor”. Jesus disse-lhe: “Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais”» (Jo 8, 10-11). João não nos revela o que Jesus escreveu no chão. Mas este gesto de Jesus, à maneira das sentenças romanas, que eram escritas antes de ser lidas, evidencia-O como alguém que tem autoridade, como autor da Lei. Segundo Barrett, Jesus escrevia na terra com o dedo os pecados de que acusavam a mulher, uma menção que todos os homens são pecadores

e por isso não têm autoridade para condenar as outras pessoas.⁸⁹ O perdão e a misericórdia do coração bondoso de Jesus, manifestados no Seu gesto são a nova Lei.⁹⁰

Noutra passagem do Evangelho, Jesus caminhava com os discípulos e viu um cego de nascença. Estes perguntaram-Lhe: «Rabi, quem pecou, ele ou os seus pais, para que nascesse cego? Jesus respondeu: “Nem ele nem seus pais pecaram, mas é para que nele sejam manifestadas as obras de Deus.” Proferiu estas palavras e cuspidando na terra, fez lama com a saliva, aplicou-a nos olhos do cego e disse-lhe: “Vai lavar-te na piscina de Siloé”» (Jo 9, 2-6). O cego foi e ficou curado. A cura foi considerada violação da Lei tradicional judaica, por ser a um sábado (João 9, 14). No contexto de outro *Shabbat*, quando os seus discípulos cheios de fome apanharam espigas e os fariseus, indignados, dizem a Jesus que tal não é permitido segundo a Lei, Ele responde-lhes: «O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado; assim o Filho do Homem é senhor até do sábado» (Mc 2, 23-28). Jesus, tanto mediante o seu gesto de cura, como com a permissão dada aos seus discípulos de apanhar as espigas, manifesta e afirma que veio cumprir a Lei, a Torah (cf. Mt 5, 17). Esta é a regra de ouro, o Amor ao próximo, sem lesar ou causar dano a outra pessoa. Jesus «escreve» novos mandamentos no coração humano.

Jesus dirigiu-se a Jerusalém para a Páscoa judaica (*Pesah*). No Templo de Jerusalém, Jesus «encontrou os vendedores de bois, ovelhas e pombas e os cambistas sentados [...] tendo feito um chicote de cordas, expulsou todos do Templo, lançou ao chão o dinheiro dos cambistas e derrubou as mesas e disse aos que vendiam pombas: Tirai tudo isto daqui, não façais da casa de meu Pai uma casa de comércio» (Jo 2, 14-16). Segundo Crossan, Jesus destruía, assim, simbolicamente a função de intermediação dita legítima do Templo em nome do Reino de Deus.⁹¹ Então os judeus perguntaram a Jesus: «Que sinal nos mostras para agir assim? Ele respondeu: Destruí, este Templo, e em três dias o levantarei. Os judeus disseram: Quarenta e seis anos foram precisos para a construção deste santuário e tu o levantarás em três dias? Mas Jesus estava falando do Templo do seu corpo» (Jo 2, 18-21).⁹² Jesus tem este gesto pelo amor e pelo zelo àquele lugar de oração, que Lhe inflama o coração e via convertido num mercado.

⁸⁹ Cf. Charles Kingsley Barrett, *O Evangelho Segundo São João* (Londres: Sociedade de Promoção de Conhecimento Cristão, 1955), 333.

⁹⁰ Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, *Nouveau Testament*, 313. «O texto apresenta numerosas variantes e não possuem as características do estilo joânico». Tal, leva-nos a pensar que os Evangelhos de João, segundo Carreira das Neves, não foram escritos somente pelo Evangelista João. Esta perícopa não pertenceria primitivamente ao Evangelho de João, mas a uma tradição independente, inserida posteriormente, daí o seu caráter canónico.

Xavier Léon-Dufour refere que esta passagem tem origem histórica antiga, e nos primeiros tempos da Igreja terá circulado na tradição oral. Xavier Léon-Dufour, *Leitura do Evangelho segundo João* (Paris: Éditions du Seuil, 1996), 317.

⁹¹ Cf. John Dominic Crossan, *O Jesus Histórico* (São Paulo: Imago Editora, 1995), 392-398.

⁹² Cf. Traduction Oecumenique de la Bible, *Nouveau Testament*, 296. Os discípulos só entenderam que Jesus falava da Sua paixão, morte e ressurreição quando iluminados no dia de Pentecostes.

O Papa Francisco, na homilia da Missa que celebrou no Vaticano na manhã de sexta-feira 09-11-2018, comentou esta passagem de João Evangelista: «Isto chama-nos a atenção e faz-nos pensar como tratamos os nossos templos, as nossas igrejas, que realmente são casa de Deus, casa de oração e de encontro com o Senhor».⁹³

Naquele tempo, as pessoas quando chegavam a casa lavavam os pés porque andavam descalços ou usavam sandálias em caminhos de poeira. Quando havia convidados, a pessoa socialmente menos importante da casa ou o escravo devia lavar-lhes os pés, tarefa que ninguém habitualmente gostava de fazer. Quinta-feira, na véspera da Sua Paixão, por altura da ceia, Jesus levantou-Se:

depôs o manto e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois colocou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. Quando Jesus se aproximou de Pedro, este disse-lhe: “Senhor, tu, lavar-me os pés?” O que faço não compreendes agora [...] Jamais me lavarás os pés. Jesus respondeu-lhe: Se eu não te lavar, não terás parte comigo [...] O servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que quem o enviou (Jo 13, 1-16).

Jesus, num gesto de humildade, revela o amor fraterno, o servir mútuo, isento de orgulho, de superioridade, purificador dos corações e só compreensível aquando da crucifixão. Carson afirma: «os indivíduos que são purificados pela obra expiatória de Cristo terão certamente necessidade de serem lavados dos seus pecados».⁹⁴ Com este gesto, Jesus chama-nos a ser comunhão e a servir-nos uns aos outros no amor fraterno, que é servi-Lo, e ser neste mundo testemunho da bondade de Deus.

Na ceia pascal, Jesus sentou-se à mesa com os Seus discípulos, «pegou num cálice, deu graças e disse: “Tomai e reparti entre vós”; [...] pegou num pão, deu graças, partiu e distribuiu-o dizendo: “Isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em minha memória. Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós”» (Lc 22, 17-20). Jesus, na fração do pão, segue o ritual judeu do pai de família nas refeições no *Shabbat* e *Pesah*.⁹⁵ No que concerne à data da Última Ceia de Jesus, há uma diferença entre os Evangelhos Sinóticos (Mt 26,17; Mc 14,12-16; Lc 22,15). Unanimemente, a novidade no gesto de Jesus está nas palavras que instituem a Eucaristia – a apresentação do pão, a bênção, a fração e a comunhão. Segundo Carreira das Neves, o Evangelista João (Jo 17, 24-25) apresenta-nos Jesus como a

⁹³ Papa Francisco, «Papa na Casa Santa Marta: evitar uma lista de preços para os Sacramentos», acedido a 17 de junho de 2019, <https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-11/papafrancisco-homilia-santamarta-mercado.html>.

⁹⁴ Donald Carson, *Evangelho Segundo João* (Québec: Publicações Cristãs Excelsis, 2011), 609.

⁹⁵ A Páscoa representava para os judeus a liberdade do povo do jugo da escravidão no Egito. Neste tempo em que os judeus estavam subjugados pelos romanos a festa era vista como conotação política e Jesus identificado como um agitador é preso e condenado à crucifixão.

realização da Nova Aliança, o cordeiro escatológico, que termina as suas palavras na Ceia Pascal com cântico de louvor e anúncio da sua Paixão.

A Eucaristia é, por excelência, o memorial da Páscoa, que lembra as bênçãos e as obras de Deus, é ação de graças, redenção da Nova Aliança, salvação realizada pela vida, morte e ressurreição de Cristo comemoradas pela comunidade cristã. Como refere Pallazzo, a Eucaristia é uma hierofania, manifestação do sagrado – em objetos que fazem parte do nosso mundo natural.⁹⁶

Os gestos memoráveis de Jesus são a Sua Palavra em ação, fonte de exemplo, integração, união do Seu Amor infinito pela Humanidade.

2.2.4. A morte de Jesus

Este acontecimento da vida de Jesus interpela-nos relativamente à compreensão do sentido do Seu propósito, da Sua entrega nesta dramática situação de hostilidade, proveniente das autoridades religiosas e do jugo do poder romano. Desde o início da Sua vida pública, Jesus conhecia a situação de conflito motivada pelas suas interpretações da Lei face àquelas estabelecidas entre Escribas e Fariseus. Os Evangelhos Sinóticos convergem no sentido de relacionar os acontecimentos e os integrar no caminho que Jesus prossegue na plena consciência da Sua missão Salvífica.

Após o discurso proferido na Sinagoga em Nazaré, Jesus conheceu já oposição: «Todos se encheram de ira na sinagoga, ao escutar as suas palavras. Levantaram-se, expulsaram-no da cidade e conduziram-no até uma escarpa da colina sobre a qual a cidade estava construída, para o precipitar de lá» (Lc 4, 28-29). Quando Jesus curara a um sábado, essa tensão intensificara-se: «escribas e fariseus começaram a persegui-lo e a cercá-lo armando-lhe ciladas» (Lc 11, 53-54). A atitude como Mestre da Lei de Moisés, em relação ao sábado, e da Sua autoridade divina, expressa no perdão dos pecados, levantaram atitudes de incompreensão e oposição. Por sua vez, Jesus tinha manifestado a Sua indignação quanto à comercialização no Templo. E, pelo facto de anunciar a ruína do Templo dececionara os que n'Ele pensavam ter encontrado um opositor político e militar da ocupação romana. Antecedendo a celebração da Páscoa, Jesus entra em Jerusalém montado num jumento e a multidão aumenta, estendendo as suas capas na estrada para Ele passar e, com ramos que haviam apanhado nos campos, clamavam: «Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito seja o Reino que vem, o reino de David nosso pai! Hosana no mais alto dos céus. Entrou no Templo» (Mc 11, 9-10). Os Fariseus irritados perante estas aclamações dizem a Jesus: «Mestre, repreende os teus discípulos. Ele respondeu: “Eu

⁹⁶ Cf. Éric Pallazzo, *Liturgie et société au Moyen Âge* (Paris: Editions Aubier, 2000), 276.

«digo-vos: se eles se calarem, serão as pedras que gritarão» (Lc 19,39-40). Estas palavras de Jesus revelam que ninguém pode impedi-Lo de ser aclamado. Os soldados romanos inquietam-se perante a multidão e as aclamações, receiam um tumulto por parte do povo. O culminar de uma crescente tensão que se gera, é uma multidão chefiada por Judas, trazendo «espadas e paus da parte dos chefes dos sacerdotes, escribas e anciãos» (Mc 14, 43), ou seja, o Sinédrio declara Jesus «réu de morte» (Mt 26, 66) por dois motivos políticos apresentados a Pilatos, ao poder romano: blasfemador que afirma ser «Rei dos Judeus» (Mc 15, 2) e agitador político que não paga tributo a César (Lc 23, 2). Jesus é condenado, sofre a paixão carregando a cruz, instrumento infligido pelo poder romano, até ao Gólgota onde é crucificado entre dois ladrões (cf. Jo 19, 17-18). Um soldado romano trespassa o lado de Jesus, de onde, na visão de João, saíram água e sangue (cf Jo 19, 34). Dizem os Evangelhos: «houve trevas sobre a terra inteira [...] o véu do Santuário rasgou-se ao meio e Jesus disse: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.” Dizendo isto expirou» (Mt 27, 50; cf. Mc 15, 37; Lc 23, 44-46; Jo 19, 30).

O sentido do «sangue» e da «água» na crucifixão de Jesus tem um alcance teológico na Sagrada Escritura. O «sangue» testemunha a realidade do sacrifício do cordeiro imolado para a salvação do mundo (cf. Ex 24, 8); a «água» simboliza a purificação (cf. Ez 36, 25); o batismo, a vida (cf. Mt 3, 11); e o Espírito Santo como fonte de Graça para a Humanidade (cf. Jo 4, 10-26).

É o Evangelista João que «relaciona o final de Jesus com a imolação dos cordeiros pascais que tem lugar na Páscoa: Jesus é apresentado como o novo cordeiro Pascal [...] que morre trespassado, dando a vida e dando-se completamente como instaurador de uma aliança nova entre Deus e a Humanidade».⁹⁷

Jesus, no seu imenso Amor, manteve-se sereno e compassivo ante a humilhação, a paixão e a crucificação, para que todos os homens tenham a Salvação: «O Filho do Homem veio não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por multidões» (Mc 10, 45-46). Jesus dá-se num sentido de Salvação e não de expiação.⁹⁸

O Filho do Homem dá à Sua vida, um valor libertador do pecado e da morte, trazendo a vida a todos os homens, conduzindo-nos ao Pai, no cumprimento da Sua missão como Salvador.

⁹⁷ Puig, *Uma biografia*, 627.

⁹⁸ Cf. Joseph Moingt, *L'homme qui venait de Dieu* (Paris: Éditions du Cerf, 1993), 167.

2.2.5. A ressurreição de Jesus

A ressurreição de Jesus é o fundamento da fé cristã, o seu mistério central, a vitória do Espírito sobre a finitude humana. É a confirmação da origem divina de Jesus, uma manifestação da sua transcendência.

Após o *Shabbat*, Maria Madalena vai ao sepulcro de madrugada, vê que a pedra fora retirada. O sepulcro estava vazio e chora: «Diz-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se, ela diz-lhe em hebraico “Rabbuni!” [...] Maria Madalena foi anunciar aos discípulos, vi o Senhor e as coisas que ele me disse» (Jo 20, 14-18). Uma interpretação de fé é desencadeada pelo facto de a Ressurreição já ter sido profetizada por Jesus, pelo sepulcro vazio e pelas aparições aos discípulos. «Os onze discípulos caminharam para a Galileia à montanha que Jesus lhes determinara. Ao vê-lo prostraram-se diante dele. Jesus, aproximando-se deles, falou: “Toda a autoridade sobre o céu e a terra me foi entregue”» (Mt 28, 14-19). E aqueles homens amedrontados, pois não tinham tido a coragem de se manter junto a Jesus no momento da crucifixão, arriscaram agora a sua vida para defender a causa de Jesus ressuscitado.

O Evangelista Lucas, no relato de Emaús (cf. Lc 24, 13-35), centra-se na apresentação de Jesus Ressuscitado. Dois dos discípulos saíram de Jerusalém em direção a uma povoação chamada Emaús. Pelo caminho iam evocando todos os acontecimentos passados referentes a Jesus, com sentimentos de tristeza e desilusão. Jesus surge no caminho e perguntou-lhes sobre o que falavam. E eles narraram o que tinha acontecido a Jesus, e o quanto dele esperavam, «que fosse ele quem iria redimir Israel» (Lc 24, 21). «Alguns dos nossos foram ao túmulo e encontraram as coisas tais como as mulheres haviam dito; mas não o viram!» (Lc 24, 24). Jesus admoesta-os por não terem compreendido que Ele é o cumprimento dos profetas e da Lei. «E, começando por Moisés e por todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito» (Lc 24,27).⁹⁹ A ressurreição dá cumprimento à verdade das Escrituras, como seja a profecia de Isaías: «Eram as nossas enfermidades que ele levava sobre si, as nossas dores que ele carregava [...] e por meio dele o desígnio de Deus há-de triunfar» (Is 53, 4-10).

Quando estavam já próximos do povoado, os discípulos insistiram com Jesus, dizendo-lhe: «Permaneça conosco, pois cai a tarde e o dia já declina. Entrou então para ficar com eles. E, uma vez à mesa com eles, tomou o pão, abençoou-o, depois partiu-o e distribuiu-o. Então os seus olhos se abriram e o reconheceram» (Lc 24,31).

O acontecimento do encontro dos discípulos com o Jesus Vivo, Ressuscitado, no diálogo, no convívio amoroso e no reconhecimento do Mestre, dá sentido e confirmação às Suas

⁹⁹ O Evangelista João confirma a importância do conhecimento das Escrituras para conhecer Jesus, pois «são elas que dão testemunho de mim» (Jo 5,39).

palavras, aos Seus gestos, ao acontecimento pascal e à Sua paixão. É, efetivamente, a exaltação da Sua Glória. Joaquim Gnilka afirma, que é unicamente a partir da ressurreição que se entenderá plenamente a pessoa assim como a atividade de Jesus.¹⁰⁰ António Maria Taipa afirma: «é descobrir Jesus como o sim de Deus, celebrado no seu mistério Pascal, na Eucaristia, à luz do Espírito atuante na celebração».¹⁰¹

Jesus é definitivamente revelado em virtude do seu poder divino: «Filho de Deus com poder pela sua ressurreição de entre os mortos, Jesus Cristo nosso Senhor» (Rm 1, 3-4). É Paulo que afirma a manifestação de Deus através do Espírito, que vivifica a humanidade de Jesus e o estado glorioso do Senhor (1 Tm 3, 16). Jesus é o Senhor da vida, que venceu a morte e n'Ele se dá a libertação total e definitiva dos homens.

A ressurreição é uma intervenção transcendente do próprio Deus na criação e na história. É um ato trinitário, pois as três Pessoas divinas agem juntas e manifestam a sua própria originalidade. Jesus recebe do Pai o poder divino da vida plena e definitiva, pois, na verdade «a escatologia é a chegada de muitos caminhos», como refere Carlos Susin.¹⁰²

A fé na ressurreição do Salvador é a Boa Nova, um ponto de partida decisivo para uma nova vida na história da humanidade. «O estar em Cristo constitui a garantia da ressurreição» (1Co 15, 22ss).

A ressurreição de Jesus é o cerne, o acontecimento constitutivo da fé que dá aos homens a esperança, a esperança do perdão, a esperança da vida eterna.

¹⁰⁰ Cf. Gnilka, *Jesús de Nazareth: mensaje e história*, 389.

¹⁰¹ António Maria Bessa Taipa, *Os meus Versículos Bíblicos* (Lisboa: Texto Editores, 2004), 18.

¹⁰² Luis Carlos Susin, *Assim na Terra como no Céu: Brevilóquio sobre escatologia e criação* (Petrópolis: Vozes, 1995), 11.

CAPÍTULO 3

UMA REFLEXÃO À LUZ DA UNIDADE LETIVA DOIS: «JESUS, UM HOMEM PARA OS OUTROS»

1. O ENSINO RELIGIOSO NAS ESCOLAS

Na sociedade e na Escola há uma crescente necessidade de valores hierarquizados que pautem a Humanidade. Uma procura de religião e de transcendência, sem os quais a vida perde horizontes, confina-se ao imediatismo das situações quotidianas, torna-se efémera e conduz a uma sociedade vazia de sentido. Neste ambiente cultural, o ensino religioso nas escolas desenvolve um trabalho importante e insubstituível. Por isso, a escola não pode ignorar a dimensão religiosa do ser humano e deverá, portanto, proporcionar ao educando uma educação que lhe permita refletir sobre todas as suas dimensões existenciais.

Hodiernamente, a sociedade portuguesa vive para a interculturalidade e, como tal, a cultura religiosa deve respeitar tanto o substrato cristão que determina a nossa cultura, como o pluralismo religioso emergente.

O conhecimento do fenómeno religioso é fundamental para a formação pessoal e cívica em democracia, uma vez que não conseguimos compreender o fenómeno histórico e a sua evolução sem compreender as opções religiosas. Cabe ao ensino religioso nas escolas, estabelecer a interdisciplinaridade de conhecimentos, a fim de construir uma relação e um estudo próprio entre o saber humano e o conhecimento religioso, contribuindo desta forma para a promoção cultural dos alunos.

A escola torna-se, assim, num espaço por excelência da cultura que, numa população diferenciada e plural é imprescindível para a aquisição de princípios e comportamentos. A disciplina de EMRC pode dar um grande contributo na educação para os valores humanos, de modo a fornecer aos educandos as respostas sobre as suas origens, como a mundivisão transcendente, inerente ao ser humano. Portanto, é preciso construir um novo conceito de Ensino Religioso, que vise a formação integral do educando. Cito Lizete Viesser:

A importância da Didática no Ensino Religioso está na perspectiva da consciência, que faz o Ser Humano guardar na memória experiências, vivências, conhecimentos, muito mais pela forma como ocorreram do que pelo próprio conteúdo veiculado pelos educadores. O Ensino Religioso é um ato pedagógico no contexto escolar, e, como tal, a sua prática é determinada pelas relações da cultura da pedagogia, da epistemologia e da estrutura que revelam uma cosmovisão, hoje, não mais resposta a educandos educadores.¹⁰³

¹⁰³ Lizete Viesser, *Um Paradigma didático para o Ensino Religioso* (Rio de Janeiro: Vozes, 1994), 3.

O ensino religioso, e particularmente a EMRC, deverá promover o conhecimento e o encontro com a experiência e a vivência religiosa sem descorar, porém, o respeito pela consciência e liberdade dos alunos. Para que este objetivo se concretize, a EMRC deverá propor um caminho de perscrutação e não um caminho de doutrinação e proselitismo.

1.1. Ser Humano, Cultura, Religião e EMRC na sua dimensão relacional

O que o ser humano é «em si» só pode ser verdadeiramente perceptível através daquilo que ele manifesta. Desde o primeiro momento da sua presença no mundo, o ser humano é um ser cultural.

Juan Ambrósio, mencionando Luís Duch, refere que é:

a disposição cultural do ser humano e não as possibilidades da sua dotação genética que constitui a sua verdadeira natureza. [...] em cada caso, a natureza de tal homem em concreto encontra-se constituída (vai constituindo-se) por meio das possibilidades e dos limites que são inerentes não à cultura em geral, mas à sua cultura concreta, no interior da qual a mulher e o homem concretos se instalam como seres históricos.¹⁰⁴

Nesta perspetiva, é de salientar que «toda a educação humana deve ser inserida no contexto da tradição cultural e espiritual da comunidade humana. É no interior da tradição que se objetivam os valores culturais e espirituais que definem a fisionomia de um povo e que alargam o horizonte da comunidade, para além das fronteiras do presente histórico».¹⁰⁵

Só a cultura permite ao ser humano, caminhar livremente e assumir-se em tudo como membro de uma comunidade. O Concílio Vaticano II afirma que:

Só pela cultura o homem acede verdadeira e plenamente à sua humanidade. Só a cultura integra na unidade a natureza, a história, o que recebemos do Criador e as marcas que a nossa ação criativa lhe imprimiram. A verdade da natureza é um elemento decisivo da verdade da cultura. A palavra cultura designa tudo o que é expressão humana, aquilo em que o homem afina e desenvolve as capacidades do seu espírito e do seu corpo; se esforça por submeter o universo pelo conhecimento; humaniza a vida social, tanto a vida familiar, como o conjunto da vida civil, graças ao progresso dos costumes e das instituições; em suma, a maneira como traduz, comunica e conserva nas suas obras, ao longo do tempo, as grandes experiências espirituais e as grandes aspirações do homem, para que estejam ao serviço do progresso de um grande número e mesmo de todo o género humano. Sempre que se trata da vida humana, natureza e cultura estão tão estreitamente ligadas quanto possível.¹⁰⁶

¹⁰⁴ Juan Ambrósio, «A cultura como dimensão específica do humano», acessido a 21 de novembro de 2020, https://www.snpcultura.org/a_cultura_como_dimensao_especifica_do_humano.html.

¹⁰⁵ Deolinda Serralheiro, *O Acto Educativo Religioso e Moral* (Lisboa: SNEC, 1993), 53.

¹⁰⁶ Concílio Ecuménico Vaticano II, *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Actual (Gaudium et Spes)* (Braga: Editorial A.O., 1983), n. 53.

Sendo a cultura, o horizonte no qual devemos tentar compreender e refletir o ofício de ser homem e de ser mulher, torna-se facilmente perceptível que a religião não pode ficar excluída desta dimensão. A dimensão religiosa é uma constante do ser humano, em todas as épocas e em todas as culturas. A escola não pode subestimar esta dimensão. Ao longo da história têm surgido muitos ataques à religião. Nos séculos XIX e XX, a religião é considerada uma perversão dos valores, e diversos filósofos anunciaram a «morte de Deus» e o fim da religião, como Nietzsche. Para Comte, a religião representa um estágio primitivo da consciência dos homens. Marx ataca a religião como sendo o «ópio do povo», e para Freud, a religião não passa de uma ilusão. Na perspectiva de Sartre, a negação de Deus é condição necessária da liberdade. Ora, nesta «era do vazio», como define Gilles Lipovetsky, o ensino religioso escolar propõe um horizonte de sentido para a vida, sem deixar o aluno «encerrado» nos seus problemas, sem qualquer resposta para as grandes interrogações da existência humana. Embora não resolva todas as dúvidas existenciais, a religião ilumina a realidade da vida e abre caminho à esperança. Por isso, as diversas expressões do religioso, mais ou menos esclarecidas, continuam a propor Deus como último horizonte de sentido para a existência humana. Segundo D. José Policarpo, que foi Patriarca de Lisboa,

toda a transformação cultural é sempre um caminho para liberdade; se não for, a cultura nega-se a si mesma. Mas o momento é preocupante e exige de todas as pessoas e estrutura de educação um esforço acrescido. A escola atual está no centro do ciclone. É preciso valorizar a dimensão comunitária do ser humano, que encontra no amor a principal expressão da liberdade. A escola tem de ser feita com amor e educar para o amor assumindo assim que é por natureza colaboração com a família.¹⁰⁷

Viesser refere que: «O Ensino Religioso, integrado à vida escolar, visa tornar as relações de poder e de saber mais fraternas e participativas, descobrindo instrumentos eficazes de compreensão e intervenção transformadora na realidade social».¹⁰⁸

Frente a estes horizontes culturais da atualidade, a disciplina de EMRC, para além de propor um sentido para a vida, pode despertar nos jovens o apreço pelos valores da cultura que os identifica como cidadãos pertencentes a um determinado país. Nesta perspectiva, podemos lançar um desafio à educação na dimensão religiosa. Educar nesta dimensão implica, portanto, eleger como meta principal, a construção de uma pessoa autêntica e íntegra, dando a possibilidade que cada indivíduo desenvolva as suas faculdades físicas, morais e intelectuais. Compete-nos a nós, educadores, comprometermo-nos na realização de um projeto educativo

¹⁰⁷ D. José Policarpo, «Cultura, escola e religião», acedido a 20 de novembro de 2020, <https://www.educris.com/v2/44-destaques/3794-forum-emrc-2014-cultura-escola-e-religiao>.

¹⁰⁸ Viesser, *Um Paradigma didático para o Ensino Religioso*, 8.

que vise, como meta principal a autenticidade e a integridade do ser humano. Daí a grande necessidade da Igreja, em geral, e dos professores de EMRC, em particular, de «[...] reiterar o seu desejo de encontrar, acompanhar e cuidar de cada jovem, sem exceção».¹⁰⁹ Logo, é importante não esquecer que a disciplina de EMRC dirige-se à totalidade do ser. Propõe-se como meta principal o desenvolvimento total da personalidade. A educação integral é o corolário legítimo da dignidade humana. Ao promover a realização do educando e ao propor os autênticos valores humanitários nas novas formas do nosso tempo, a escola sabe que para ser consistente, precisa de um enraizamento ético que lhe confira identidade e projeto. É por isso que a disciplina de EMRC não é um privilégio, mas trata-se de um direito inalienável dos alunos que a pretendem frequentar.

Nesta perspetiva, a Educação é uma tarefa fundamental da sociedade. Dela depende, decisivamente, o desenvolvimento harmonioso e integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens, e a qualidade do progresso da sociedade.

1.2. O perfil do professor de EMRC

«[...] O homem não é dono nem fonte da verdade, mas peregrino da verdade».¹¹⁰

Caminha-se progressivamente para uma conceção mais global e envolvente da educação, como processo que conduz à passagem da consciência de ser indivíduo, membro da espécie humana, à consciência de SER PESSOA, com o que isto implica de esforço de elevação do ser humano em direção ao seu próprio aperfeiçoamento, crescendo no conhecimento e na afirmação de si mesmo (autonomia) e na indispensável relação pessoal com os outros (solidariedade).¹¹¹

O professor de EMRC deve estar atento às novas conceções e assumir para si, tudo o que é essencial e específico.

O Decreto-Lei n.º 240/2001 de 30 de agosto,¹¹² aprova o perfil geral de desempenho profissional do Educador de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, mas é importante e indispensável assegurar para o bem de todos, que os docentes estejam motivados para a missão educativa, deem provas de equilíbrio humano e que estejam dispostos a assumir

¹⁰⁹ Documento preparatório do sínodo dos bispos, «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional», acedido a 8 de fevereiro de 2020,

http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20180508_instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html.

¹¹⁰ D. José Policarpo, «A Escola Católica ao serviço da missão da Igreja», acedido a 13 de março de 2020, https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=174&tem=139.

¹¹¹ Cf. Tomáz Nunes, *O Perfil do Docente de Educação Moral e Religiosa Católica* (Lisboa: SNEC, 2005), 90.

¹¹² Decreto-lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, *Aprova os perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico*, Diário da República n.º 201/2001, Série I-A de 2001-08-30.

um núcleo de valores, atitudes e exigências éticas. Deve ter um perfil de acordo com as exigências atuais e de acordo com o perfil que está consagrado. É importante salientar que o professor de EMRC é nomeado pelo Ministério da Educação, sob proposta dos Bispos Diocesanos. Podemos concretizar em três aspetos fundamentais, que intimamente se relacionam, os traços que definem o perfil geral do docente de EMRC. Ao fazê-lo, contemplo uma reflexão feita com base na leitura dos vários autores estudados, analisando os perfis dos professores no contexto de outros países da Europa e que, na participação em múltiplas sessões do Fórum Europeu do Ensino Religioso Escolar se apresentam: 1- Personalidade Humana - Equilíbrio humano, maturidade, facilidade de estabelecer relações interpessoais, sensibilidade e abertura de espírito universal e postura cívica e ética; 2- Personalidade Docente - apresenta propensão para a educação e o ensino, aptidão científica (teológica, didática e pedagógica) e profissional, compromisso na aquisição de formação permanente, disponibilidade para assumir responsabilidades na comunidade educativa, abertura às famílias e à comunidade envolvente e capacidade de liderança (guia com autoridade); 3- Personalidade Crente – Fé comprometida, testemunho, testemunho de coerência e integridade de vida, clareza e objetividade na transmissão da fé e da doutrina da Igreja, capacidade para criar nos alunos abertura à dimensão religiosa e à busca de opções pessoais. Exige-se gosto pessoal, equilíbrio humano e preparação específica, fé esclarecida, virtudes morais e compromisso eclesial.¹¹³

Na educação o fundamental é amar. É pela força do amor, pelo sentido da gratuidade, que a educação faz gerar homens e mulheres realizados, sendo a especificidade desta disciplina essencial para o desenvolvimento pleno da pessoa humana, o que faz com que o docente de EMRC seja e assuma participar na formação integral das crianças e jovens, integrando o facto religioso na dimensão intrínseca da pessoa. É ser capaz de ser fermento, para afirmar a sua vocação e fazer ver que cada ser humano não se realiza a si próprio senão transcendendo-se. A escola precisa de suscitar, de forma serena e rigorosa, a questão de Deus, independentemente da resposta pessoal de cada um, e possibilitar uma atitude reflexiva do fenómeno religioso, para que o Projeto Educativo tenha uma dimensão de totalidade.¹¹⁴ Neste âmbito, o papel do professor de EMRC é importante. Tem a função, não só de ajudar o aluno a adquirir conhecimentos, mas de transmitir os valores humanos e cristãos, de modo a saberem construir um mundo mais fraterno. Deve estar vinculado à Paróquia e ao Secretariado, trabalhando em conjunto com os outros professores de EMRC de escolas mais próximas, ter disponibilidade

¹¹³ Cf. Nunes, *O Perfil do Docente de Educação Moral e Religiosa Católica*, 83-88.

¹¹⁴ Cf. Moita, «A missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual», 56.

para ser instrumento de diálogo entre a razão e a fé e ter uma atitude de esperança, serenidade e alegria, mesmo em tempos difíceis, em circunstâncias adversas.¹¹⁵

No que respeita às competências humanas, na dimensão social, o docente de EMRC deverá manifestar equilíbrio e maturidade emocional e humana, assumir uma postura de mediador crítico e estabelecer relações interpessoais de confiança. Na dimensão ética, deverá ser íntegro, ser imparcial no que diz respeito às pessoas e à propriedade e proteger a segurança de todos. No campo científico, deve saber apresentar os conteúdos teológicos à luz do Evangelho e do Magistério da Igreja. Relativamente às competências educativas, deve ser capaz de gerir o programa, ajustando-o às necessidades dos alunos e adotar recursos tecnológicos. No domínio dos conhecimentos profissionais, deve ter compreensão de áreas relevantes do ensino básico e secundário, deve saber planificar de forma coerente e inovadora, avaliar de modo claro e interativo e gerir o comportamento de forma justa, sensível e firme. Deve estar comprometido a valorizar o seu próprio estatuto profissional na sociedade e obedecer às orientações do sistema educativo e da escola. É igualmente importante que o professor de EMRC participe nas atividades de administração e gestão da escola, trabalhe em equipa, colabore em parceria com os diferentes profissionais da escola e valorize as capacidades dos colegas. Em relação aos pais e encarregados de educação, deve comunicar eficazmente com os pais, reagir com sensibilidade às diferenças entre os contextos familiares e interagir com as famílias e a comunidade envolvente. Dentro do contexto escolar, deve estar sensível à problemática sociocultural da escola. Quanto à especificidade da disciplina, o docente de EMRC, pela inserção na comunidade educativa, é característica «daquele que está em Deus».¹¹⁶ O professor de EMRC, ao serviço da formação integral dos alunos, apresenta na escola a boa notícia de Jesus Cristo, com todas as suas possibilidades.

A proposta da fé em diálogo com a cultura, exige do professor o conhecimento dos elementos que constituem a cultura moderna, assim como a atualização dos conteúdos teológicos que tornam possível uma síntese vital, em ordem à formação integral dos alunos. O professor deve estar atento às experiências e às problemáticas dos educandos, às dinâmicas e projetos educativos da escola, às propostas e aos modelos de vida que a sociedade projeta. Pressupõe, escuta e pesquisa, tempo de silêncio e tempo de estudo.¹¹⁷

O professor de EMRC tem um papel primordial que lhe permite, apesar das dificuldades que por vezes surgem na sua lecionação, quer quanto aos tempos letivos, quer quanto ao número de alunos, ser um educador que proporciona às crianças e jovens, um espaço único de reflexão,

¹¹⁵ Cf. D. António Santos, «O Professor de EMRC: Para a Definição de um Perfil Humano e Profissional», *Pastoral Catequética*, n. 21/22 (2011/2012): 13.

¹¹⁶ Santos, «O Professor de EMRC: Para a Definição de um Perfil Humano e Profissional», 17.

¹¹⁷ Cf. Moita, «A missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual», 68.

capaz de transformar as atitudes e comportamentos destes e não só, de toda a comunidade educativa verdadeiramente envolvida no projeto educativo, uma dimensão religiosa necessária para a construção da pessoa e da história.¹¹⁸

1.3. O contributo da disciplina de EMRC para o desenvolvimento humano e espiritual das crianças e dos jovens

«Educar é um gesto de amor, é dar vida. E o amor é exigente, requer que utilizemos os melhores recursos, que despertemos a paixão e que nos coloquemos a caminho com paciência, juntamente com os jovens».¹¹⁹

Num tempo marcado pelo relativismo ético e pela desesperança, é de grande importância que as nossas crianças e jovens possam encontrar um fundamento para a sua conduta e razões da esperança para o seu viver. A EMRC ajuda a encontrar o sentido da vida e a formar os alunos para valores estruturantes de uma personalidade humana e cristã. Daí, a necessidade de haver uma colaboração estreita entre responsáveis pelas comunidades cristãs dos alunos e seus docentes. E destes espera-se: o exemplo de vida cristã; o empenho eclesial e comunitário e até a organização de atividades extracurriculares, com o objetivo de possibilitar aos alunos um encontro com Jesus Cristo. Na diversidade de ofertas que o mundo tem para dar, podemos e devemos dar um contributo específico, uma marca inconfundível, que gere caminhos de felicidade. Mais: para os alunos não crentes, pode ser um anúncio missionário do Evangelho, em contexto comunitário, que fará depois crescer e amadurecer. É essencial conhecer a geração de jovens, cuja evangelização se apresenta como um dos grandes desafios para nós educadores neste início do século XXI. Para tal, é necessário encontrar novas expressões e novas vivências, a fim de formar os alunos com valores estruturantes de personalidade cristã, enquanto elementos da nova cultura pós-moderna, que influenciam neste processo de evangelização dos jovens de hoje.

Consciente da nossa missão no processo educativo e tendo em consideração os apontamentos em sala de aula da professora Teresa Messias, reflito as atitudes de um educador fiel à sua missão: «Saber ensinar é também saber aprender e deixar-se ensinar é privilegiar a dimensão ativa e correlativa à passiva ou submissa é aprender a conhecer-se bem e ao modo

¹¹⁸ Cf. Moita, «A missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual», 71.

¹¹⁹ Papa Francisco, «Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica», acessado a 25 de novembro de 2020, http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html.

como olha o educando: é ser verdadeiro com os seus sentimentos, impressões. É essencialmente olhar o educando como um tesouro confiado por Deus». ¹²⁰

Considerando o trabalho realizado com os alunos no tempo litúrgico da quaresma, foi minha intenção, interpelá-los para este tempo e prepará-los interiormente, propondo-lhes um retorno à dimensão interior. Trabalhar a consciência está essencialmente ligado a uma experiência de espiritualidade cristã, porque relembra-nos que não somos só matéria, nem somente espírito. Como Jesus, é saber olhar com profundidade, implicar totalmente corpo e espírito numa experiência íntima e dinamismo interior. Segundo os Evangelhos, também Jesus assumiu a sua corporeidade como possibilidade de ação salvífica, que a partir da autoconsciência se abre ao outro. É a partir da vivência de situações concretas e experiências vividas, que os adolescentes e jovens aprendem a viver e a crescer espiritualmente para uma vida autêntica e comprometida.

2. DESAFIOS E PROPOSTAS

Frente aos desafios que me são propostos, coloco a seguinte questão: será que os nossos sistemas educativos, especialmente os da dimensão religiosa, com relevância para as nossas escolas públicas, respiram e promovem a multiculturalidade e pluralidade religiosa, quer daquilo que nos identifica como cidadãos, bem como em relação a outras expressões religiosas e crenças que encontramos na nossa sociedade e na sala de aula? A EMRC constitui, nesta linha, uma excelente oportunidade na colaboração e na construção de uma sociedade mais justa, mais humana e mais profunda, pelo que é necessário encorajar um diálogo entre todos os intervenientes neste processo, de modo não só a possibilitar, mas a incentivar esta colaboração e este serviço mútuo. A EMRC deverá promover o conhecimento e o encontro com a experiência e a vivência religiosa, sem descorar, porém, o respeito pela consciência e liberdade dos alunos. Para que este objetivo se concretize, a EMRC deverá propor um caminho de investigação e estudo profundo, constituindo nesta linha, uma excelente oportunidade na colaboração e na construção de uma sociedade mais justa, mais humana e mais profunda, pelo que é necessário encorajar um diálogo entre todos os intervenientes neste processo, de modo não só a possibilitar, mas a incentivar esta colaboração e este serviço mútuo. Para que este objetivo se concretize, a EMRC deverá propor um caminho de investigação e não um caminho de doutrinação. Não podemos propor o Evangelho como uma lei a transmitir ou um

¹²⁰ Teresa Messias, «Espiritualidade e Cultura Juvenis», acessido a 12 de junho de 2020, https://moodle.lisboa.ucp.pt/pluginfile.php/457358/mod_resource/content/1/ECJ208-19_completo.pdf.

conhecimento doutrinal, mas sim uma experiência numa entrega de confiança. As crianças, os adolescentes e os jovens de hoje, e sempre na dimensão pessoal de grupo, necessitam de orientações e pistas, para serem eles os protagonistas das suas vivências e experiências que toquem todas as suas dimensões como física, intelectual, afetiva e espiritual. Com uma linguagem sempre atual, esta disciplina exige de nós uma constante atualização e formação, para assim nos tornarmos verdadeiros educadores e missionários ao serviço da Igreja e do mundo. Deste modo, procurei e incentivei os alunos que me foram confiados na PES, a viverem o tempo litúrgico da quaresma com mais profundidade, convidando-os a fazerem um pequeno diário para contarem em cada dia da semana, todas as boas ações que foram capazes de vivenciar com os outros, a começar com a família, pois é experimentando, contando e escrevendo as suas memórias, que as crianças e adolescentes se tornam intérpretes da sua vida diária e aí mais motivados a fazerem o bem. É sempre esta a pedagogia que utilizo todos os anos neste tempo litúrgico, proporcionando esta atividade aos alunos de todas as idades, isto é, desde o 1.º ciclo até ao secundário. Vou debruçar-me particularmente e centrar-me numa proposta de caminho educativo, pela grande vontade de aprofundar a educação da interioridade nos alunos e também ajudar os docentes de EMRC a desenvolverem nas suas aulas a dimensão da espiritualidade, tão necessária, nos tempos de hoje, fundamentando-me em alguma pesquisa bibliográfica num contexto ocidental e pós-moderno.

2.1. Necessidade de uma proposta para um projeto de Espiritualidade Juvenil

Jesús Manuel García, no que concerne à educação e orientação dos jovens, apresenta de forma original e apelativa, os aspetos fundamentais que devem estar presentes na proposta espiritual a fazer aos educandos.¹²¹ No seu conjunto, a proposta que suscita a necessidade de acompanhamento espiritual, visa capacitar os discentes a viverem a espiritualidade centrada em Jesus Cristo, a tornarem-se pessoas livres, alegres, autónomas, relacionais, criativas, responsáveis, autorrealizadas, com olhar contemplativo, que olhem para dentro de si mesmos com profundidade, dando sentido à vida, aos valores, num sentimento de acolhimento que ajude a estruturar a realidade.

García propõe uma espiritualidade encarnada que encontra na relação com o Outro/outro o modelo para experimentar a Salvação.¹²² A espiritualidade é condição de vida integrada, feliz. É, efetivamente, uma proposta de vida cristã que se adapta e responde às exigências dos

¹²¹ Cf. Jesús Manuel García, «Horizontes de espiritualidad para los jóvenes en Europa», *Misión Joven* 44, n. 324/325 (2004): 61-79.

¹²² Cf. Jesús Manuel García, «¿Qué espiritualidad proponer hoy a los jóvenes?», acedido a 2 de dezembro de 2020, https://donbosco.org.ar/uploads/recursos/recursos_archivos_1577_794.pdf.

adolescentes e jovens de hoje. Jesus Cristo é o próprio Deus encarnado que tanto amou o mundo e quis vir ter com a humanidade para Se relacionar com ela e experimentar a Salvação.

2.1.1. Uma espiritualidade que celebre e transfigure a vida terrena

Assistimos ao longo dos tempos, que perseverou a asserção da «negação da vida» como sinal de santidade pautada pela mortificação, autonegação do corpo e do seu embelezamento. Nesta imagem patológica da espiritualidade, não cabe a ascese com um sentido de vida disciplinada sem sentimentos e desejos frustrados e como meio de alcançar a abundância do Reino. «Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada é desprezível, se tomado com ação de graças» (1 Tm 4, 4). E Jesus deu-nos uma vida em abundância, a não renegar os bens terrenos, mas negar o seu uso egoísta. Também em Jesus testemunhamos a realidade material do humano como meio de autorrealização, isto é, a corporeidade é aceite como ação santificadora e se abre ao outro. Na verdade, Jesus revela-se como o Mestre exemplar do Amor e paradigma da educação. Como Jesus, é saber olhar com profundidade, implicar totalmente corpo e espírito numa experiência íntima, de modo a que o conhecimento intelectual seja iluminado pelo Amor. Como nos lembra Goffi, Jesus é «[...] mestre exemplar de fraternidade, de justiça e de igualdade».¹²³ Efetivamente a corporeidade é aceite como possibilidade de ação salvífica.

2.1.2. Uma espiritualidade que ajude os jovens a ser livres e criativos

Nos últimos séculos viveram-se mais atitudes de obediência e subserviência do que atos de liberdade como seres dignos e filhos de Deus. A vivência espiritual cristã pressupõe uma análise do sentido da obediência. A obediência é virtude quando vivida autónoma, consciente de «a quem obedecer»; «por que se obedece»; e «qual o conteúdo» implícito. Importa saber quais os limites da obediência. A espiritualidade é liberdade, maturidade, fé adulta e responsável. Numa proposta de educação, o docente de EMRC deve dar oportunidade aos adolescentes e jovens de se encontrarem com Jesus a partir do momento presente e criar um projeto de vida autónomo e dar lugar a realizações culturais da modernidade. Para que os adolescentes e jovens vivam uma espiritualidade autêntica, sejam criativos e saibam enfrentar os desafios que se lhes apresentem. A experiência do serviço em que as crianças, adolescentes e jovens são muito sensíveis aos gestos e atitudes. Com estas experiências, podemos ajudá-los a situarem-se em relação aos outros e ajudá-los a experimentarem as realidades que nos transcendem, como o sofrimento, a perda de alguém muito próxima, a morte!

¹²³ Tullo Goffi, «Tracce di Vita», em *Corso di Spiritualità*, ed. Tullo Goffi (Bréscia: Queriniana, 1989), 463.

Por estas razões, há necessidade de itinerários formativos que respeitem e integrem o equilíbrio entre fé e cultura,¹²⁴ que não ignorem as realizações da modernidade, a criatividade do jovem, contribuindo para o seu desenvolvimento a nível pedagógico e psicológico.

2.1.3. Uma espiritualidade que eduque para o olhar contemplativo

Garcia evidencia o facto de que muitos adolescentes e jovens não se viram para a sua interioridade, porque vivem dispersos e imersos num mundo artificial dominado por música, ritmos frenéticos e pela euforia dos fins de semana.¹²⁵ A espiritualidade requer procura de lugares onde haja condições de tranquilidade, serenidade, silêncio adequados para a interiorização. A força poderosa da imagem faz os jovens prisioneiros, desperta-lhes emoções fortes e às vezes contraditórias, levando-os a fecharem-se em si mesmos. Estas atitudes não contribuem para aprenderem a compreender e a dialogar com as suas emoções, a distinguir sentimentos e emoções, porque nem sequer criam espaço interior, o que significa uma grande ameaça para a vida espiritual.

O professor de EMRC tem por missão, orientar o jovem a voltar-se para dentro, captando o que a exterioridade provoca dentro de si, a saber escutar, a escutar-se e reconstruir o seu mundo interior, inspirado pelo Espírito. Se o jovem não aprende a escutar-se em profundidade, não escutará Deus nem os outros. Mas, como nos diz Garcia, não basta «olhar», é necessário «ver» em profundidade.¹²⁶ E experimentar a sua profundidade é, efetivamente, uma singularidade do ser humano. A vivência emocional é muito importante para a gestão dos sentimentos e, atualmente esta atividade não é fácil, porquanto exige disciplina, requer olhos, mente e coração a fim de traduzir, decifrar e acolher o que vê, ou seja, «abrir os olhos do coração»¹²⁷, da dimensão finita à infinita. É trabalhar a concentração e beleza por tudo o que nos rodeia.

O adolescente e o jovem devem ser orientados a educar o seu olhar a ser contemplativo, para que possas admirar a «beleza da Criação» com sentimento de amor. É a visão contemplativa que possibilita o educando à abertura ao mistério e à capacidade de desenvolver estes estados, sentimentos fundamentais, de quem não fica na indiferença do sublime e vive em gratuidade.

¹²⁴ Cf. Rui Jorge Martins, «Relação entre fé e cultura é essencial numa sociedade onde Deus “não entra nos indicadores de bem-estar”», acedido a 17 de outubro de 2020, https://www.snpcultura.org/relacao_entre_fe_e_cultura_essencial.html.

¹²⁵ Cf. García, «¿Qué espiritualidad proponer hoy a los jóvenes?».

¹²⁶ Cf. Gn 13,14 «Ergue os teus olhos e [...] contempla».

¹²⁷ Cf. Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, 83.

É olhando com o coração, com amor, que se alcança o verdadeiro conhecimento. E este permite sentir, apreciar desde a interioridade, conduzindo às experiências íntimas de conhecimento pessoal. Parafraseando Garcia, a busca de Deus implica toda a pessoa, corpo e espírito, ou seja, a unidade sagrada do ser humano.¹²⁸

2.2. Uma espiritualidade orientada para a ação e para o compromisso

No atual contexto cultural é importante o compromisso social dos jovens, ao qual a espiritualidade deve estar presente. Na espiritualidade cristã há dois aspetos a considerar unidos: a atitude da gratuidade de louvar a Deus; e o convívio relacional. O jovem deve aprender a viver a gratuidade, fundamento da interioridade, que tem repercussões significativas no convívio, no compromisso social. Assim, o educando viverá de modo diferente quer no trabalho, no descanso e no divertimento, quer quando sofre, está só ou na companhia de outros. Por esse motivo esta proposta cristã proporciona também a exposição dos adolescentes e jovens ao sofrimento e à diferença. Com estas experiências, o educador de EMRC deve ajudá-los a viver conforme a exigência cristã do amor *Ágape* (cf. 1Jo 4, 8). Para tal, Jesus Manuel Garcia referencia três etapas partindo do pensamento de S. Paulo e de Teilhard de Chardin.¹²⁹

2.2.1. A novidade do «acontecimento Cristo»

A novidade do «acontecimento de Cristo», a partir do pensamento de S. Paulo e Teilhard de Chardin, constitui um salto qualitativo na evolução psicológica e social da Humanidade. Para os adolescentes e jovens, esta novidade consiste no facto de que através de Cristo, pode penetrar no mistério do Outro, abrindo-se ao outro e sendo para o outro. Os jovens procuram uma interioridade viva, unida, fraterna onde eles sejam os protagonistas da mensagem cristã que se une à vida. Perante este paradigma juvenil, a espiritualidade surge como um horizonte na pós-modernidade, um processo de reconfiguração de um novo viver, de uma nova forma de expressar os seus sentimentos com o transcendente. Portanto, cabe a nós educadores acolher esse novo alvorecer juvenil, como diz Sandrini: «um jovem excluído é um profeta que grita, não com palavras, mas com a sua vida, que Deus é o contrário da injustiça (ética), da exploração (economia), da opressão (política) e do pecado (teologia). Ele fala sem falar e grita sem gritar. Ele é a linguagem».¹³⁰

¹²⁸ Cf. García, «¿Qué espiritualidad proponer hoy a los jóvenes?».

¹²⁹ Cf. García, «¿Qué espiritualidad proponer hoy a los jóvenes?».

¹³⁰ Marcos Sandrini, *Religiosidade e educação no contexto da pós-modernidade* (Petrópolis: Vozes, 2009), 15.

A vida trinitária é apresentada ao jovem como paradigma existencial relacional. A Trindade é amor recíproco entre pessoas, «ser um no outro» - pericorese. A unidade é uma só vida fundamentada no amor.

Um modelo de espiritualidade encarnada é a proposta de acompanhar as crianças, os adolescentes e jovens, num caminho gradual e que tem na sua base Jesus Cristo, o próprio Deus encarnado, que tanto amou o mundo (Jo.3,16) e quis relacionar-se com o mundo, para viver e experimentar a Salvação.

CONCLUSÃO

Considero que este relatório foi mais uma etapa evolutiva de reflexão e aprofundamento como docente, ao serviço da educação, na disciplina de EMRC, que exerço há 38 anos. No decorrer deste estudo, verifiquei e confirmei que a espiritualidade é uma bússola de orientação, uma realidade fundamentalmente relevante, que recupera Jesus Cristo, a Sua Humanidade, a Sua Palavra, a Sua ação, a Sua Missão Salvífica, acolhida como referência na educação das crianças, adolescentes e jovens de hoje, como condição de vida integrada. Os alunos que me foram confiados para a PES, revelaram bastante interesse, empenho, alegria, responsabilidade e compromisso, cabendo-me a mim, como docente de EMRC, como ser humano espiritual e crente, contribuir para que os meus alunos encontrem Jesus no desenvolvimento harmonioso da sua interioridade, nas experiências e vivências com os outros, na sociedade, como «peregrinos», dando sentido à sua vida e concretude aos seus ideais.

Eis um desafio de educadora de EMRC, que a UL 2: «Jesus, um Homem para os outros», encontrou em mim grande desejo para partilhar, numa tentativa de enriquecer espiritual, interior e eticamente os meus alunos, com quem desenvolvi a minha PES numa escola católica, o Externato da Luz. Foi um dos desafios, recuperar a centralidade da pessoa de Jesus Cristo: a Sua figura, a Sua Palavra, os Seus gestos, o Seu rosto de crucificado e de ressuscitado, a Sua humanidade, a Sua beleza. Tentei incentivar os alunos para uma espiritualidade que privilegia o sentido do mistério, que caminha lado a lado com a poesia, a arte, a literatura, a criatividade, a música, através das estratégias utilizadas na lecionação em exercício, assim como nas atividades extracurriculares que promovi. Aprendi que estas experiências, acolhidas desde o seu lado positivo, são capazes de restituir ao Evangelho a sua força de confrontação. Através do autor Jesús Manuel Garcia e lendo e estudando o seu artigo: «Que espiritualidad proponer hoy a los jóvenes», o autor propõe e ensina os educadores a desenvolverem nos seus educandos a dimensão espiritual, livre, criativa e plena de amor.¹³¹ Jesús Garcia entende e refere, a partir do pensamento de S. Paulo e de Teilhard de Chardin, que o «acontecimento Cristo» constitui um salto qualitativo na evolução psicológica e social da Humanidade. E esta novidade, para os educandos hoje, consiste no facto de que, por meio de Jesus Cristo, o adolescente pode penetrar no mistério do Outro, abrindo-se ao outro e sendo para o outro.

A vida de educadora cristã, pela ação do Espírito Santo que habita no mais íntimo de cada um, atrai-nos para formas cada vez mais profundas de viver o Evangelho.

¹³¹ Cf. García, «¿Qué espiritualidad proponer hoy a los jóvenes?».

Quando refleti sobre a especificidade da ação de Jesus Cristo, aprofundei as minhas competências humanas e competências crentes. Assim, o primeiro testemunho que pude dar foi escutar, acolher, reconhecer e servir os alunos que me foram confiados e os membros da comunidade onde estive inserida, ou seja, o Externato da Luz. Jesus viveu centrado no amor ao próximo (Lc 10, 25-37). Ao ter o meu primeiro contacto com os alunos, criei um ambiente de coração, um ambiente de amizade, que foi o primeiro passo, para depois evangelizá-los. Orientei-os no acolhimento que constrói uma relação de amor e harmonia (Lc7, 36-50) e ensinei-lhes que uma boa relação humana nasce no íntimo do ser e manifesta-se na fraternidade.

É no seguimento das competências de interioridade de Jesus, que se destaca a importância de uma alfabetização afetiva. A leitura e o estudo do conto «O suave Milagre», de Eça de Queirós, ajudou-me a «olhar» com profundidade, a experimentar e a ver para além da razão, de maneira a suscitar em cada discente a admiração, o amor, a contemplação e a abertura ao mistério, uma vez que tinha na turma um aluno que se dizia não crente. Procurei desenvolver uma atividade extracurricular, com o objetivo de possibilitar aos discentes um encontro pessoal com Jesus, aproveitando o tempo litúrgico do Advento e Natal, bem como para articular a UL 1 com a UL 2. Tentei promover o processo ensino-aprendizagem, construindo pontes entre cultura e fé. Para isso, propus aos alunos a construção de uma árvore de Natal e de símbolos de Natal, utilizando material reciclado (empenho ecológico e transversal a outras disciplinas). Cada discente deveria identificar e descobrir nos símbolos de Natal, e através deles, os valores que Jesus, como Pessoa, veio ensinar ao mundo: valores de Amor, Alegria, Fraternidade e Paz. Fizemos uma exposição com estes trabalhos na sala de aula da turma da PES, dos quais resultaram árvores de Natal bonitas e originais, dando oportunidade aos alunos de se encontrarem com Jesus. Consultei, estudei e aprofundei as passagens bíblicas do Evangelho, construindo uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história de Jesus, que transpus para o processo ensino-aprendizagem. Ao mesmo tempo, relacionei testemunhos de vida cristã, particularmente de S. Francisco de Assis, como fruto de amor ao próximo, sinal de autenticidade do amor a Deus, através de informação recolhida do Externato da Luz, de cariz franciscana.

Faço referência a um artigo de Jesús Manuel Garcia: «Horizontes de espiritualidade para os jovens na Europa», em que o autor constata que, presentemente, a primeira mensagem (anúncio) não provocará a conversão de grandes grupos, mas pode enriquecer a vida de muitos adolescentes e jovens graças ao generoso humanismo.¹³² As crianças e os jovens necessitam de orientação, pistas para a reflexão, mais do que doutrinas e metodologias rígidas. O encontro

¹³² Cf. García, «Horizontes de espiritualidad para los jóvenes en Europa», 61-79.

com Deus dá-se, em muitos casos, através de formas de serviço para com o outro: ajudar um amigo, um colega da sala de aula, ser solidário com os mais necessitados, fazer voluntariado. Os alunos são o sujeito da História e a mensagem cristã propõe-se e constrói-se como uma adesão pessoal, tendo sido um grande desafio ensinar os meus alunos a conhecer e a estar em intimidade com Jesus Cristo.

A UL 2: «Jesus, um Homem para os Outros», tem o seu fundamento e sustento na humanidade de Jesus, na Sua concretização histórica e no acontecimento da Sua revelação salvífica. O Cristianismo desvela-nos a vida de Jesus Cristo, filho de Deus, e a Sua Encarnação como homem, constitui a singularidade, o cerne da espiritualidade cristã. Jesus apresenta-se como referência universal de dádiva, de abertura, de amor, de comunicação em que exerce pedagogia, convívio com os outros e o próximo - «Ama o teu próximo como a ti mesmo». (Lc 10, 25-37). Com o tema e os conteúdos por mim transmitidos e lecionados sobre Jesus, tentei transmitir aos alunos uma espiritualidade que privilegiasse o sentido do Mistério. Assim, tentei fomentar nos alunos uma vida de compromisso, fundamentada no Evangelho. Esta atitude implica penetrar em si mesmo, abrir-se ao outro, estabelecendo-se reciprocidade. O «ser para os outros» é, efetivamente, a base da realização pessoal.¹³³ Deste modo, aproveitei o tempo da quaresma, para lhes propor a realização de uma tarefa, intitulada «Missão em Serviço», propondo aos alunos a realização de um diário durante os quarenta dias da Quaresma, tempo de reconversão e reciclagem, de modo a ajudá-los a crescerem de forma interior e integral, valorizando todas as dimensões que caracterizam a sua pessoa, de maneira a se tornarem pessoas autênticas. Para além desta atividade, acrescento que planifiquei e preparei uma atividade extracurricular, mobilizando toda a comunidade educativa do Externato da Luz, para uma atividade de oração e de descoberta, ensinando o olhar contemplativo e, ao mesmo tempo, dando a oportunidade de nos encontrarmos com Jesus.

Todo o projeto de vida baseia-se numa forma de altruísmo. Amar e ser amados e através de uma ajuda concreta, os adolescentes aprendem a superar-se. É necessário oferecer caminhos e itinerários que os despertem para uma nova esperança e descubram a presença do Ressuscitado. Não podemos propor o Evangelho como uma Lei a transmitir, mas sim uma experiência numa entrega de confiança, mais que um conhecimento doutrinal.

Considero que este relatório foi mais uma etapa evolutiva de reflexão e aprofundamento como docente ao serviço da educação na disciplina de EMRC, que exerço há muitos anos. No decorrer deste estudo, verifiquei e confirmei que a espiritualidade é uma dimensão, uma realidade fundamentalmente relevante, que recupera Jesus Cristo, a Sua Humanidade, a Sua

¹³³ Cf. Carvalho, et al., *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 91-92.

Palavra, a Sua ação, a Sua Missão Salvífica, acolhida como referência na educação das crianças e jovens de hoje como condição de vida integrada. Os alunos que me foram confiados para a PES, revelaram bastante interesse, empenho, alegria, responsabilidade e compromisso, cabendo-me a mim, como docente de EMRC, como ser humano, espiritual e crente, contribuir para que os meus alunos encontrassem Jesus no desenvolvimento harmonioso da sua interioridade, nas experiências e vivências com os outros, na sociedade, como «peregrinos», dando sentido à sua vida e concretude aos seus ideais. Acredito, como docente, que a juventude é um tempo propício de educação, de encontro e diálogo, de oferta e descoberta, tempo em que o amor avança para uma relação nova, relação em que as crianças, adolescentes e jovens experimentem o Transcendente a partir de uma análise da própria vida.

O desafio da disciplina de EMRC, sendo também missão, profecia e espiritualidade nos dias atuais, é encontrar em Jesus, e com o coração e os ouvidos bem apertos, o que Deus tem a nos dizer. No livro: «O desejo e a sua transformação no seguimento de Jesus», a autora, Dra. Teresa Messias conclui, deixando-nos um desafio a nós, educadores cristãos: «Cabe-nos a nós comprovar existencialmente, a sintonia, a aplicabilidade [...] de transmitir Cristo e a sua mensagem neste contexto atual».¹³⁴

¹³⁴ Teresa Messias, *O desejo e a Transformação no seguimento de Jesus: uma leitura dos escritos de Sebastian Moore* (Lisboa: Paulus Editora, 2017), 613.

BIBLIOGRAFIA

Instrumento de trabalho

Traduction Oecumenique de la Bible. Paris: Editions du Cerf, 1984.

Documentos da Igreja

CEP. «Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade». Acedido a 25 de setembro de 2019, <http://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/educacao-moral-e-religiosa-catolica-um-valioso-contributo-para-a-formacao-da-personalidade/>.

Concílio Ecuménico Vaticano II. *Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Actual (Gaudium et Spes)*. Braga: Editorial A.O., 1983, 343-418.

Documento preparatório do sínodo dos bispos. «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional». Acedido a 8 de fevereiro de 2020.

http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20180508_instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html.

Papa Bento XVI. «Audiência Geral: 28 de novembro de 2012». Acedido a 16 de setembro de 2019. http://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2012/documents/hf_ben-xvi_aud_20121128.html.

Papa Francisco. *Cristo Vive: Exortação Apostólica Pós-Sinodal*. Lisboa: Paulus Editora, 2019.

———. «Discurso do Papa Francisco aos participantes na plenária da Congregação para a Educação Católica». Acedido a 25 de novembro de 2020. http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/february/documents/papa-francesco_20140213_congregazione-educazione-cattolica.html.

———. «Papa na Casa Santa Marta: evitar uma lista de preços para os Sacramentos». Acedido a 17 de junho de 2019. <https://www.vaticannews.va/pt/papa-francisco/missa-santa-marta/2018-11/papafrancisco-homilia-santamarta-mercado.html>.

Legislação

Decreto-lei n.º 240/2001, de 30 de agosto, *Aprova os perfis específicos de desempenho profissional do educador de infância e do professor do 1.º ciclo do ensino básico*, Diário da República n.º 201/2001, Série I-A de 2001-08-30.

Documentos Curriculares

Carvalho, Cristina Sá, D. Pedrinho, E. Urbano, F. Moita e J. Ambrósio. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2014.

OFM. *Ide e Ensinai: Diretrizes Gerais para a Educação Franciscana*. Roma: OFM, 2009.

Estudos e Ensaios

Ambrósio, Juan. «A cultura como dimensão específica do humano». Acedido a 21 de novembro de 2020. https://www.snpcultura.org/a_cultura_como_dimensao_especifica_do_humano.html.

Arends, Richard. *Aprender a Ensinar*. Lisboa: McGraw Hill, 2008.

Barrett, Charles Kingsley, *O Evangelho Segundo São João*. Londres: Sociedade de Promoção de Conhecimento Cristão, 1955.

Birou, Alain. *Dicionário das Ciências Sociais*. Lisboa: D. Quixote, 1982.

Carson, Donald. *Evangelho Segundo João*. Québec: Publicações Cristãs Excelsis, 2011.

Crossan, John Dominic. *O Jesus Histórico*. São Paulo: Imago Editora, 1995.

De Queiroz, Eça. *O Suave Milagre*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1999.

Debray, Régis. *L'Enseignement du fait religieux dans l'école laïque, Rapport au ministre de l'Éducation nationale*. Paris: Éditions EHESS, 2002.

Duque, João Manuel. «O Ensino da Religião como resposta à laicização», *Theologica* 51, n.º 2 (junho 2016): 11-20. <https://doi.org/10.34632/theologica.2016.51>.

Echegaray, Joaquín González. *Jesús en Galilea: Aproximación desde la arqueología*. Navarra: Verbo Divino, 1994.

Edersheim, Alfred. *El Templo. Su ministerio y servicios en tiempos de Cristo*. Barcelona: Editorial Clie, 2013.

Estanqueiro, António. *Boas práticas na educação: o papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença, 2010.

Ferreira, Reuberson. «Aspectos físicos e econômicos da Palestina no tempo de Jesus». Acedido a 24 de julho de 2019. <https://www.abiblia.org/ver.php?id=1195>.

García, Jesús Manuel. «Horizontes de espiritualidad para los jóvenes en Europa». *Misión Joven* 44, n. 324/325 (2004): 61-79.

———. «¿Qué espiritualidad proponer hoy a los jóvenes?». Acedido a 2 de dezembro de 2020. https://donbosco.org.ar/uploads/recursos/recursos_archivos_1577_794.pdf.

Gnilka, Joachim. *Jesús de Nazareth: mensaje e historia*. Barcelona: Editorial Herder, 1999.

Goffi, Tullo. «Tracce di Vita». Em *Corso di Spiritualità*, editado por Tullo Goffi. Bréscia: Queriniana, 1989.

Gonçalves, Francolino. «Exílio Babilónico de Israel. Realidade histórica e propaganda». *Cadmo: actas do colóquio internacional: sociedade, religião e literatura no próximo Oriente Antigo*, n.º 10 (2000): 167-196.
https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/24202/1/Cadmo10_artigo9.pdf.

Grelot, Pierre. *L'Espérance Juive à l'Heure de Jesus*. Bruges: Desclée De Brouwer, 1978.

Horsley, Richard e John Hanson. *Bandidos, Profetas e Messias Movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus Editora, 1995.

Kirst, Nelson. *Rudimentos de Homilética*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1996.

Ladd, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

Léon-Dufour, Xavier. *Leitura do Evangelho segundo João*. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

Martins, Rui Jorge. «Relação entre fé e cultura é essencial numa sociedade onde Deus “não entra nos indicadores de bem-estar”». Acedido a 17 de outubro de 2020. https://www.snpcultura.org/relacao_entre_fe_e_cultura_essencial.html.

Messias, Teresa. «Espiritualidade e Cultura Juvenis». Acedido a 12 de junho de 2020. https://moodle.lisboa.ucp.pt/pluginfile.php/457358/mod_resource/content/1/ECJ208-19_completo.pdf.

———. *O desejo e a Transformação no seguimento de Jesus: uma leitura dos escritos de Sebastian Moore*. Lisboa: Paulus Editora, 2017.

Moingt, Joseph. *L'homme qui venait de Dieu*. Paris: Éditions du Cerf, 1993.

Moita, Fernando. «A missão do Professor de EMRC no contexto da escola atual». *Pastoral Catequética* 9, n.º 26 (maio- agosto 2013): 53-74.

Nunes, Tomáz. *O Perfil do Docente de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2005.

Pagola, José António. *Jesus: uma abordagem histórica*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2008.

Pallazzo, Éric. *Liturgie et société au Moyen Âge*. Paris: Editions Aubier, 2000.

Perrot, Charles. *Jésus et l' Histoire*. Paris: Editions Nouvelle, 1995.

Policarpo, D. José. «A Escola Católica ao serviço da missão da Igreja» Acedido a 13 de março de 2020. https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?cont_=40&id=174&tem=139.

———. «Cultura, escola e religião». Acedido a 20 de novembro de 2020. <https://www.educris.com/v2/44-destaques/3794-forum-emrc-2014-cultura-escola-e-religiao>.

Puig, Armand. *Uma biografia*. São Paulo: Paulus Editora, 2006.

Ridderbos, Herman. *La venida del reino*. Buenos Aires: La Aurora, 1988.

Rocha, Ivan Esperança. «Dominadores e dominados na Palestina do I século». *História, São Paulo* 23, n.º 1-2 (janeiro 2004): 239-258, <https://doi.org/10.1590/S0101-90742004000200012>.

Rops, Daniel. *A vida quotidiana na palestina no tempo de Jesus*. Lisboa: Livros do Brasil, 1963.

Saint-Exupéry, Antoine de. *O Príncipezinho*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1995.

Sandrini, Marcos. *Religiosidade e educação no contexto da pós-modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2009.

Santos, D. António. «O Professor de EMRC: Para a Definição de um Perfil Humano e Profissional». *Pastoral Catequética*, n.º 21/22 (2011/2012): 9-19.

Saulnier, Christiane e Bernard Rolland. *A Palestina no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus Editora, 1983.

Schnackenburg, Rudolf. *La persona de Jesús reflejada en los cuatro Evangelios*. Barcelona: Herder Editorial, 1998.

Schultz, Samuel. *A história de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

Schurer, Emil. *A History of the Jewish People in the time of Jesus Christ*. Edimburgo: T. & T. Clark Ltd., 1890.

Serralheiro, Deolinda. *O Acto Educativo Religioso e Moral*. Lisboa: SNEC, 1993.

Stapfer, Edmond. *A Palestina no tempo de Jesus Cristo*. Paris, Théo TEX, 1885.

Susin, Luis Carlos. *Assim na Terra como no Céu: Brevilóquio sobre escatologia e criação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

Taipa, António Maria Bessa. *Os meus Versículos Bíblicos*. Lisboa: Texto Editores, 2004.

Vaz, Armindo dos Santos. «A Bíblia, património cultural e formativo». *Communio*, 23, n.º 4 (2006): 443-454.

———. *Palavra Viva, Escritura poderosa*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2013.

Viesser, Lizete. *Um Paradigma didático para o Ensino Religioso*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

ANEXOS

Anexo 1: Esquema do ano litúrgico



Anexo 2: Onde nasceu Jesus?

Onde Jesus nasceu

De acordo com os relatos do Evangelho de Lucas, **Jesus nasceu na Palestina**, mais concretamente num estábulo nos arredores da cidade de **Belém**.

Jerusalém
Belém
Hebrom

emrc

O mapa mostra a Palestina com as seguintes regiões coloridas: Fenícia (laranja), Gálicia (verde), Samaria (verde-oliva), Judeia (verde-oliva), Decápolis (verde-oliva) e Peréia (verde-oliva). Locais marcados incluem Tiro, Monte Hermom, Ptolemaida, Monte Carmelo, Cesária, Monte Carmel, Gerasa, Gadara, Nazaret, Betsaida, Gaba, Gera, Maqueronte, Gaza, Jerusalém, Belém, Hebrom, Emalis e Massada. O Mar Mediterrâneo está à esquerda. Um globo terrestre no canto superior direito indica o local de nascimento de Jesus em Belém. Um retângulo amarelo no canto inferior esquerdo contém a ilustração de um estábulo com o nascimento de Jesus. Um retângulo amarelo no canto inferior direito contém os nomes "Jerusalém", "Belém" e "Hebrom" com ícones de estrelas. O logotipo "emrc" está na base da barra decorativa à esquerda.

Anexo 3: Imagem de Jesus



Anexo 4: Jesus é a luz do mundo

https://www.youtube.com/watch?v=mJmAV0gTp_Q

Anexo 5: «O Príncipe do Egito»

<https://www.youtube.com/watch?v=AyOAvDvrBkk&feature=youtu.be>

Anexo 6: «O Príncipe do Egito»

https://www.youtube.com/watch?v=maaMoX_WyhY&feature=youtu.be

Anexo 7: Exemplos de vida

A REALIZAÇÃO DE CADA UM DEVE
ESTAR SEMPRE AO SERVIÇO DOS OUTROS...

EXEMPLOS...



- Francisco de Assis — «Senhor, fazei de mim instrumento da Vossa Paz!»



- Madre Teresa de Calcutá — «A nossa alegria está no serviço ao pobre.»



- Raoul Follereau — «Recusai pôr a vossa vida na garagem. O amanhã terá a vossa fisionomia...»



- Luther King — «Se eu puder:
— ajudar, animar, encaminhar os outros...
— cumprir é divulgar a Mensagem que o Senhor deixou...
Então, a minha vida não terá sido em vão!...»



- João XXIII — «Ouço tudo e peço ao Senhor que me ilumine e conserve a humildade pra saber servir como *bom pastor* que desejo ser.»



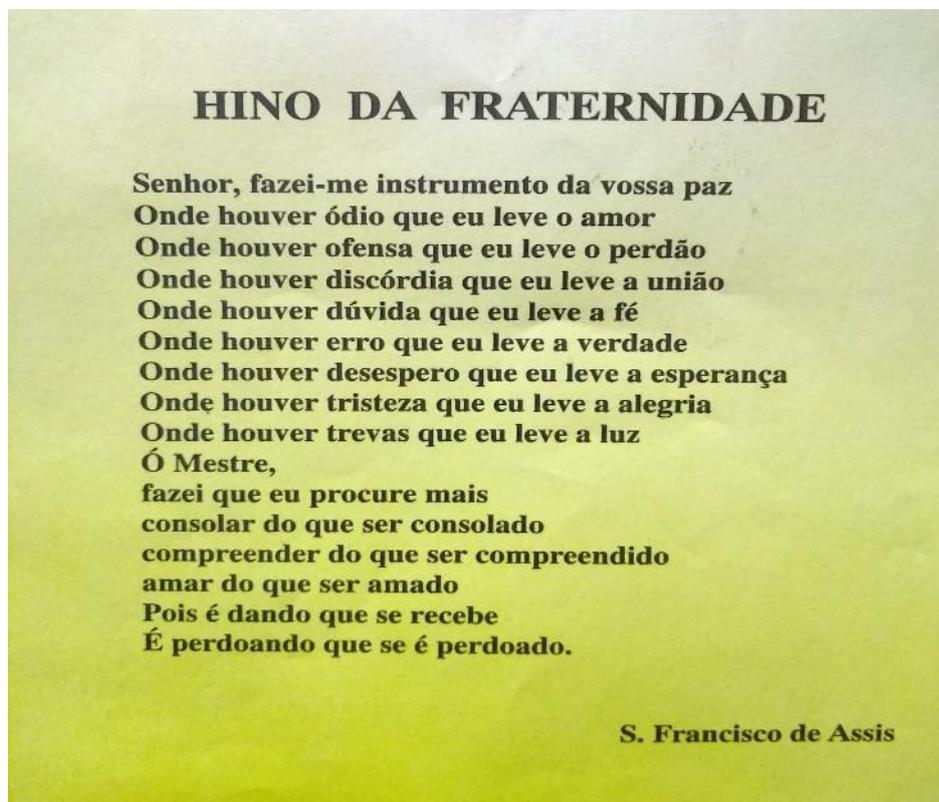
- D. Helder Câmara — «Vale a pena gastar a vida a servir os irmãos: os maiores e os mais pequenos ...»

«É necessário
que o mundo,
depois de ti,
fique um pouco melhor
POR TERES VIVIDO NELE»
(Stanley)

«EU NÃO VIM
PARA SER SERVIDO
MAS PARA SERVIR»

(Jesus Cristo — Mc. 10. 45)

Anexo 8: Oração de São Francisco de Assis



Anexo 9: O fariseu e o cobrador de impostos

<https://www.youtube.com/watch?v=D9YX8q3ubU0&feature=youtu.be>

Anexo 10: «Heal the world»

https://fb.watch/3Dzp_aHu5Z/

Anexo 11: Grupos religiosos no tempo de Jesus

Grupos religiosos no tempo de Jesus

SADUCEUS

Grupo religioso com muita influência política. Constituíam a classe aristocrata.

Dele faziam parte muitos sacerdotes.

Entre os livros bíblicos, davam preferência aos cinco primeiros do Antigo Testamento.

Gananciosos e duros, arrogantes para com os pobres e humildes.

Não quiseram acolher Jesus nem aceitar a sua doutrina.

FARISEUS

Importante grupo religioso, que observava rigorosamente a lei de Moisés.

Eram recrutados sobretudo entre os leigos.

Tinham muita autoridade sobre o povo. Politicamente, eram inimigos dos romanos.

Eram fanáticos, formalistas, hipócritas e ambiciosos. Jesus teve que os repreender muitas vezes e por isso tinham-lhe ódio.

ESCRIBAS

Ensinavam e interpretavam o Antigo Testamento.

Eram recrutados entre os leigos.

Eram chamados Doutores da Lei.

Pertenciam ao tribunal dos judeus, o Sinédrio.

Uniram-se aos fariseus na luta contra Jesus.

Descobre:

S		Privilegiavam os 5 primeiros livros da Bíblia
I		Seguiam rigorosamente a lei de Moisés
N		Sinédrio
E		Ensinavam e interpretavam o Antigo Testamento
D		Outro nome dado aos escribas
R		Faziam o serviço do Templo
I		Sagrada Escritura
O		Centro da vida dos Judeus

Anexo 12: A oração de Jesus no Getsémani

<https://www.youtube.com/watch?v=gt31qwnkVws&feature=youtu.be>

Anexo 13: A condenção de Jesus pelo tribunal romano

<https://www.youtube.com/watch?v=9oy9VY4pGMc&feature=youtu.be>

Anexo 14: Anagrama

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS - LECIONAÇÃO EM EMRC

EXTERNATO DA LUZ - CARNIDE
Portefólio de Prática de Ensino Supervisionada

ANAGRAMA

“...Jesus foi julgado e condenado a morrer na cruz...”

1. Ordena os anagramas, palavras cujas letras ou sílabas estão desordenadas, de modo a que se obtenham palavras relacionadas com a paixão e morte de Jesus. Como guia tens a frase do eixo vertical.

DROPE
DE-DA-BER-LI
DARPE
ASSEMIS
DO-CER-SA-TES
XÃOIAP
RU-JE-LÉM-SA
SAUJD
CRU-CA-CI-FI-ÇÃO
NÉ-SI-DRIO
MELPOT
SEUDUJ
NÁSA

JESUS CRISTO aceitou a sua morte livremente e, ressuscitando deu sentido à VIDA com todas as

- ofensas
- recusas de amor
- ingratidões
- maldades
- desobediências
- dos primeiros homens
- dos homens de então
- dos homens de hoje
- dos homens de amanhã
- de mim, de ti...

VENCEU A MORTE — RESSUSCITOU e continua vivo naqueles que querem pertencer ao seu grupo - A IGREJA - naqueles que querem viver de acordo com o seu projecto

Anexo 15: O amor universal

https://www.youtube.com/watch?v=u_clhnUEEng&feature=youtu.be

Anexo 16: Ficha de consolidação de conteúdos

COMO SABEMOS QUE CRISTO RESSUSCITOU?

- pelo testemunho e pela palavra dos Apóstolos:

«DEUS RESSUSCITOU-O»
Act. 10, 40

«VIMOS O SENHOR»
João 20, 25

«NÓS SOMOS TESTEMUNHAS»
Act. 10, 39

«ELE APARECEU VIVO»
Act. 10,40

«Convertel-vos e peça cada um o Baptismo em nome de Jesus Cristo; então, recebereis o dom do Espírito Santo...»
Act. 2,38

«Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus habita em vós, há-de dar igualmente a vida aos vossos corpos mortais por meio do Seu Espírito que habita em vós».
Rom. 8,11.

Nós, os cristãos, acreditamos na RESSURREIÇÃO de CRISTO.

É a vitória da Vida sobre a morte.
A vida em plenitude.

«Por isso, já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim».
(S. Paulo aos Gálatas 2. 20)



QUARESMA  • Esforços de conversão
Tempo de  • Esforços de mudança de vida
COMO FAZER?  **CAMINHO PARA A PÁSCOA**

Anexo 17: Ficha de apoio sobre os símbolos da Páscoa

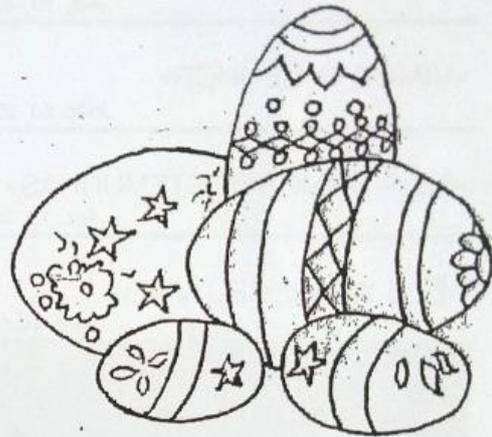
Símbolos da Páscoa

Os símbolos são sinais que nos fazem recordar alguma coisa. Também existem alguns sinais que nos fazem recordar a Páscoa.

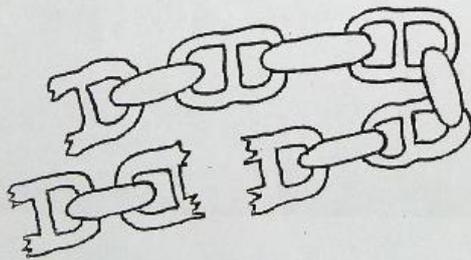
Aqui te são apresentados 4 deles, que depois de leres o que significam irás procurar ilustrar.



O **Círio Pascal** significa que Cristo está vivo e presente no meio de nós, vive uma nova vida com um «corpo espiritual». Ele é como o Círio que nos dá luz e calor.



Os **Ovos de Páscoa** são símbolos da ressurreição. Por fora parecem uma simples pedra, mas por dentro têm uma vida nova. Também do túmulo Jesus apareceu com uma nova vida.



A **Corrente Partida** é símbolo de libertação; de vitória perante a escravidão (Judeus) e perante a morte (Cristãos).



O **Pão e o Vinho** representam o «Corpo e o Sangue de Cristo». Com estes dois alimentos Jesus estabeleceu a Eucaristia.

Anexo 18: Amar os outros

<https://www.facebook.com/watch/?v=1066822316704113>

Anexo 19: A existência de Deus

<https://www.youtube.com/watch?v=kkoqZUbVoBM>

Anexo 20: Ficha de Avaliação Sumativa

FICHA DE AVALIAÇÃO SUMATIVA DE EMRC Unidade Letiva 2: “Jesus, um Homem para os outros” Ano Letivo 2018/2019



Nome: _____
N.º: ____ Ano: ____ Turma: ____ Data: __/__/____ Classificação _____
Professor _____ Encarregado de Educação _____
Professor _____ Encarregado de educação _____

1. Tendo em conta tudo o que aprendestes sobre a Pessoa e vida de Jesus, completa o texto utilizando o banco de palavras que te é dado a seguir:

**Jesus – Maria – Nazaré – fonte - Belém - humanidade – mensagem - da – história
– judeus – José - inspiração – mundo – 2000 – pintores - vida – atitudes –
importante – Palestina – escritores – Lucas - Oriente**

_____ de Nazaré foi uma figura pública muito _____: a sua _____, as suas _____ e o seu destino marcaram profundamente a _____. O evangelista São _____ relata-nos que Jesus nasceu em _____, de Judá, durante o domínio do império romano. O pai adotivo de Jesus era um carpinteiro de nome _____. A sua mãe chamava-se _____. Ambos eram _____ e viviam em _____, pequena aldeia da Galileia na província da _____, que fica no Médio _____.

Desde o seu nascimento, Jesus é _____ de _____ para _____, _____ e escultores, que nos deixaram, em mais de _____ anos, uma importante e vasta obra. A presença de representações e alusões à vida de Jesus, em todo o _____ e em todas as épocas, desde o seu nascimento, revela a importância da sua _____ na história da humanidade.

2. Assinala com um V (Verdadeiro) ou F (Falso) as frases que se seguem:

- a) Jesus de Nazaré falava de um Reino de poder e riqueza.
- b) Jesus afirma que Deus nos ama e nos dá aquilo de que precisamos.
- c) O calendário usado no Ocidente chama-se Gregoriano.
- d) Jesus falava de um Reino de amor que está no coração de cada um.
- e) A morte de Jesus não modifica a vida dos cristãos, pois continuam sem esperança.
- f) A Páscoa é a maior festa dos cristãos.
- g) Cristo vivo é caminho para todos os que acreditam nele.

3. Durante as aulas lemos um conjunto de textos que contêm os ensinamentos de Jesus aos seus discípulos. Lê os seguintes excertos desses textos e responde às questões que a seguir se colocam.

Texto n.º 1

Não vos inquieteis com o que haveis de comer ou beber, nem andeis ansiosos, pois as pessoas do mundo é que andam à procura de todas estas coisas; mas o vosso Pai sabe que tendes necessidade delas. Procurai, antes, o seu Reino, e o resto vos será dado por acréscimo. Não temais, pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino.

Lc 12, 29-32

3.1. Explica por palavras tuas a razão pela qual devemos confiar em Deus.

Texto n.º 2

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. Aproximou-se, ligou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: “Trata bem dele e, o que gastares a mais, pagar-to-ei quando voltar.”

Lc 10, 33-36

3.2. Transcreve do texto a frase que explica o amor ao próximo.

Texto n.º 3

Jesus disse:

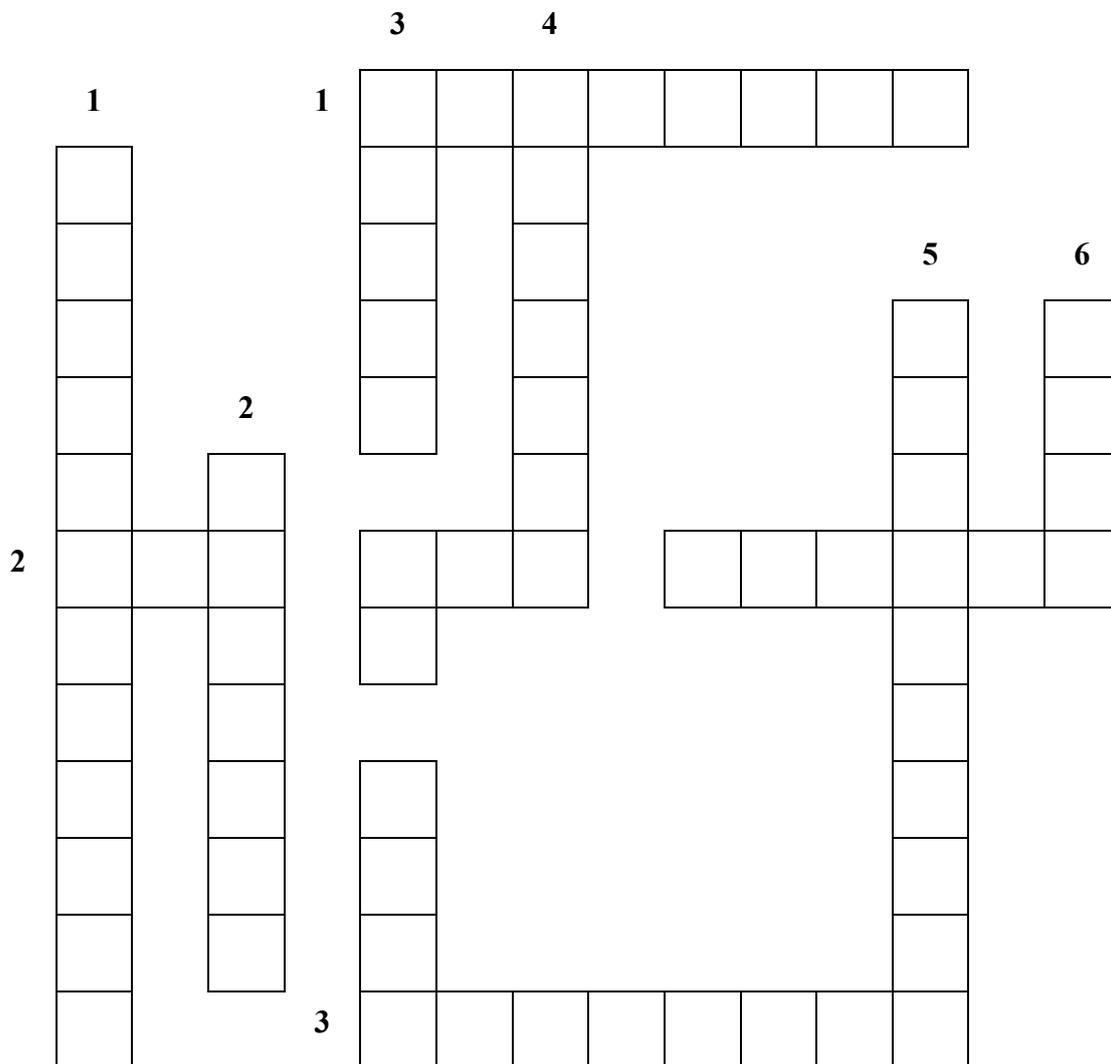
“Os teus pecados estão perdoados.”

Começaram, então, os convivas a dizer entre si: “Quem é este que até perdoa os pecados?” E Jesus disse à mulher: “A tua fé te salvou. Vai em paz.”

Lc 7, 48-50

3.3. Qual o valor que Jesus ensina nesta parábola?

4. Resolva as seguintes palavras cruzadas, tendo em conta que se referem ao processo de condenação e morte de Jesus.



Horizontais:

1. Elementos de um grupo religioso que foram corresponsáveis pela morte de Jesus.
2. Acusação feita a Jesus perante o tribunal romano e gravada na inscrição pregada na cruz (3 palavras).
3. Elementos de um grupo religioso muito apegado às tradições e especialmente às que se referiam ao culto religioso. Foram corresponsáveis pela morte de Jesus.

Verticais:

1. Atitude que, para Jesus, deve servir de base no relacionamento entre as pessoas, uma vez que são todas filhas do mesmo Deus.
2. Procurador romano que condenou Jesus à morte.
3. Jesus afirmou, perante o tribunal judaico, que o era e esse foi um dos motivos da sua condenação (3 palavras).
4. Povo que tinha um grande império, do qual fazia parte a Palestina. Os judeus não tinham muita autonomia porque eram governados por eles.
5. Elementos de um grupo religioso que tinha como principal missão presidir ao culto a Deus no Templo de Jerusalém. Foram corresponsáveis pela morte de Jesus.
6. Os judeus tinham muitas. Para além das que estavam escritas na Bíblia, muitas outras foram acrescentadas pela tradição, tornando o seu cumprimento muito difícil.

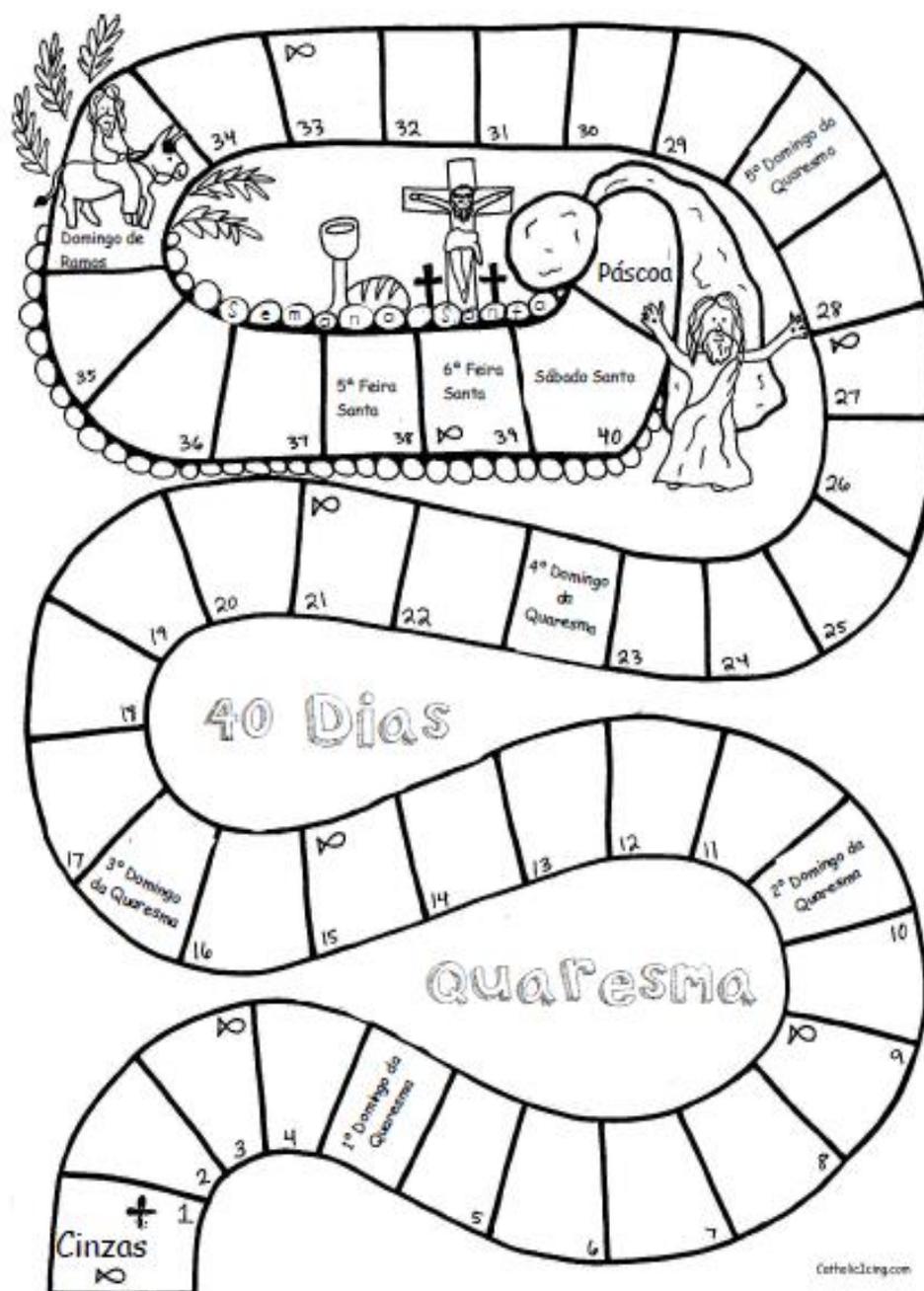
5. O que significa para ti a palavra e o acontecimento Páscoa?

Bom trabalho!

Anexo 21: Quaresma

<https://www.youtube.com/watch?v=WQOtFkT4Tnw>

Anexo 22: «Missão em serviço»



Anexo 23: «Oração Comunitária da Quaresma»

**ATIVIDADE DA COMUNIDADE EDUCATIVA – NÚCLEO DE ESTÁGIO EXTERNATO DA LUZ
ORAÇÃO COMUNITÁRIA DA QUARESMA
(TURMAS RESPONSÁVEIS: 6ºB E C)**

1 abril – segunda	2 abril – terça	3 abril - quarta	4 abril - quinta	5 abril - sexta
<p>Música ambiente: <u>FELIZ 2018 DAVID GARRETT</u> https://www.youtube.com/watch?v=BQgXXLX_wfg</p> <p>Oração: História do Bom Samaritano</p>	<p>Música ambiente: (Comptine d'Un Autre Été- Die fabelhafte Welt der Amélie Piano [Large Version 2010].mp4) https://www.youtube.com/watch?v=2W_G3xmSGfo Oração pelos refugiados, Papa Francisco.</p>	<p>Música ambiente <u>David Garrett - Viva La Vida</u></p> <p>Texto do Principezinho sobre “Cativar” relacionado com o tema da Páscoa.</p>	<p>Música ambiente <u>Now We Are Free (Gladiator Theme) - Violin Cover - Taylor Davis</u></p> <p>Texto sobre os refugiados</p>	<p>Música ambiente: Amar como Deus amou</p> <p>Texto da Reflexão sobre a Páscoa, Fraternidade e imigrantes.</p>

Oração Comunitária Quaresma

1 de abril de 2019

Música ambiente: [FELIZ 2018 DAVID GARRETT](https://www.youtube.com/watch?v=BQgXXLX_wfg)

https://www.youtube.com/watch?v=BQgXXLX_wfg

Jesus contou uma parábola para nos ajudar a perceber a diferença entre os que não se incomodam e os que se preocupam com os outros. Talvez já a tenham ouvido, é a Parábola do Bom Samaritano.

Quando perguntaram a Jesus: "Quem é o meu próximo?" ou seja, "Com quem me devo preocupar?" Jesus contou esta história, a história de um homem que tinha sido assaltado, roubado, espancado e abandonado na estrada. Ao vê-lo, um sacerdote e um levita, duas pessoas muito influentes na época, passaram por ele sem parar. Depois, chegou um samaritano, uma etnia muito desprezada. Aquele samaritano, ao ver o homem ferido, no chão, não o ignorou, como os outros, como se ele não fosse ninguém, mas sentiu compaixão por ele, comoveu-se. Essa compaixão levou-o a agir de modo muito concreto. Derramou azeite e vinho nas feridas daquele homem, levou-o a uma hospedaria e pagou do seu bolso para ele ser tratado.

A história do Bom Samaritano é a história da humanidade de hoje.

O caminho das pessoas está sulcado de feridas, porque o centro de tudo é o dinheiro, são as coisas, e não as pessoas. É habitual que as pessoas que se consideram "de bem", não se preocupem com os outros, deixando para trás tantos seres humanos, populações inteiras, na beirada da estrada. Felizmente, também há aqueles que estão a criar um mundo novo, cuidando dos outros, mesmo à custa do seu bolso. De facto, a Madre Teresa de Calcutá disse: "Não podemos amar, se não for à nossa custa". Temos tanto que fazer, e temos que fazê-lo em conjunto.

Mas como podemos fazer isso, com todo o mal que respiramos?

Graças a Deus, nenhum sistema pode anular a nossa abertura ao bem, à compaixão à capacidade de reagir contra o mal, que nascem no fundo do coração do homem. Podeis dizer-me: "Sim, são palavras maravilhosas, "mas eu não sou o Bom Samaritano, nem a Madre Teresa de Calcutá".

Pelo contrário, cada um de nós é precioso. Cada um de nós é insubstituível aos olhos de Deus. Na noite dos conflitos que estamos a atravessar, cada um de nós pode ser uma candeia acesa, que recorda que a luz vence as trevas, e não o contrário. Para nós, cristãos, o futuro tem um nome, e esse nome é esperança.

Ter esperança não significa sermos ingénuos de forma otimista que ignoramos a tragédia dos males da humanidade. A esperança é a virtude de um coração que não se fecha na escuridão, que não se fecha no passado, que não se limita a viver no presente, mas sabe ver o amanhã. A esperança é a porta aberta para o futuro.

A última mensagem que queria partilhar convosco é sobre a revolução, a revolução da ternura. O que é a ternura? É o amor que se aproxima e se torna concreto. É um movimento que parte do coração e chega aos olhos, às orelhas e às mãos. A ternura significa usar os olhos para ver o outro, usar as orelhas para ouvir o outro, para escutar o grito das crianças, dos pobres, dos que têm medo do futuro. Para escutar também o grito silencioso do nosso lar comum, desta Terra doente e poluída. A ternura significa usar as mãos e o coração para reconfortar os outros, para cuidar daqueles que precisavam.

A ternura não é fraqueza, é coragem. É o caminho da solidariedade, o caminho da humildade.

Obrigado.

Oração Comunitária Quaresma

2 de abril de 2019

Música ambiente: (Comptine d'Un Autre Été- Die fabelhafte Welt der Amélie Piano [Large Version 2010].mp4) https://www.youtube.com/watch?v=2W_G3xmSGfo

No Dia Mundial dos Migrantes e Refugiados, Papa Francisco celebrou na Basílica do Vaticano uma missa em intenção a todos os migrantes, refugiados e requerentes de asilo. No evangelho desse domingo – (cf. Jn 1: 35-42) – os dois discípulos de João perguntam a Jesus: ‘Onde moras?’. A resposta de Jesus é clara: ‘Venha ver!’ Este convite de Jesus é dirigido a todos e é um convite para superar o medo para se encontrar com o outro, para recebê-lo, conhecê-lo e reconhecê-lo. “Na mensagem do dia de hoje, escrevi: ‘Todo estranho que bate à nossa porta é uma oportunidade para conhecer Jesus Cristo, que se identifica com o estrangeiro que foi aceito ou rejeitado em todas as épocas (Mt 25, 35.43)’. E para o estranho, o migrante, o refugiado e o requerente de asilo todas as portas da nova terra também são uma oportunidade para conhecer Jesus”, afirmou.

Desafio:

– Imagine-se a si mesmo como um refugiado, como se você e sua família tivessem sido obrigados a mudar para outro país, outra cultura, uma nova língua, deixando tudo pra trás... Como você gostaria que as pessoas rezassem por si? Refugiados são pessoas comuns com família, sonhos e esperanças. Assim como rezamos por pessoas que conhecemos, podemos rezar pelos refugiados. Neste dia rezemos pelos refugiados para que suas necessidades essenciais de segurança, abrigo, água, comida e cuidados médicos sejam respeitadas. Que o Pai Altíssimo ouça o seu clamor e os leve a um lugar de segurança.

Oração do Papa Francisco pelos refugiados e pelos países que os acolhem:

Deus de bondade,
vivemos num mundo em guerra, feita tantas vezes em teu nome,
sem que aqueles que a fazem percebam o quanto vão contra a tua lei.
Milhares de pessoas são obrigadas a fugir,
para defender a própria vida e a das suas famílias.

Abre o coração de todos,
para que acolham os refugiados
e lhes deem condições para reconstruir a sua vida.
Este mês, também te peço para que haja uma maior colaboração entre sacerdotes e leigos, no
serviço das comunidades cristãs.

Pai-Nosso; Ave-Maria.

Oração Comunitária Quaresma

3 de abril de 2019

Música ambiente:

[David Garrett - Viva La Vida](#)

https://www.youtube.com/watch?v=bZ_BoOlAXyk

Texto do Príncipezinho sobre “Cativar” relacionado com o tema da Páscoa.

A Páscoa é tempo para refletir, mudar e melhorar as nossas relações com os outros. Todos os seres humanos são pessoas de relação, que crescem uns com os outros.

O príncipezinho

- Ando à procura de amigos. «Cativar» quer dizer o quê?
- É uma coisa de que toda a gente se esqueceu – disse a raposa. – Quer dizer «criar laços»...
- Criar laços?
- Sim, laços – disse a raposa. – Ora vê: por enquanto tu não és para mim senão um rapazinho perfeitamente igual a cem mil outros rapazinhos. E eu não preciso de ti. E tu também não precisas de mim. Por enquanto eu não sou para ti senão uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativares, passamos a precisar um do outro. Passas a ser único no mundo para mim. E eu também passo a ser única no mundo para ti...
- Parece-me que estou a perceber – disse o príncipezinho. – Sabes, há uma certa flor... tenho a impressão de que ela me cativou...



Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, Ed. Presença

Oração Comunitária Quaresma

4 de abril de 2019

Música ambiente

[Now We Are Free \(Gladiator Theme\) - Violin Cover - Taylor Davis](#)

<https://www.youtube.com/watch?v=SZUcEmREZ9Y>

A conversão é um voltar a Deus, valorização que implica uma consciência cada vez mais transparente do facto de que estamos de passagem neste itinerário terrestre e que nos impulsiona e estimula a trabalhar até ao final, a fim de que o reino de Deus se instale em cada um de nós. Desta forma, através do amor ao próximo, da justiça, da igualdade, que o reino de Deus chegue a todos como os que sofrem, os refugiados, os imigrantes... Assim, a Páscoa pode ser um caminho para a realização da salvação.

Rezemos por todos os refugiados, sobretudo pelos mais vulneráveis, mulheres, crianças, jovens e idosos que são mais da metade dos refugiados no mundo, para que sejam livres do mal, das pessoas que querem explorá-los, como as redes de tráfico humano, de exploração sexual e de tráfico de órgãos. Ore pelos órfãos, pelas mães que perderam seus filhos... Que a igreja seja uma verdadeira família, uma rede de amor, abrigo e proteção aos mais frágeis.

Oração:

Senhor, rogamos
pelos refugiados no mundo.
Senhor, dá-lhes
alento e esperança!
Anima
médicos e médicas,
enfermeiros e enfermeiras,
voluntários e voluntárias,
dá força às igrejas
e às instituições
que se preocupam com quem sofre
e transforma o nosso mundo

para que afaste as causas
de tantos sofrimentos
e chegue o dia
em que os povos aprendam a viver
em paz e justiça.

A ti, Deus misericordioso,
de que vem a força para agir em justiça,
seja toda a honra e toda a glória,
hoje e sempre.

Em nome de Jesus Cristo, no Espírito Santo. *Ámen.*

Oração Comunitária Quaresma

5 de abril de 2019

Reflexão sobre a Páscoa e Fraternidade:

A conversão é um voltar a Deus, valorização que implica uma consciência cada vez mais transparente do facto de que estamos de passagem neste itinerário terrestre e que nos impulsiona e estimula a trabalhar até ao final, a fim de que o reino de Deus se instale em cada um de nós. Desta forma, através do amor ao próximo, da justiça, da igualdade, que o reino de Deus chegue a todos como os que sofrem, os refugiados, os imigrantes... Assim, a Páscoa pode ser um caminho para a realização da salvação.

Sinónimo de conversão é mudança de mentalidade com esforço no seguimento de Cristo.

O caminho rumo a Páscoa chama-nos precisamente a restaurar o nosso coração de cristãos, que se torna próximo dos que sofrem, dos que vivem mais dificuldades, dos que são perseguidos.

Para assim, reencontrar a alegria do projeto que Deus colocou na criação e no nosso coração: o projeto de amar a Deus, aos nossos irmãos e ao mundo inteiro, encontrando neste amor a verdadeira Fraternidade e Felicidade.

Música: Amar como Deus amou

<https://www.youtube.com/watch?v=vS8aV6zAiQY>